



Adenáuer Novaes

Religião Pessoal

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

RELIGIÃO PESSOAL
ADENÁUER NOVAES



1ª Edição
Do 1º ao 5º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação
Direção de arte: Gabriela Diaz
Revisão: Maria Angélica de Mattos
Revisão de conteúdo: Silzen Furtado
Editor: Gustavo Metidieri
Diagramação: Joseh Caldas

© Copyright 2007 by
Fundação Lar Harmonia
Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
distribuidora@larharmonia.org.br
(71) 3375-1570 e 3286-7796

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-86492-24-2

Todo o produto da venda desta obra é destinado às obras
sociais da Fundação Lar Harmonia

Adenáuer Novaes

RELIGIÃO PESSOAL



F U N D A Ç Ã O

LAR HARMONIA

CNPJ (MF) 00.405.171/0001-09
Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2007

CIP – Brasil. Catalogação na Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP.

Novaes, Adenáuer
Religião Pessoal – Salvador. Fundação
Lar Harmonia, 11/2007.

240 p.

1. Espiritismo. I. Novaes, Adenáuer,
1955. – II. Título

CDD – 139.9

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|---------------------------|-------|
| 1. Espiritismo | 139.9 |
| 2. Psicologia | 154.6 |
| 3. Psicologia da religião | 200.1 |



A Jesus,
ser humano e mestre.





Upanishades

Quando o homem sábio reconhece o Atman, o Eu, a vida interior e, como uma abelha, goza a doçura das flores dos sentidos, e reconhece o Senhor do que foi e do que há de ser, então esse homem ultrapassou o medo.

Budismo

Por mais que, na batalha, se vença um ou mais inimigos, a vitória sobre si mesmo é a maior de todas as vitórias. Sakyamuni.

Islamismo

Eis aqui um aviso inteligível contra aqueles que fazem da sua religião um mero assunto de conveniência terrena. A verdadeira religião é muitíssimo mais profunda. Ela transforma a natureza intrínseca do homem. Depois dessa transformação, será tão impossível, para ele, mudar, como o é, para a luz, transformar-se em tenebrosidade. *Alcorão*, 114ª Surata, Versículo 306.

Cristianismo

Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem e compra aquele campo. Mateus, 13:44.

Allan Kardec

(...) o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; um de seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem e fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. *O Livro dos Médiuns*, Item 24.

C. G. Jung

Não se pode mudar aquilo que interiormente não se aceitou. A condenação moral não liberta; ela oprime e sufoca. A partir do momento em que condeno alguém, não sou seu amigo e não compartilho de seus sofrimentos; sou o seu opressor. Obras Completas, Vol. XI, par. 519.





Sumário

Prefácio	11
Iniciação religiosa	15
Considerações sobre o religioso	21
O real problema religioso do ser humano	27
Religião e religiosidade	34
A palavra religião	39
O que é religião	49
O que há de comum nas religiões	54
Religiões	67
Síntese dos fundamentos das religiões formais	73
Religiões em pequenas sociedades	98
Horizonte espiritual	103
Religião é busca pelo <i>Si-Mesmo</i>	107
<i>Eros</i> e Religião Pessoal	111
O que é Religião Pessoal	116
Religião formal e Religião Pessoal	126
Princípios provisórios de uma Religião Pessoal	130
Características de quem adotou uma Religião Pessoal	137
Como construir uma Religião Pessoal	142
Jung e a Religião Pessoal	146
Religião Pessoal e morte	160
Religião Pessoal e multirreligiosidade	163
Alquimia e religião	166
Manifestação da função religiosa na <i>Psiquê</i>	170



Adenáuer Novaes

Deus	178
Representações do Inconsciente	185
Religião como norma coletiva	190
Espiritismo e religião	196
Arquétipo paterno	203
Ando a procura de uma religião	208
<i>Ego</i> e Espírito	210
Religião e política	213
Oração da Religião Pessoal	216
Glossário	221



Prefácio

Contemplando a mente do homem primitivo, quando nada elaborado ali havia, sem uma consciência madura de seu próprio *ego*¹, mesmo assim, é possível constatar a existência de um elemento que o impulsionava, além da necessidade de sobrevivência. Naquela mente, detentora de pouquíssimos e rudimentares elementos conscientes, com um escasso repertório de habilidades intelectivas para a compreensão de si mesmo, também se encontra uma marca indelével – seu, até então, inconsciente desejo de buscar-se, de entender-se e sua própria ânsia de viver. Não sabe ele que, um dia, essa busca se tornará consciente e contará com a condução da religião formal. Sua mente, apta a captar a realidade, inicialmente atenderá aquele impulso primal construindo tão somente imagens, para depois, quando possuir novos implementos intelectivos, elaborá-las no formato de conceitos. Encerrado num corpo, limitado por condições inerentes à sua evolução, ali se encontra o espírito no início de mais um ciclo existencial. Mesmo enclausurado, não está à deriva, pois conta com estruturas psíquicas (arquétipos) que o conduzirão naturalmente ao encontro mágico e especial consigo mesmo.

¹ Alguns termos de origem psicológica podem ter seu significado melhor compreendido ao final do livro, no Glossário.



Será longa, laboriosa e proveitosa a jornada, permeada por incontáveis desafios e imprevisíveis experiências, as quais, aqueles que lêem estas páginas já entenderam a importância de tê-las vivido. O espírito fará sua jornada como um herói que se lança ao objetivo sem que tenha a consciência plena de tudo que enfrentará. Do início da jornada, desde que adquiriu a consciência humana, até os dias de hoje, por conta de inúmeras e incontáveis experiências, reforçou sua estrutura psíquica, tornando-a apta a novos desafios. Sua organização mental já o permite escolher, renunciar, ousar e compreender melhor os desígnios divinos. Já não se encontra mais na infância, muito embora ainda se perceba em atitudes imaturas e inconseqüentes.

Nessa jornada, que é vivida dia após dia, ainda se descobrirá projetado no que acreditava ser Deus, para, só depois que amadurecer no sacrifício do trabalho humano, perceber-se como sendo a própria natureza divina se realizando.

As experiências religiosas ligadas ao sagrado se tornam, ao longo da jornada, forjadoras de importantes paradigmas para a compreensão de sua natureza como espírito e também para o entendimento do que supõe ser Deus. Serão aquelas experiências que lhe fornecerão os dispositivos psíquicos capazes de lhe fazer assumir quem é o espírito em si mesmo. Nesse sentido, as crenças religiosas e seus cultos, nos quais vivenciou a fé e o contato com o sagrado, deram-lhe as bases para a construção de uma *psiquê* saudável. Enquanto no corpo, vive experiências de contato com as forças divinas consideradas instintivas; fora dele, realiza sua dimensão espiritual transcendente. Em ambas apreende os princípios das leis de Deus, fundamentais para novos cometimentos.

No percurso, apega-se a valores que acredita superiores, negocia favores considerados divinos, cria sistemas internos de proteção que, em sua maioria, ao invés de libertá-lo, aprisiona-o. Consolida uma fé que terá de rever mais tarde. Enrijece sua mente com dogmas oriundos de crenças pueris, tendo depois que flexibilizá-la para prosseguir em seu processo de iluminação pessoal.

O ser humano de hoje, mesmo depois de milênios de evolução, ainda se assemelha ao primitivo, pois cambaleia na direção de Deus, tateando no escuro de suas próprias fantasias religiosas. Ainda reza para Deus e ajoelha-se diante da matéria. Não entende que a divindade não se opõe à matéria, pois a grande dialética é ele mesmo e Deus, Deus e Espírito, aparentes opostos que necessitam de conciliação na *psiquê* consciente.

O ser humano é o mesmo espírito que vem, há milênios, buscando se encontrar. Seu olhar ainda não é completo. Seu instrumento para isso, o *ego*, ainda não está totalmente maduro. Muitos fatores interferem em sua percepção. Ele ainda não aprendeu que não precisa ver tudo, mas apenas o essencial. Deve entender que, para conhecer as coisas, é preciso dar a volta sobre si mesmo, olhando para seu próprio mundo interior. Não percebe, em sua momentânea cegueira, que Deus se escondeu em seu inconsciente. Acumula muita coisa no seu egoísmo e orgulho em excesso. Chegará um tempo em que estará pronto para encontrar e perceber a divindade.

Um dia, quando liberto de seus próprios medos e preconceitos, tecidos pela ignorância em relação ao divino e a si mesmo, alcançará a liberdade de pensar uma Religião Pessoal. O caminho será longo, mas extremamente valioso para si mesmo. Quando então iniciar seu processo de vivência da Religião Pessoal, sofrerá reveses

por conta das próprias armadilhas que criou, medroso de se perder nos labirintos complexos de sua *psiquê* religiosa. E os reverses acontecerão por conta, principalmente, do desejo infantil de salvar-se de algo que idealizou como sendo uma tragédia. Inconscientemente acredita que um grande perigo o ameaça e que o levará a ser banido eternamente. Teme o que ele próprio construiu. Sua mente ainda está estruturada na dialética bem x mal. Teme o abandono divino, qual criança apegada à mãe, temendo perder-se dela.

Uma vez iniciada a jornada, não haverá retorno. O caminho é inexorável, ao encontro de si mesmo e da máxima possibilidade de comunhão com Deus. Descobrirá que a atitude religiosa é o íntimo e mais profundo encontro com os limites da essência humana, percebendo que o sentimento religioso lhe permitirá superar as fronteiras do humano, tocando o divino.

Convido o leitor a fazer a jornada da religião formal à Religião Pessoal, sem receio de se perder de si mesmo. Ao contrário, ao encontro de sua verdadeira essência – a espiritual. Não preconizo uma nova religião, nem seita moderna, nem culto diferente, mas simples conexão, no sentido de íntima ligação, do humano com o divino, sem as regras inconscientemente estabelecidas desde a infância da humanidade.

Este livro apresenta algumas reflexões para a construção de uma Religião Pessoal. O seu título não sugere a constituição de uma religião egoísta nem tampouco o desrespeito às existentes. É apenas uma proposta pessoal para a internalização daquilo que o sagrado tem a revelar. A Religião Pessoal é aquela adotada por cada pessoa, na vivência do arquétipo do sagrado, visando sua conexão mais profunda com o princípio Criador da existência humana.



Iniciação Religiosa

Minha educação religiosa se deve a múltiplas experiências, não provindo de uma única escola ou de rígida formação doméstica. Vim de uma família de raízes católicas, porém sem que ninguém se aprofundasse nos estudos religiosos, como é comum aos seus adeptos. Não se fazia grandes investimentos na consolidação da fé, pois a cidade em que vivia era pequena e sem instituições e pessoas que se dedicassem aos estudos aprofundados. Naturalmente segui por um caminho pessoal e pela prática dos fundamentos da fé incipiente que possuía.

Meu pai era militar, mas não era duro com os filhos nem lhes aplicava qualquer disciplina exagerada. Era um homem bom e preocupado com os estudos dos filhos. O que mais o aproximava dos preceitos religiosos era a disciplina. Fora isso, não me lembro de ter ouvido dele qualquer referência a religião. Minha mãe era católica. Várias vezes a vi rezando o terço ou falando de sua fé em Deus. Cuidava para que os filhos fossem batizados; nada além disso. Só nos levava à missa em ocasiões especiais. Era uma mulher envolvida com o desenvolvimento de seus filhos, preocupada em que eles se tornassem pessoas bem sucedidas.

Posso dizer que cresci sem formação religiosa consistente. Religião não era assunto tratado nas reuniões de



família, nem se recorria à fé para a solução de problemas domésticos. A principal preocupação de meus pais era com a educação intelectual formal. Não me lembro de diálogos específicos sobre religião.

A cidade onde nasci era um pequeno povoado ao norte da Bahia, cuja cultura religiosa preponderante era a católica. O que devo ter aprendido a respeito veio das experiências na escola e no meio social. Não havia drogas ou violência. O mal era o sexo e o bem era a prosperidade material. Palavras religiosas não me faziam efeito. Nunca tive medo de diabo, demônio ou de espíritos malignos. A palavra Deus me levava a pensar num homem velho e bonachão. Não cresci com condicionantes religiosos que pudessem nortear minha busca espiritual. Os que possuía eram inconscientes, pré-existentes ou assimilados da consciência coletiva.

Na adolescência, ingressei em escolas militares, onde aprendi novamente a disciplina. Nelas não tive nenhuma educação religiosa formal. Meus medos não me levavam à necessidade de proteção religiosa, mas de ajuda paterna. Como bom militar, meu pai me ensinava a encontrar em mim mesmo a fortaleza para as adversidades. Achava a religião algo pueril e portador de fragilidade.

Comecei a me interessar pelo Espiritismo e simultaneamente pelo Cristianismo no final da adolescência. Isso não se deveu a uma doença ou a uma necessidade consciente de uma religião. Fui levado à religião por um impulso inconsciente de querer transcender e por uma imperiosa necessidade de realizar meu próprio destino preconcebido espiritualmente. Isso aconteceu quando tinha dezessete anos e estudava numa escola militar em São Paulo. Fora uma simples passagem por um grupo de estudos espíritas, sem me aprofundar nos ensinamentos.

Isso só veio a acontecer de fato aos vinte e um anos, quando ingressei num Centro Espírita a convite de um amigo, levando a sério e de forma disciplinada os estudos das coisas do espírito.

Retornando da escola militar, decidi por uma profissão que exigisse de mim os conhecimentos das ciências exatas, pois me saía muito bem nas disciplinas pertinentes. Minha graduação em Engenharia Civil possibilitou-me um olhar espacial, concreto, topológico e ordenado das experiências da vida. Sentia-me conectado à realidade e bem sucedido profissionalmente. Gostava do reconhecimento de minha competência e seriedade técnica. A engenharia me pôs em condições de neutralidade para absorver melhor o conhecimento religioso, permitindo-me estruturar matrizes psíquicas diferentes das promovidas pelas religiões. Não teria necessidade de mudar de religião, mas de construir uma pessoal. Em paralelo, fazia minha formação espírita sem seguir nenhum modelo ou líder existente no movimento. Isso me blindou contra a imitação caricatural reinante de um estereótipo religioso, distanciado do bom senso e da capacidade crítica necessários à construção do saber.

Minha graduação em Filosofia, poucos anos depois de me iniciar de fato no Espiritismo, permitiu-me uma ampla visão crítica não só das escolas filosóficas como também de minhas próprias crenças. Cotejava o que aprendia no Espiritismo com os conhecimentos das escolas filosóficas gregas. Bebia as idéias como quem saciava uma intensa sede. A dialética Platão x Aristóteles me encantava, ao lado dos escritos de Allan Kardec e do espírito Emmanuel, este último pela psicografia de Chico Xavier. Meus conhecimentos de engenharia se associavam aos de filosofia para uma compreensão melhor da realidade

Adenáuer Novaes

espiritual. Não me contentava com o simples saber, pois já participava de reuniões mediúnicas de contato com o espiritual, além de me dedicar ao trabalho de promoção social numa comunidade de extrema pobreza material e espiritual. Construía minha religiosidade no tripé constituído pelas ciências exatas, pela Filosofia e pelo Espiritismo. Dentro de mim se forjava uma consciência do valor do saber, do respeito ao outro e da amplitude da vida espiritual. Vivia com um sentimento íntimo de felicidade e de conexão profunda com algo maior do que tudo que me diziam a respeito de Deus. Meu universo interior era maior do que o externo, incluindo-o.

Posteriormente, já entrando na meia-idade, decidi por me graduar em Psicologia, pois ansiava por uma profissão intimista, voltada para o estudo da mente. O Espiritismo me fez ir em busca de algo mais do que a afirmação de que somos todos espíritos imortais. Queria saber como funcionava a mente humana. Queria saber o que era o pensamento, a memória, o inconsciente, a vontade, o instinto, a razão, o eu, entre outros elementos que compõem a alma humana. Ingressei na universidade e completei meus estudos de psicologia, dedicando-me profissionalmente à atividade clínica, pós-graduando-me em Psicologia Analítica. Meus estudos da Psicologia de C. G. Jung² deram-me o filtro necessário para uma maior compreensão do que se passava comigo mesmo. Minha formação acadêmica e religiosa se ampliava, ganhando o quarto componente que faltava – a psicologia junguiana.

Por outro lado, queria uma religião que tivesse a serenidade e profundidade do Taoísmo, as múltiplas possibilidades de expressão do Hinduísmo, a amorosidade e

² Psiquiatra, suíço, que viveu de 1875 a 1961.

solidariedade do Cristianismo, a espiritualidade e harmonia do Espiritismo, mas que também me permitisse seguir minha própria essência consciente. A essa forma própria de viver a religiosidade, chamei de Religião Pessoal. Não se trata de uma mistura de religiões, muito menos de uma nova religião. Tampouco é uma crença artificial, construída do melhor das religiões. É, de fato, uma Religião Pessoal, portanto única para cada indivíduo.

Restava agora a construção de minha Religião Pessoal. Isso veio se dar após alguns anos de exercício profissional, culminando com a implantação de uma organização não-governamental dedicada à educação de crianças em risco social. Não me via mais como um teórico nem como um fomentador de idéias para os outros. Tinha que viver uma vida que contivesse o que acreditava e o que pregava.

Desenvolvi um senso de respeito à religião do outro, oriundo da idéia de que construía minha própria forma de viver o Espiritismo. Percebia que praticava uma religião diferente do que chamavam de religião espírita. Agrada-me bastante a possibilidade de manifestação do sagrado através de vários cultos e formas diferentes de sentir o *numinoso*. O Espiritismo não era uma simples religião de culto semanal, mas uma forma de entender a vida e os mistérios do universo. Não desvendava tudo, mas retirava os véus das pseudo-verdades para a compreensão de algo ainda maior que viria.

Ao estudar as religiões, senti-me na obrigação de desmistificar minha idéia de Deus e de desconstruir o que tinha constituído como fundamentos de minha concepção de Deus. A compreensão do Taoísmo foi importante para isso. Não me distanciei dos ensinamentos de Allan Kardec nem me coloco acima dos que viviam o Espiritis-



Adenáuer Novaes

mo como uma religião formal. Entendo que, para cada
consciência, um culto; para cada indivíduo, um sistema;
para cada pessoa, uma verdade.





Considerações sobre o religioso

Convido o leitor a um estado de consciência específico para uma melhor compreensão deste livro. Tal estado exige que se isente momentaneamente da influência de sua religião formal, tornando-se um livre pensador. Como tratarei de religião, espero que o leitor acompanhe o raciocínio de um ponto de vista não exclusivamente lógico-racional, mas principalmente utilizando sua intuição.

Sem defender especificamente qualquer delas, analisarei religião como um fato psíquico com conseqüências na vida prática do ser humano e na sociedade.

As religiões são dinâmicas, obedecem ao movimento da *psiquê*, sob o influxo de contingências supra-arquetípicas. São acontecimentos que primeiro ocorrem no inconsciente, para depois se manifestarem na consciência. A atitude religiosa é posterior a ambos. Na consciência se manifesta como um símbolo. As contingências supra-arquetípicas são aquelas a que o ser humano está obrigatoriamente submetido e que não sabe como mudá-las. Submete-se a elas porque está inserido num Universo gerado supra-arquetipicamente.

Escrever sobre religião sem estar abrigado em princípios e regras de qualquer delas é muito difícil. É como acreditar, quando se está envolvido sentimentalmente com



Adenáuer Novaes

alguém, que se pode atingir a isenção emocional ao se referir à pessoa. Mas como analisarei as manifestações religiosas do ponto de vista psicológico, correrei menos risco de fazê-lo de forma passional. Ademais, como espírita, inclino-me a uma adoção universalista em termos de religião coletiva. Refletir e teorizar sobre religião buscando não se guiar pela própria experiência religiosa é tão difícil quanto navegar sem uma carta náutica. Deve-se fazê-lo margeando a costa para não se perder no mar aberto.

Não é fácil abordar temas relacionados à religião, não apenas em face da transcendência inerente ao tema como também pelo fato de se estar lidando com algo que se origina na *psiquê* coletiva, raiz profunda do psiquismo humano. Corre-se o risco de se perder em subjetividades muito distantes da compreensão comum.

Tome-se como ponto de partida a construção dos mitos na mente humana. A não compreensão de sua natureza, a ignorância a respeito de tudo que cercava o ser humano primitivo, a falta de experiências significativas que forjassem proteções não mágicas e a ignorância relativa aos perigos à sua volta colocaram o ser humano suscetível à construção do mito. O mito simboliza aspectos psíquicos coletivos. Não são construções individuais, mas fruto da dimensão coletiva da alma humana.

O mito é uma construção psíquica favorável à manutenção do equilíbrio da consciência. Sem ele, o ser humano estaria à mercê dos perigos de seu próprio inconsciente. Ele é forjado automaticamente para a manutenção da relação entre a consciência e o inconsciente. Os primeiros mitos que apareceram na consciência foram palavras ou expressões verbais, que depois foram transformadas em sinais. Posteriormente surgiram os mitos

cosmogônicos e os que tentavam explicar o comportamento humano. Entre todos os mitos, os que representavam aspectos religiosos da *psiquê* humana são de fato os forjadores das religiões coletivas. Muitos ainda permanecem vivos, e outros foram dissolvidos pela compreensão adequada de seus significados. Mitos nascem e morrem cotidianamente. Suas raízes se encontram no mistério, na complexidade e nas profundezas do psiquismo humano. Alguns dogmas religiosos apontam diretamente para eles. São indecifráveis como o é a natureza de Deus.

O principal mito humano é o do encontro com Deus. Antes de se resolver essa questão interna, ter-se-á de se entender o problema da idéia que se faz a respeito de Deus. Como a idéia de Deus se apresenta de múltiplas formas, e de acordo com cada religião, Deus, em si, é o grande mistério. Todos os mitos criados coletivamente decorrem da ignorância humana a respeito do Universo, portanto, em última análise, de Deus. A *psiquê* humana constrói inconscientemente os mitos, liberando a *energia psíquica* dirigida para a busca do divino. O desejo, condenado por algumas religiões como aquilo que impede a iluminação por fortalecer o egoísmo, se confunde com a própria energia psíquica. Lutar contra o desejo humano, egóico, é remar contra a própria vida e todas as possibilidades de experiência. É um equívoco de lesa existência.

É óbvio assinalar que tudo que ocorre no Universo vem de Deus. Essa afirmação, porém, é um limite ao raciocínio humano. É preciso pensar mais além, ou melhor, antes disso, levantem-se questionamentos: A religião é algo que vem de Deus, considerado como vindo de fora, portanto, algo externo, ou, ao contrário, é uma criação humana, portanto, que vem de dentro? A religião é um fenômeno humano ou divino? As respostas devem consi-

derar a religião também como um fenômeno psicológico inconsciente. Isso quer dizer que o fenômeno tem propósitos divinos, mas tem seu desenvolvimento e continuidade através da consciência humana. Importa assinalar que o fenômeno religioso tende a se tornar consciente, logo, sujeito a modificações significativas no decorrer da evolução do espírito. Esse fenômeno proporcionará a ascensão da Religião Pessoal.

O processo psíquico que torna a experiência um fenômeno religioso ocorre de forma sutil e imperceptível à consciência. Quando o ser humano se conecta a algo religioso, em seu íntimo, seja por um pensamento ou por um sentimento, ocorre a aproximação do que existe de mais sensível e vulnerável em sua *psiquê*. Naquele momento é que se dá a conexão com a fronteira entre o conhecido e o desconhecido. Ali há um abismo que necessita ser ultrapassado. Chamo esse momento de conexão *experiência essencial*. É ela que favorece o contato com o *numinoso* e o transcendente. É ela que proporciona os estados alterados de consciência na ascese mística.

A consciência desse processo tem sido cada vez maior no mundo moderno, porém ainda imperceptível às religiões formais, que vão lentamente se modificando, mas não o suficiente para alcançar a individualidade de cada um. Seus dogmas demoram muito para se dissolverem, mantendo alguns mistérios.

Os princípios ou dogmas que compõem as grandes religiões apontam para um conjunto de arquétipos. Prestam-se à materialização, pela via *numinosa*, de determinantes do pensamento e comportamento humanos. As dissidências existentes no seio das grandes religiões (O Budismo nasceu do Hinduísmo, o Cristianismo e o Islamismo nasceram do Judaísmo, o Protestantismo e o

Catolicismo, do Cristianismo, entre outros) atestam que o conjunto de arquétipos se alternam lentamente, dando lugar a determinantes psíquicos mais adequados a cada fase da evolução humana. O dogma aponta para o desconhecido, para o arquetípico e o supra-arquetípico. Sua preservação é uma forma de fuga do significado; a busca transcendente pelo seu significado proporciona crescimento espiritual.

A forma de exteriorização do arquétipo religioso da *psiquê* mais predominante na atual fase da humanidade é a que estimula a vivência da espiritualidade. Isso significa que o indivíduo tende a viver a dimensão espiritual na vida social, principalmente nas dimensões ética e ecológica, além de tender a estar inserido em atividades que contribuam para a geração de prosperidade pessoal e coletiva.

A distinção entre espiritualidade e religião tem se tornado mais evidente, principalmente em sua prática. Agir com espiritualidade não requer a adoção de uma atitude religiosa formal, mas de um compromisso pessoal com o seu próprio processo de evolução e com a responsabilidade social. Quando a atitude religiosa de um indivíduo se apresenta a serviço do processo de encontro consigo mesmo e do significado da existência, levando-o a se tornar uma pessoa autônoma, comprometida com o coletivo, torna-se espiritualidade. A prática religiosa contribui para o estabelecimento do equilíbrio psíquico. A vivência da espiritualidade flexibiliza o religioso, reduzindo os riscos da dogmatização.

A religião tem sido considerada uma tentativa de por ordem ao caos interior, povoado pelos “demônios” inconscientes. Por força do aparecimento de filosofias e conhecimentos novos, ela é convidada a resolver anteci-

Adenáuer Novaes

padamente o mistério do desconhecido após a morte. Os “demônios” estão dando lugar à necessidade de fundamentar a própria existência humana e isso requer muito mais do que manter dogmas. Há necessidade de se materializar a unidade interior na crença em um Deus diferente do apresentado pelas religiões formais. O novo Deus deve conseguir harmonizar o próprio ser humano e a sociedade. Um novo ser humano nasce com mais compaixão e amor. A religião deve ser capaz de conciliar o bem e o mal internos, criados pela convivência.



O real problema religioso do ser humano

As tradições religiosas representam tendências coletivas humanas de busca e manifestação do aspecto psíquico relacionado ao sagrado. Os dogmas religiosos apontam para o obscuro que a consciência não conseguiu ainda decifrar. As religiões não são criações individuais, mas a via pela qual o espírito procura entender-se e explicar-se. A busca pelo encontro com Deus é tão somente o formato do convite que a própria divindade faz ao ser humano para que ele se encontre consigo mesmo. Nessa busca por Deus, ele conseguirá responder à dúvida sobre quem ele é, para que foi criado e como realizar-se a si mesmo.

As religiões têm sido úteis como balizadoras dessa busca, mas não são os únicos meios nem tampouco são suficientes. Seus adeptos, após algum tempo, esgotam as possibilidades de conexão com o sagrado pelas mesmas vias preconizadas por sua religião. O que um dia foi impulsionador, tornou-se limitante. A cristalização de práticas religiosas ao longo da vida deixa de alcançar os objetivos *numinosos* a que se propunham inicialmente. O ritual, com o tempo, já não atenderá mais à necessária conexão transcendente que impulsiona a *psiquê*, consequentemente o espírito, para vãos maiores.



Para alguns, a mudança de religião poderá se configurar como alternativa viável para a continuidade da busca, porém nem sempre isso surte efeito. Outros preferem abandonar suas tradições religiosas, seja por desilusão, seja porque já integraram seus conteúdos.

O problema religioso, o encontro do espírito com sua máxima essência, se desdobra em outros, como se fossem degraus de uma escada para um patamar superior. Durante a caminhada para o encontro régio, o espírito conseguirá resolver o sentido da própria existência, o significado da vida e da morte, o conceito de Deus, quem de fato ele é, além de atender à manifestação da função religiosa da *psiquê*, para o que a religião deve contribuir a todo momento, oferecendo possibilidades de compreensão do sentido da existência humana. Afirmar que a existência, a qualquer tempo, é extemporânea, isto é, não é real nem deve ser creditada ao momento presente, é o mesmo que negar a consciência. Transferir a explicação da existência humana na matéria para o Além obrigará a que se encontre um significado *a posteriori* para a existência no mundo espiritual. A existência a que me refiro é a do espírito, tanto no corpo quanto fora dele. A existência humana, na matéria ou fora dela, é um dado *a priori*, condição de partida para o pensar. Não é um problema, mas uma condição. Não é possível o não viver. Não há a não existência. A existência humana é a revelação da própria divindade. Enquanto experiência, deve ser vivida exaustiva e intensamente. A existência humana é a condição para a aquisição de tudo que é possível ao humano.

Cabe a discussão a respeito do para quê a existência, ou seja, o que fazer dela, tanto no momento presente quanto em relação ao futuro. Essa deve ser a constante interrogação do espírito. Questionar-se sobre o que fazer

na vida ou como vivê-la, de acordo com o que dispõe de habilidades e capacidades para tal. Deve ter uma preocupação sobre a função da vida e não necessariamente sobre sua causa geradora, pois essa é inacessível.

Então, qual a função da vida? Ser vivida em busca de competências adquiridas nas diversas experiências, capacitando-se para a compreensão a respeito de si mesmo. Nesse sentido, toda experiência humana, mesmo aquelas moralmente condenáveis, deve ser compreendida como eliciadora de conhecimentos e competências. Isso não significa a pregação do imoral e do vicioso, mas apenas a compreensão de sua ocorrência como pertencente ao humano.

A explicação da existência humana mediante a afirmação de sua origem divina e de uma destinação que a ela retorne parece evasiva, pouco compreensiva, portanto, incompleta. As religiões deveriam oferecer mais subsídios e profundidade à questão. A afirmação básica é de que a existência humana é um fenômeno inerente ao absoluto. Não existe seu contrário. Isso não significa que não se possa teorizar sobre a existência humana. Mas sua explicação não se deduz pela lógica convencional, razão pela qual o pensar não é suficiente para justificar sua realidade, mas apenas a do próprio pensar. Cabe ao ser humano realizar sua existência, atualizando-se a cada experiência, visando sempre uma maior compreensão a respeito de si mesmo. A religião deve oferecer menos respostas e mais incentivos à vida no corpo.

Em consonância com o significado da existência está o da vida e da morte, portanto, do ciclo em que o ser se encontra inserido. A vida e a morte são dois fenômenos que delimitam um campo de concepção psicológica para a percepção e compreensão das experiências do es-

pírito. São ritos de entrada e saída para a constituição de bases estruturais do espírito. Não devem ser encarados como marcos absolutos para o espírito, mas momentos identificadores de etapas de um processo maior pertencente ao ciclo da sua fase reencarnatória. Nascer e morrer são processos repetitivos do existir. Nascer e morrer é como o acordar e o dormir a cada ciclo diário. Deve-se encarar a morte de alguém, sobretudo a sua própria, como um processo natural, necessário e a ser aguardado como se espera o nascer de uma criança. Não lidar com a morte dessa forma é encarar a vida de forma pueril.

O espírito, ao se perceber identificado nas características de sua personalidade, deve viver a vida de forma intensa, sem medos, correndo riscos e confiantes na sua imortalidade. A morte não deve ser apontada como vilã, contrária à vida, mas como passagem para o início de um novo *ego*. A religião deve ensinar aos adeptos a encarar a morte dessa forma, não deixando de valorizar a própria vida.

A transcendência, o êxtase religioso, os estados alterados de consciência devem ser considerados como eventos que sinalizam a transitoriedade da conexão corpo-mente. A vida no corpo é a conexão do espírito com as entranhas de Deus. A vida no corpo deve ser encarada como ponto de inflexão com a materialidade divina. A morte deve ser considerada como ponto de inflexão com a espiritualidade divina. Sua proximidade, seja por acidente, doença grave ou velhice, deve ser vivida em meio a certo planejamento de conformidade do eu. O medo, a lamentação e o estresse devem ser substituídos pela tranquilidade da consciência imortal. Tal estado não decorre de crença, mas de internalização de paradigmas universais adquiridos nas experiências adredemente buscadas

na segunda metade da vida no corpo. Essas são as experiências de contato mediúnico, que devem ser buscadas por todos. Elas favorecem o estado de tranqüilidade da alma em relação à morte.

A vida espiritual apresentada pela religião deve ser considerada, como de fato é, como algo futuro a ser vivido, mas também como um presente que simultaneamente acontece para outros. É uma vida dinâmica, que se modifica constantemente como a própria vida no corpo. Ela acontecerá da forma como melhor aprover à evolução do espírito.

As visões ou concepções estáticas a respeito do depois da morte estreitam as possibilidades de aprendizado diante da vida no corpo. A atualização das concepções a respeito da vida espiritual deve se tornar preocupação da religião. Se assim não for, a religião se cristaliza nas formas iniciais de manifestação do arquétipo que a gerou.

O conceito de Deus é o fator decisivo para a existência, ou não, do real problema da vida humana. Da concepção que se faça de Deus derivam os demais problemas da religião. Lida-se com Deus como se o concebe, isto é, a idéia de Deus é a questão. É inconcebível que se tenha a mesma idéia a respeito de Deus em todas as épocas e nas diferentes culturas. Numa mesma cultura, por força da evolução material e moral, pressupõem-se modificações nas concepções a respeito de tudo, principalmente dos assuntos cosmológicos. Toda concepção humana é provisória, também a de Deus.

As religiões devem incorporar novas cosmologias, apresentando-as aos seus adeptos, favorecendo, assim, o livre pensar. Ao afirmar que Deus é algo, deve-se ter em mente que se está fazendo uma inferência conceitual, isto

Adenáuer Novaes

é, emite-se uma idéia, mas não uma realidade concreta. Por exemplo, ao afirmar que Deus é imutável, não se está falando de uma propriedade de Deus, mas de uma característica de idéia que dele se faz. Tudo que se diz a respeito de Deus é humano porque se afirma sobre a idéia que dele é feita. As religiões devem oferecer concepções menos escravizantes, alienantes e que não favoreçam um certo enrijecimento psíquico.

A resposta à pergunta Quem sou? está diretamente relacionada ao conceito que tenho de Deus. Sou uma singularidade divina, *sombra* da idéia que faço a respeito de Deus. Sou a parte que concebe o todo, individualidade que inclui a totalidade. Sou a consciência da essência que me permite a visibilidade das entranhas de Deus. Vivo para a consciência suprema realizar-se na minha manifestação. Sou, pelo exclusivo interesse da Divindade, para que me torne agindo para o que fui gerado. Sou para aquele que me criou, nele me percebo. Não lhe pertenco nem dele me desgarrei, pois sou o que nele se realiza. O outro, meu próximo, é meu espelho, cujo polimento e integridade constituem tarefa pessoal que contribui para encontrar-me comigo mesmo. Sou espírito imortal, farol de Deus nas múltiplas dimensões do Universo. Sou mais do que imagino que sou e menos do que minha vaidade e meu orgulho me situam. Sou o poder estruturante da matéria, que me cabe quintessenciar. Nela me movo como quem manipula as ferramentas de Deus. Meu poder é meu desejo, que me lança aos propósitos divinos. Minhas crenças, valores e concepções são as balizas que construo para o Universo dentro de mim mesmo. Minha mente é meu principal instrumento de consecução dos objetivos a que me proponho. O conhecimento de seu funcionamento é uma chave para a evolução de mim mesmo. Sou um ser



sem fim, portanto, não necessito de salvação, mas de constante aperfeiçoamento e crescimento espiritual. Nada me destruirá ou me fará retroceder na destinação para a qual fui gerado.

Minha religião é a conexão profunda, misteriosa e inquebrantável com aquele que me gerou.

Definir-me, inserindo-me num contexto divino, estabilizando minha mente num processo dinâmico de desenvolvimento espiritual, sentindo-me em conexão comigo mesmo e com o próximo, prepara-me para o encontro da solução do real problema religioso.



Religião e Religiosidade

Na essência dos ensinamentos das religiões, existe uma tendência comum em torno de se alcançar a atitude moral equilibrada. Em todas elas, pode-se observar uma pregação constante na permanente busca pelo inefável, incognoscível e transcendente. Nem sempre o caminho a ser percorrido pelos adeptos consegue atingir esse alvo, pois cada ser humano possui seu repertório de experiências que balizará sua relação com a religião. Fundamental é que se perceba, além do aspecto concreto que existe do divino até o ser humano, o que há psiquicamente, isto é, o repertório de experiências acumuladas no inconsciente humano, que interferem no caminho a ser percorrido. O ser humano constrói uma Religião Pessoal, independentemente do que lhe acontece externamente, por conta da percepção própria a respeito do sagrado.

Os termos religião, atitude religiosa, religiosidade, espiritualismo, inquietação mística, ascese mística, entre outros, nem sempre se referem aos mesmos objetos de interesse. A criatura humana, mesmo estando consciente de que busca algo superior para a compreensão de si mesmo e do universo que a cerca, nem sempre sabe de fato o que quer. Sofre influências inconscientes, oriundas de suas próprias experiências pregressas, que a levam a acreditar cada vez mais em algo distinto do que conscientemente



deseja. Medos e anseios pueris interferem na sua compreensão, levando-a muitas vezes a buscar salvasões mágicas e inconseqüentes.

A adoção de uma religião parece ser um ato exclusivamente aleatório de seu livre-arbítrio ou resultante de um chamado divino, neste caso externo. Deve ser também considerada uma necessidade psicológica, portanto, interna. Nesse último aspecto, uma condição coletiva contra a qual não se pode resistir. Uma tendência humana forjadora da cultura e dos valores. Nesse sentido, de existir um imperativo psicológico inconsciente, a autoridade religiosa que norteia a busca espiritual do ser humano não deve ser externa (um livro, um líder religioso, um depoimento de alguém, um governo etc.), muito embora possa se iniciar dessa maneira. A autoridade real deve ser a própria consciência humana, a partir das experiências adquiridas em suas vidas sucessivas, conduzidas pelo sentido que atribui a sua vida atual e futura. Sobre a tendência inconsciente deve prevalecer uma atitude consciente. Nas organizações religiosas de pequenas comunidades, as escolhas individuais se estruturam contaminadas pelo arquétipo dominante que atua em seus líderes. Só a maturidade do *ego* pode fazer a consciência assumir a atitude religiosa.

Religiosidade é a tendência ao sagrado, isto é, ao que transcende o humano para além dele mesmo. Necessariamente não obriga o ser humano à adoção de uma religião. Quando a religião é adotada, a religiosidade adequou-se, podendo resultar, ou não, em estagnação da consciência que deseja realizar-se. A religião formal tende a permitir um certo alívio da tensão provocada pelo inconsciente, que impulsiona o *ego* na direção do sagrado. A religiosidade o impulsiona para a compreensão de si mes-

mo, assimilando os conteúdos inconscientes, direcionando sua energia para a compreensão da realidade e de sua existência no mundo.

O conhecimento a respeito das coisas do espírito, vindo do Espiritismo ou de outras religiões mediúnicas, do Hinduísmo, do Cristianismo ou de crenças esotéricas, deve ser utilizado para a formação da Religião Pessoal. Por enquanto ele ainda é elemento da curiosidade da consciência pueril da humanidade, usado como sistema de proteção contra o medo e o desconhecido. Em face da infância espiritual do ser humano, tal conhecimento é misturado com credices e superstições, que apenas atendem ao anseio coletivo de aliviar as tensões inconscientes. Ainda não estão a serviço da religiosidade nem da formação da Religião Pessoal, muito embora sirvam à atualização do arquétipo, necessitando da conscientização adequada pelo *ego* para a internalização do resultante das experiências vividas.

É importante ressaltar que a religião coletiva não se constituiu num conjunto coeso de normas e regras interpretadas e aceitas integralmente por todos. Tampouco se deve pensar que a totalidade dos adeptos de uma religião tem a mesma consciência de seus princípios, bem como a praticam da mesma forma. Na realidade, os adeptos das grandes religiões vivenciam o sagrado de diferentes formas, mas preferem estar abrigados sob o manto protetor da coletividade a assumir, cada um, sua singularidade. Pode-se dizer que não existe religião uniforme, pois na realidade seus diversos nomes são denominações oriundas de algum fato gerador *numinoso*. Foram geradas por um fenômeno místico e transcendente e se diversificaram quando se confrontaram com o processo de simbolização da *psiquê* de cada indivíduo. O novo (cli-

ma, tradições, linguagem, etc.), as experiências coletivas de cada povo e as experiências de vidas passadas são responsáveis pela multiplicidade de expressões religiosas.

O número de religiões cresce ao surgimento de cada novo paradigma que se estabelece. Essa tendência é fruto do processo de amadurecimento da *psiquê*, bem como do distanciamento do mito que deu origem àquela religião. Todos possuem sua Religião Pessoal, muito embora não tenham consciência ou coragem de assumir. Vivem-na na intimidade de sua consciência, muitas vezes receosa de manifestar autenticamente o que pensa e sente.

A religião formal deve favorecer a construção de uma religiosidade madura, capaz de fazer face aos anseios psíquicos inconscientes de realização pessoal, de descoberta do *Si-Mesmo* e de encontro com Deus. Quanto mais o indivíduo assumir sua Religião Pessoal e construir uma religiosidade que suporte todo o mal inerente à natureza humana, mais cedo alcançará a compreensão de sua existência e viverá sua essência. Por não suportar o mal, a religião exclui parte da natureza humana.

Uma religião que ofereça uma perspectiva de continuidade da existência do eu, que, por conta disso, impulse as pessoas à comunicação interdimensional (mediúnica), que reforce a obrigação ética, que pugne pela responsabilidade social pessoal e que convide as pessoas a vivenciar o amor não pode ser vivida simplesmente para uma suposta salvação pessoal ou para encher os templos de adeptos. Uma religião que se fixe em estabelecer o que é moral, bem como em condenar uma imoralidade formal, que não compreende o dinamismo do Universo tende a estagnar, falir ou alienar seus adeptos. É necessário que se entenda que o imoral, com o tempo, pode se transformar em moral ou vice-versa.

Adenáuer Novaes

É preciso viver religiosamente, porém sem se alienar do mundo, sem deixar de considerar que todos estão num mesmo momento evolutivo e que isso os nivela espiritualmente. A Religião Pessoal deve ser capaz de proporcionar uma vida pacífica, harmoniosa e com amorosidade.

Uma religião que não resiste à mínima imoralidade é apenas uma conveniência humana. A religião não é para formar crentes, mas para fazer evoluir consciências. Sua missão é libertar as consciências, também de seus próprios *egos*. Religião sem religiosidade torna-se um movimento intelectual, frio e tendente à alienação.





A palavra religião

Estar conectado a uma ordem cósmica é desejo de todo ser humano. A religião se propõe a oportunizar essa divina conexão, mas como se dirige ao coletivo, dificilmente seu adepto alcançará esse intento. Muito provavelmente, com o auxílio da religião formal, o indivíduo terá de constituir sua Religião Pessoal para que se sinta conectado ao divino.

Complexo explicar o que é religião quando se trata de algo de difícil tradução em palavras. O que se sente quando se vive uma experiência religiosa não pertence ao intelecto. Mais difícil ainda é querer escrever ou falar sobre a manifestação religiosa de outra pessoa. Com dificuldade, ou mesmo parcialmente, consegue-se falar a respeito da própria religião, isto é, do sentimento religioso que se tem.

A raiz da experiência religiosa pertence a uma instância psíquica que transcende o campo da consciência, cuja procedência se confunde com a geração do Espírito. O que quer que lhe dê origem esconde-se no inconsciente humano, impulsionando-o para um encontro com a Vida, consigo mesmo e com a Divindade. Sua influência na vida, na cultura e no destino humano é inquestionável.

Questionável é a afirmação de que a cultura determina as características da religião. É o mesmo que dizer



Adenáuer Novaes

que a religião é tão somente mais uma das manifestações culturais produzidas pela consciência humana. Põe a religião no mesmo patamar de outras manifestações culturais, tais como o folclore, a arte popular, crendices, comportamentos coletivos etc., deliberadamente criadas. De fato, as manifestações religiosas fazem parte da cultura de um povo, porém não surgem aleatoriamente nem são livres produtos da consciência. Não são formadas pelo desejo unilateral de alguém ou de um grupo. São geradas pelas aspirações inconscientes, pelos mistérios que cercam o surgimento da vida humana, pelos questionamentos das origens e do destino humano, pelas forças espirituais de cada povo, bem como por influência divina. Seria mais adequado afirmar que a cultura de um povo recebe forte influência de suas crenças e ritos religiosos, o que pode ser observado de forma mais evidente nos países do Oriente Médio e na Ásia. Em alguns países, a autoridade religiosa é também econômica e política. No Brasil, mais acentuadamente no Nordeste, essa influência acontecia nas populações mais pobres, nas quais os clérigos se portavam lado a lado com o poder político, até mesmo disputando lugar.

Pode-se afirmar então que não há religião sem influência cultural, e vice-versa, portanto, sem subjetividade. Toda religião ou ritual religioso contém uma manifestação da subjetividade psíquica inerente ao humano. Essa subjetividade (leia-se subjetividade igual a impulso inconsciente) permeia toda a cultura humana.

O fenômeno do surgimento de uma nova religião, ou da divisão de uma religião em distintos segmentos, está atrelado a fatores culturais, mas com interferências da religião tradicional. Quando ocorre uma certa tensão social motivada por fatores morais, seja por uma maior

liberalidade ou por necessidade de retorno ao sagrado, estabelecem-se condições para aquele surgimento ou desmembramento.

Independentemente do que influencia a vida humana, seja a economia, as condições climáticas ou a cultura, existe, em cada indivíduo, um senso ordenador que o impulsiona à busca do sentido e do significado da existência. Esse senso ordenador que o faz querer elevar-se para além de si mesmo e ao encontro de algo superior é também conhecido pelo nome de religião.

O termo religião pressupõe a idéia de re-ligação, etimologicamente validada na cultura judaico-cristã, pois deriva da idéia de que Adão teria se desligado de Deus. Todos, teoricamente seus descendentes, deveriam reatar aquela ligação pela via da religião. Essa idéia passou a fazer parte do inconsciente humano na cultura ocidental. Nas religiões originárias do Judaísmo, isto é, que têm a Bíblia como referência maior, o termo encontra respaldo. Nele, também está implícita a idéia de salvação, pois Adão, que representaria a Humanidade, tendo sido expulso do paraíso, precisaria recuperar sua antiga posição. A desobediência provocou sua derrocada, conseqüentemente a de toda a Humanidade.

Nas religiões, ou caminhos de busca do transcendente, fora do eixo bíblico, deve-se ter outra compreensão do significado da palavra religião. Talvez se deva pensar em religião como busca pelo sagrado, como busca pelo *Si-Mesmo* (individualidade como Espírito imortal), como encontro com o divino ou como ascese mística. A salvação pelo erro cometido por Adão não se aplica, por exemplo, ao hindu, ao budista ou ao taoísta, pois não têm a mesma construção histórico-religiosa. A atitude religiosa dos adeptos dessas três religiões não contempla a culpa

nem a idéia de que devem ser salvos de um perigo subjetivo e relacionado à Divindade, ou que devam se redimir de algum erro consciente ou inconscientemente cometido. A idéia está mais próxima de alcançar a iluminação do que a salvação. Iluminação compreendida como um processo de aquisição de conhecimentos e experiências para alcançar um estado de elevação divina. No Budismo, por exemplo, deve-se buscar o nirvana no *samsara*, isto é, a iluminação no mundo, e não fora dele. Iluminação e salvação do espírito, pregados pelas religiões, são representações de polaridades psíquicas relativas ao *Self*.

O Espiritismo, ao adotar o Cristianismo, mesmo com interpretações próprias de seus postulados, reforçou a idéia inconsciente da culpa, da salvação e de religião. A salvação também não deve se aplicar ao Espiritismo. Difícil é mudar essa concepção, pois ela conta com o apoio inconsciente da tradição judaico-cristã, inerente aos que vêm reencarnando constantemente no ocidente.

O termo religião, para a maioria das religiões, guarda relação com a busca do sentido e do significado da vida. Mas as religiões, lamentavelmente, não têm alcançado, na prática, esse objetivo. Equivocadamente parece que a responsabilidade disso se daria pela simples aceitação da religião. Talvez não. Creio que o adepto tem também sua responsabilidade. Ele ainda se situa como sofredor que precisa de alívio, culpado que necessita de redenção, crédulo que deseja confirmação de sua própria imaginação, devoto envolvido pelo *complexo* messiânico, inocente em busca de emoções, temente, ingênuo e ignorante. É preciso que ele saia dessa conformidade e caminhe livre para construir os alicerces psíquicos de sua evolução espiritual. Quando o adepto ultrapassar esses estágios, tornando-se consciente de que deve assumir seu

próprio destino, sendo dono de sua própria vida, perceberá a importância de constituir sua Religião Pessoal.

Entendo como religião o *caminho* para o encontro consigo mesmo, para a compreensão do sentido e do significado da Vida e de tudo que diz respeito à palavra Deus. Portanto, não associo ao conceito de religião a idéia de salvação, pecado, fusão com Deus, negação do mundo material, exclusão social, imolação, sofrimento, adoração, idolatria etc.. Religião é pacto do indivíduo com a Vida, como proprietário de si mesmo.

Ao pensar em religião, todo e qualquer ser humano deve reportar-se a um processo de transformação, a uma conexão com o sagrado, visando o encontro consigo mesmo e a descoberta do sentido e do significado da Vida. Práticas sagradas, rituais e cerimônias devem concorrer diretamente para esse processo. Tê-las como simbólicas é mera representação, sem possibilidade de consecução real. É preciso sair do simbólico para a internalização concreta do significado do que se vive como sendo sagrado. Todo símbolo deve ser dissolvido a serviço da compreensão real de seu significado profundo. Os rituais religiosos não precisam ser destruídos, mas seus significados transcendentais devem ser absorvidos pela consciência transformada.

Cada vez mais, no mundo moderno, os adeptos das religiões estão sentindo necessidade de inserir o esforço pessoal na aquisição das promessas que sua religião oferece para seu futuro. A espera de um Deus dispensador eterno de bens àquele que segue preceitos automáticos e coletivos tem dado lugar ao esforço pessoal pela ascese mística. O esforço pessoal, a autotransformação, a autodeterminação, a renúncia ao egoísmo e ao orgulho, o sacrifício pelo trabalho comum, a vida harmônica e equili-

brada em sociedade e a dedicação ao próximo têm sido os meios pelos quais se alcança aquela ascese. A idéia do sofrimento e da auto-flagelação cede lugar à conquista de si mesmo e ao reconhecimento da própria ignorância para a busca da auto-realização. O culto externo cede terreno para a construção pessoal de uma religiosidade operativa em favor da compreensão da vida e de si mesmo. Uma religião que também se ocupe do bem coletivo, de causas sociais e, além de tudo, eleve o ser humano para conquistas maiores, sem retirá-lo do mundo, tem sido cada vez mais desejada. Religião vivida como meio de salvação ou de alívio de tensões é tão somente uma resposta à tendência coletiva arquetípica, reduzindo-se apenas a um primeiro passo para a iniciação e constituição da Religião Pessoal.

À medida que a religião é vivida, seus princípios vão se dogmatizando. O que era puro vai se tornando miscigenado pela agregação de conteúdos estranhos, oriundos dos *complexos* humanos. A comunidade de adeptos, temendo a perda da garantia proporcionada pelo conforto na adoção dos princípios religiosos, ferrenhamente os mantém vivos. Isso cristaliza aqueles princípios, dogmatizando-os. É um fenômeno coletivo ao que nem o Espiritismo, com todo seu racionalismo, escapou. Isso pode melhor ser observado quando do surgimento de movimentos ou grupos defendendo a “pureza doutrinária”, o retorno ao “Cristianismo primitivo” etc.. Não se pode esquecer que princípios devem sempre ser contextualizados tendo em vista não se tornarem motivos de sacralização de livros, de pessoas ou de templos, gerando dogmas. Esse fenômeno, quase impossível de ser evitado, promove o atraso no desenvolvimento psicológico de uma comunidade. O retorno à religião primitiva,

ou como os antigos a viviam, representa uma dificuldade de adaptação ao moderno, ao novo e às atualizações do arquétipo religioso. O medo de perder as garantias e a segurança psíquicas é responsável por isso. A religião é um caminho e não o retorno ao passado. Sua atualização é um princípio necessário à manutenção de sua vitalidade impulsionadora da busca do *Si-Mesmo*.

Por outro lado, não se deve pensar que a anarquia religiosa ou uma religião sem regras e normas seja a melhor opção. A religião não se sustentaria sem disciplina e sem a manutenção de princípios; as divisões internas que nelas ocorrem se devem à necessidade de contextualização adequada para caber a evolução da *psiquê* humana. Quando os princípios de uma religião se opõem por demais à evolução intelecto-moral da sociedade, dá-se uma tensão interna que fatalmente leva à cisão.

As religiões parecem que se cristalizam em dogmas por exigência coletiva daqueles que ainda não alcançaram a compreensão dos significados dos símbolos gerados pelo inconsciente. Aqueles que envelheceram na culpa, que ignoram a excelência do Criador, que não arriscam na vida, que permanecem querendo benesses divinas e que se apegam ao egoísmo do poder impedem as transformações na religião.

A espiritualidade que é convidada pela religião deve ser vivida em todo percurso da evolução do espírito. Quer esteja encarnado, quer desencarnado. Não se deve pregar religião apenas para a vida futura, mas principalmente para a vida presente.

Os preceitos religiosos devem se opor à vida humana em seu contexto material? Não seria uma contradição estar no mundo e negá-lo? Não seria adequado pensar que é na relação com o mundo que se deve encontrar

o sentido e o significado da vida humana? Para responder a essas questões, talvez seja adequado inserir-se uma outra idéia de mundo. O mundo deveria ser considerado como a união da sociedade material com a sociedade espiritual. Nessa união está implícito que uma interfere e influencia na outra, sem primazia de qualquer delas. Deixariam de ser vistas como opostos inconciliáveis, mas como uma totalidade na qual o espírito transita. Quando o ser humano nega uma em detrimento da outra, ocorre um viés que reduz a própria vida. Quando a religião nega uma sociedade em favor da outra, comete o mesmo equívoco do materialista que se afirma sobre os pilares frágeis do que apenas revela seus cinco sentidos. Negar o mundo material é deixar de aprender aquilo que só no contato com o corpo físico e nas relações interpessoais pertinentes a ele se adquire.

A religião deve ser facilitadora da relação do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, seja ele material ou espiritual. Deve levá-lo a experiências que produzam reflexões, emoções e sentimentos, diferentes das que tem quando é tocado por outros arquétipos. A religião surge a partir da existência de um centro psíquico norteador da busca humana pelo sentido e pelo significado da vida, o que também pode ser representado no desejo de perfeição, de harmonia e de plenitude, que todo ser humano possui. A religião deve levar o indivíduo à celebração da vida e ao encontro consigo mesmo. Quando os rituais religiosos ou a vivência dos princípios das religiões mantêm o indivíduo conformado, limitado em suas capacidades de vencer desafios e psicologicamente protegido pela fé, estão falhando em seus propósitos, estagnando o que foi gerado para incessantemente crescer.

As expressões religiosas, através dos ritos, devoções e manifestações típicas são representações de esta-

dos psíquicos. Por isso, a palavra deve ser considerada em seu significado amplo e não apenas como uma busca pela religião com Deus. Deve ser entendida como um dos caminhos em meio a amplas possibilidades de encontro com o divino.

A aparente liberdade de escolha religiosa encontra obstáculos nas poucas possibilidades de expressão, pois as religiões formais não se abrem para tal. A religião formal é coletiva e não atende à singularidade de cada um. Nenhuma religião atende à totalidade de cada indivíduo. Ele se reduz quando se conforma com ela. A *psiquê* inconsciente quer se expressar, razão pela qual se proliferam seitas e novas religiões que se prestam a atender às necessidades humanas interiores, mas nunca serão suficientes à singularidade do indivíduo. Ele terá de fazer sua busca pessoal pela religião de sua própria alma.

O conhecimento científico trouxe inegáveis progressos à humanidade. Talvez o maior deles não tenha sido o avanço tecnológico em si. O apaziguamento da consciência humana não satisfeita e inquieta com a falta de lógica da realidade talvez tenha sido o principal fator de progresso. A ciência tenta aquietar a consciência, mas também a deixa sem inúmeras respostas. Facilitar a vida material, liberando o espírito para a criatividade e para a vivência de sua subjetividade, tem sido a principal contribuição da ciência humana. Por outro lado, as religiões também têm proporcionado importantes conquistas para o equilíbrio psíquico. Tradicionalmente as religiões são responsáveis por trazer consolo e orientação aos seres humanos, principalmente quanto à vida futura e à vida moral. Sua maior contribuição, porém, foi, e ainda é, a expressão do inconsciente humano de forma assimilável pela consciência. A oferta de ritualização do inconsciente

Adenáuer Novaes

até uma melhor compreensão dos conteúdos psíquicos para uma maior percepção do *Si-Mesmo* é a grande contribuição das religiões.

Religião é conexão do inconsciente com a consciência para o equilíbrio e plenitude do indivíduo. Seu significado é mais amplo do que atender necessidades de consolo, de salvação ou de ligação com Deus.



O que é religião

É mais comum definir-se religião como um sistema de crença coletiva em um deus, ou em algo que se assemelhe ao transcendente, e a existência de rituais que diretamente levem ao seu encontro. A palavra é comumente associada à crença em Deus, rezar, meditar, cultuar, entrar em transe, negar a vida material, o corpo e o prazer, bem como às experiências místicas e rituais ligados ao sagrado. Muitos vêem a religião como manifestação da divindade em que tudo que é espiritual é religioso.

Religião representa a união de pessoas que têm crenças e práticas comuns relacionadas ao sagrado e que atribuem um mesmo sentido à vida futura. Sob seu manto, as pessoas se sentem pertencentes e protegidas por forças superiores e abrigadas dos “perigos” e da “perda” da própria alma.

O termo religião usado por mim é pobre para expressar o sentido que lhe atribuo interiormente. Seria adequado pensar, no meu caso, que se trata de uma conexão íntima e profunda com Deus, a que também atribuo um caráter particular, e que promove conseqüências externas significativas em minha vida. É, portanto, para mim, mais do que um sistema religioso, pois, além de transcendência e imanência, sinto-me envolvido como se fizesse parte de tudo. Não me sinto Deus, nem parte dele, mas como se fosse seu próprio olhar e sua própria realização.



Adenáuer Novaes

A religião coletiva se aproxima sutilmente dos poderes constituídos, pois ambos lidam com a mesma massa coletiva. A proximidade da religião com o Estado revela implicações ligadas ao poder, portanto, ao domínio do coletivo sobre o pessoal. A promiscuidade entre o poder do Estado e o poder religioso revela a fragilidade humana diante do sagrado, usando-o para objetivos nem sempre moralmente aceitáveis. É uma proximidade decorrente da estreita relação existente entre o sagrado e o profano. Um é a *sombra* do outro. A contradição ou mesmo oposição entre os termos profano e sagrado define bem o que é este último. Sagrado é o que é totalmente diferente, separado. Profano é o que está fora do templo. Eles se encontram, pois são polaridades e uma mesma realidade.

A religião deve também ser entendida como um fenômeno social, isto é, parte constitutiva da formação de toda sociedade. Sociologicamente trata-se de uma manifestação representativa da superioridade do grupo sobre o indivíduo, que se submete a um poder culturalmente presumido. A religião é uma manifestação natural de todas as sociedades, que sempre esteve e estará presente através de diversos simbolismos, revelando a complexidade da *psiquê* humana. A religião permite ao ser humano unir o maravilhoso, o sobrenatural e o *numinoso*, enquadrando todos os fenômenos assemelhados como de sua esfera de influência.

Na adoção de uma religião, o poder do arquétipo se revela capaz de cooptar o indivíduo em favor do coletivo. Isso não ocorre na Religião Pessoal, pois a diferenciação do indivíduo em relação ao coletivo é condição para sua constituição. O termo religião deve ser entendido como busca, conexão e encontro com o sagrado. Quando a ela

se associa um culto externo ou crença em dogmas, passa a ter um caráter místico coletivo, distanciado da essência da vida, tornando-se mera projeção psíquica.

Psicologicamente representa o atendimento a um impulso instintivo da *psiquê* em atualizar o arquétipo da *Imago Dei*, isto é, do Deus interior ou de sua marca no Inconsciente Coletivo. Espiritualmente simboliza a busca do Espírito pelo encontro com sua natureza essencial, pela compreensão do próprio mistério de suas origens e pelo motivo para o qual foi criado.

Os rituais religiosos revelam, pelas imagens arquetípicas exóticas, algo pertencente à dimensão obscura da estrutura representada, isto é, da *psiquê* humana. Totens com faces agressivas, figuras monstruosas, formas geométricas descontínuas, formas geométricas simétricas, animais ferozes, sacrifícios humanos etc., dão lugar a movimentos circulares, esculturas angelicais, exaltação à beleza, à estética, o que demonstra mudanças nas representações atualizadoras do arquétipo. A *psiquê* revela transformação nas escolhas das imagens representativas do arquétipo divino. As mudanças que ocorrem na sociedade, ao mesmo tempo em que alteram as representações arquetípicas, também decorrem das atualizações nos arquétipos que se verificam a todo momento.

Por outro lado, observa-se uma lenta inversão na direção do ritual. Os sacrifícios e as expressões externas dão lugar a meditações e reflexões profundas. O recolhimento que o ser humano fazia em busca da própria consciência vai tomando o lugar da adoração externa. Ele antes buscava algo que não entendia em si mesmo, ao olhar exclusivamente para a natureza fenomênica. Sutil e persistentemente, o inconsciente exige ser atendido e observado, pois tem algo importante a revelar. O antigo

movimento era do inconsciente para a consciência; um novo movimento surge, sem desprezar o anterior, da consciência para o inconsciente. Agora, a consciência do eu desempenha importante papel. Competências e novas habilidades foram incorporadas ao *ego*, tornando possível a condução do processo. É o Espírito que precisa se conhecer para o grande encontro com o divino. Essas mudanças, nas representações em imagens arquetípicas e na direção do novo movimento, deverão ser incorporadas pela religião, o que pode ser observado na grande procura pela Psicologia em paralelo à religião. Os consultórios de análise e terapia tomam o lugar antes exclusivamente ocupado pelo confessor. O sacerdote, guru ou líder religioso, conselheiro de seus fiéis, atualiza-se qualificando-se como psicoterapeuta. Em certos casos, exige-se deste último o conhecimento espiritual necessário para lidar com uma nova alma em busca de si mesma.

Religião lida com a totalidade da vida, com a morte, com a busca da verdade e com a busca do sentido e do significado da vida. Esses temas são marcados de diferentes formas nas várias culturas e se alteram no decorrer do tempo. A inexistência do céu, do inferno, os paradigmas admitidos pela Física Quântica, as pesquisas em torno da reencarnação e as revelações a respeito da continuidade da vida após a morte puseram em cheque as interpretações religiosas tradicionais. A linguagem da religião não pode mais ser aquela utilizada na era medieval. Um novo tipo de fiel, esclarecido e questionador, exige uma nova linguagem religiosa.

A velocidade de transformação promovida pela religião coletiva é muito menor do que aquela conduzida conscientemente pela Religião Pessoal. Muito embora a religião coletiva seja dinâmica, sua capacidade de pro-

mover transformações no indivíduo é extremamente fraca. A *psiquê* humana, impulsionada pelo Espírito imortal, exige maior celeridade para sua evolução.

A religião deve ser um vigoroso instrumento de transformação e atualização do arquétipo correspondente. Quando não proporciona isso, cristalizando-se em dogmas e teorias ultrapassadas, perde seu papel transformador da alma, sendo apenas um passa-tempo pueril.

Enquanto a religião for procurada para cura, seja do corpo ou da alma, será apenas uma iniciação a algo transcendente. A religião deve ser um instrumento de desenvolvimento para o espírito. A esperança é de que a tecnologia transforme o mundo, para que venha a servir ao ser humano. Assim, a religião não será para a salvação do mundo nem para transcendê-lo, mas para que o ser humano se torne seu próprio Deus.



O que há de comum nas religiões

Observando práticas religiosas e analisando os pressupostos teóricos da maioria delas, pode-se encontrar algumas semelhanças que servem para o entendimento da questão do arquétipo religioso. Essas semelhanças não esgotam os conteúdos que trazem em seus princípios. As religiões são fenômenos cuja profundidade escapa ao senso comum e à simples análise em um livro.

Algumas dessas semelhanças podem fazer parte da Religião Pessoal, pois sua prática permite o sentimento de irmandade e inserção numa religião coletiva, sem perda da consciência de seu processo interno de transformação.

Regra de ouro – não fazer aos outros o que não quer que lhe façam.

A maioria das religiões prega uma regra de procedimento nas relações interpessoais – fazer ao outro o que deseja para si. Isso sugere um certo cuidado para com a vida do outro e com o que se faz para ele. Essa regra não é universal, pois pode se desejar para si algo que não é adequado ao outro. Deve-se entender que a regra inclui desejar o melhor para o outro, o que lhe traga harmonia,



paz interior, prosperidade e felicidade. A caridade, a compaixão e o amor ao próximo são atitudes presentes na consciência coletiva humana que se inserem nessa regra.

Busca pelo transcendente. Fé.

A busca do transcendente pela via da fé é outra característica comum às religiões. Os adeptos, convictos da possibilidade de acesso ao divino, se permitem envolver pela fé, buscando uma conexão íntima com o que consideram mais sagrado. A fé, raciocinada ou não, é a via de comunicação utilizada pelos indivíduos. Fé é um estado psíquico que permite o acesso ou conexão com o arquétipo *numinoso*, além de possibilitar a comunicação com as forças superiores da vida. Sem ela, a religião é fria, assemelhando-se a uma simples filosofia de vida. A fé deve ser desenvolvida pelo indivíduo à medida que ele se esclarece e compreende melhor os segredos do Universo. Práticas meditativas, exercícios de interiorização, estados mentais contemplativos, entre outros, relacionam-se a fé religiosa.

Nova atitude moral. Busca de santidade.

A necessidade de transformação moral, presente nas religiões, exige de seus adeptos atitudes novas perante velhos hábitos e vícios. Modelos de indivíduos são apresentados, servindo de balizadores para o encontro do ideal de personalidade. A maioria das religiões prega a satisfação do adepto e o cumprimento de certos preceitos de forma persistente e disciplinada como modo de ingresso ao destino final proposto. Muitas vezes, a exigência sobre o indivíduo é tão grande que lhe impõe uma culpa inconveniente. Quanto mais o adepto imita um modelo idealizado, mais se afasta de si mesmo. Para evitar isso,

Adenáuer Novaes

deve-se viver o possível, almejando-se o ajustamento entre o pensar, o sentir e o agir.

Conexão com algo pertencente ao sagrado.

Nas religiões, o *ego* deseja conexão com algo sagrado, que lhe retire do estado de consciência comum e da normalidade cotidiana. Objetos, lugares, certas experiências e pessoas são particularmente sacralizados por conta das projeções e transferências inconscientes, para que se consiga um contato mais intenso com a divindade eleita. Rituais, fórmulas mágicas, trances mediúnicos, substâncias alucinógenas, bem como sortilégios de vários tipos são utilizados para obtenção daquela conexão. O indivíduo deseja realizar instantaneamente o que deveria ocorrer nas experiências comuns de sua vida. Uma passagem se avizinha pela adoção da Religião Pessoal – o sagrado é algo interno e não externo, o que exige transformação pelo esforço contínuo no sacrifício e na renúncia do egoísmo e do orgulho. O indivíduo deverá descobrir que aquilo que existe de mais sagrado é algo que habita nele mesmo. É sua própria existência, a qual não pode evitar.

Harmonia com o todo. Ética.

Nas religiões, observa-se uma necessidade do indivíduo se sentir pertencente ao todo e com ele estar em sintonia e harmonia. A vontade dessa harmonização adveio da consciência, cada vez mais crescente, sobre a conexão que existe em todas as coisas do universo. Antes que a Física moderna (Quântica) afirmasse a interligação de todas as coisas (teoria das super-cordas), as religiões, desde sempre, já incentivavam essa idéia. Essa interligação, ao mesmo tempo em que conecta cada parte do Universo, o humaniza. É necessário entender que algo



permeia as coisas, além delas e além do humano. Por conta disso, uma ética única subjaz. É a ética do autor, da unidade de todas as coisas. O autor do Universo, sem razões nem explicações, nos conectou como individualidades vivendo uma consciência coletiva. As éticas instituídas pelas religiões derivam da ética divina.

Doutrina (Filosofia e Teologia).

Toda religião tem sua doutrina filosófica, geralmente calcada na sabedoria da cultura da região de onde se originou, enxertada pela absorção de ensinamentos deixados por algum líder ou fundador. Em geral, são ensinamentos canalizados, ou mediunicamente recebidos, constituindo-se em revelações transcendentais que visam a elevação moral e espiritual das pessoas. Na grande maioria dos ensinamentos, o tema central é a divindade ou algo que a ela se assemelhe, orientando as pessoas a uma conduta pertinente com aqueles ensinamentos. Ao longo do tempo, tais ensinamentos recebem enxertos e interpretações que visam preservar a tradição religiosa, muitas vezes distanciadas do efetivo objetivo de elevar ou iluminar o ser humano. Algumas doutrinas religiosas foram utilizadas com a finalidade de atender a necessidades políticas nem sempre a serviço da paz e do amor. Toda aplicação de uma doutrina religiosa ou de sua interpretação deve estar a serviço da libertação da consciência e da felicidade do ser humano.

Respeito ao próximo. Compaixão. Humildade.

A moral contida na maioria das religiões inclui o respeito ao próximo, a humildade e a compaixão. São virtudes pregadas que devem levar o indivíduo à paz consigo mesmo e com o próximo. Toda religião é um código

Adenáuer Novaes

ético de conduta que inclui uma série de virtudes, cuja aquisição capacita o indivíduo a estar em conexão com uma certa ordem cósmica divina. As virtudes mais pregadas são o amor ao próximo, a caridade, a fidelidade e temência a Deus, a bondade, a compaixão, a fé inabalável, a humildade, a simplicidade, a paz interior e a iluminação espiritual. À medida que a sociedade integra tais virtudes, as exigências com o indivíduo são maiores. Quando alguns indivíduos integram tais virtudes numa sociedade atrasada, ocorre inevitavelmente uma tensão a ser conciliada. Mártires, líderes carismáticos ou revolucionários surgem para alívio geral.

Explicações cosmogônicas. Busca pela sabedoria.

Toda religião possui uma cosmogonia própria, geralmente dissociada dos fatos históricos. As religiões tentam, cada uma com seu sistema de valores, apresentar uma explicação para as origens e o funcionamento do Universo. Essas explicações geralmente contemplam o surgimento da Terra e do ser humano, seu destino e o que deve fazer no mundo. Essas cosmogonias sempre mereceram atenção das ciências, que, às vezes, derrubava falsas teorias religiosas. Mesmo assim, dificilmente as religiões modificam suas cosmogonias, elegendo-as artigos de fé (dogmas) sustentados pela ignorância popular. Embora a ciência nem sempre esteja coesa em suas explicações e, algumas vezes, tenda a voltar atrás em seus princípios, a manutenção dos dogmas religiosos revela o poder do arquétipo gerador do símbolo contido na afirmação cristalizada. Não há religião sem princípios cosmogônicos. A melhor cosmogonia é a que pode ser reconsiderada a cada momento em que a consciência humana se amplia no conhecimento a respeito das coisas.



Relação com a morte. Imortalidade.

A morte é tema básico das religiões e, talvez, por sua ocorrência, elas existam. A grande maioria delas aponta para a imortalidade do espírito e, em alguns casos, para aqueles que viveram segundo um código de conduta reta. O contato com os mortos, bem como a possível situação deles, é tema recorrente nas religiões. Elas se valem da imponderabilidade do tema e do mistério que o envolve para lançar suas doutrinas. A morte é a mais fiel representação do inconsciente, o que possibilita inúmeras ilações, sentimentos e projeções de conteúdos. Para melhor lidar com o imaginário sobre o depois da morte apresentado pelas religiões, cada ser humano deve imaginar seu próprio destino. Nada deve substituir a imaginária experiência da morte pessoal. Todo indivíduo deve avaliar o impacto de sua experiência imaginária de morte em sua *psiquê*, transferindo suas ilações para a vida que leva. A morte é a renovadora da vida; sem ela, o novo não surge, a sociedade não se transforma nem se recria. A oferta de possibilidades melhores para a pessoa após a morte se fundamenta no seu temor. As religiões não deveriam se ocupar de propor unicamente uma conduta reta como condição para uma vida melhor após a morte; deveriam também fortalecer a imortalidade real aplicada à vida presente. A imortalidade não deveria ser apresentada condicionada à vida reta, pois já é atributo inerente ao Espírito. Deve-se viver o presente considerando a imortalidade do ser humano.

Compreensão da natureza humana e da individualidade.

As religiões parecem pôr o ser humano num lugar inferior e como devedor da natureza. Ocorre que o ser

Adenáuer Novaes

humano é o construtor da história, o organizador da Natureza e o idealizador, para si mesmo, do que é Deus. Ele nunca soube, e talvez nunca venha a saber de fato o que Deus “pensa” a seu respeito. Ele intui, imagina, supõe, sente, porém o que lhe vier sempre será produto de sua própria concepção e interpretação. Até melhor possibilidade de compreensão, a natureza humana é produto especial da Criação e seu mais legítimo representante. O ser humano é uma singularidade espiritual que se manifesta biológica (instintos e sensações), física (expressão corporal), emocional (comportamento afetivo), intelectual (capacidade cognitiva), social (criando grupos sociais) e, acima de tudo, espiritualmente (expressões psíquicas e mediúnicas). A individualidade do Espírito o credita a ser considerado autônomo, autodeterminado e o único responsável pelo seu destino. A “ajuda” divina deve ser compreendida como uma ocorrência a serviço da atualização de suas experiências na vida e de sua concepção de Deus.

Práticas ritualísticas.

As religiões se alimentam dos rituais que são praticados com o intuito de que seus adeptos alcancem um estado transcendente de conexão com algo superior. Toda religião deve proporcionar, através de suas práticas, experiências místicas, transcendentais ou *numinosas*. Em geral, o ritual se processa na dimensão simbólica, cujo domínio pertence ao inconsciente. Ritualizar é atender a uma necessidade que se inicia por força da tendência inconsciente do arquétipo do *Si-Mesmo*. A racionalização da prática ritualística, realizando-a de forma consciente, sem qualquer sentimento, tem levado a religião a se tornar tradição conservadora e mero folclore popular. A

laicização das manifestações religiosas, tornando-as, por exemplo, eventos carnavalescos e oportunidade de realizar negócios informais é uma demonstração da perda da energia emanada do inconsciente para a consciência. O ritual, antes numeroso e ativado pelo *Si-Mesmo*, passará a obedecer a outros arquétipos. Os rituais são formas de alívio psíquico, cuja extinção requer a execução de algum mecanismo substituto. É preciso integrar o aspecto religioso que estava sendo simbolizado no ritual. Uma religião que exclua os rituais deve oferecer outros mecanismos de representação para a realização do arquétipo do *Si-Mesmo*, que sejam profundamente compensadores e que lhe integrem as qualidades.

Templos.

Os templos religiosos antigos, em geral, foram erigidos em locais sagrados, nos quais se deram fenômenos *numinosos* e/ou mediúnicos. Situavam-se ou se tornaram praças centrais, denotando representar o *Self*. Outros foram erigidos por indivíduos de acordo com o chamado *numinoso* que experienciaram. Eles são referenciais simbólicos onde cabem os postulados reverenciados. Quanto mais suntuosos, maiores são as qualidades do *Si-Mesmo* projetadas na divindade ali adorada. São locais considerados sagrados, que servem de projeção do *Self* de cada um e da coletividade religiosa. Não são sagrados em si, apenas recebem as emanções psíquicas dos que assim os consideram. A maioria deles, quando alimentados psiquicamente pelos responsáveis por administrá-los e pelos adeptos, servem para perpetuação da fé e da manutenção da religiosidade popular. São locais que se prestam à formação de imagens arquetípicas relacionadas à dimensão religiosa da *psiquê*, bem como às representa-

Adenáuer Novaes

ções do *Si-Mesmo*. Espiritualmente, prestam-se ao agrupamento daqueles que se situam na esfera da busca pela realização pessoal e coletiva.

Estrutura organizacional. Divisões e escolas.

A organização de uma religião obedece a um intrincado mecanismo de manutenção do poder por parte de seus fundadores. As religiões estão a serviço do *processo de individuação* das pessoas, conduzido pelo *Self* de cada um. Dada a importância do arquétipo e de sua supremacia no processo, o desejo de poder aparece requerendo o lugar de comando. Ao mesmo tempo em que se presta à organicidade da religião, uma estrutura hierarquizada acaba por engessar a possibilidade de transformação das pessoas. Para manter a unidade, criam-se regras, princípios e, às vezes, dogmas que não permitem a flexibilização e contextualização das crenças. A religião se torna uma prisão ao espírito por conta das hierarquias que atravessam gerações, distanciadas da leveza proposta pelos princípios que defendem. Em geral, as religiões se dividem por força da disputa de poder, das diferentes compreensões a respeito do sagrado, refletindo novos arquétipos a serem atualizados. Tais divisões, comuns, por exemplo, no Cristianismo, refletem a riqueza da diversidade como uma característica da complexidade da *psiquê* humana.

Dialética bem x mal.

Essa é a questão central das religiões, pois a decisão sobre essa contenda é sua principal reivindicação como suprema autoridade. As religiões se mostram juízes absolutos em determinar o que é um e outro, bem como em estabelecer o destino das opções de cada um em ado-

tar este ou aquele comportamento, o que poderia ter melhor efeito sobre as consciências se, de fato, conseguisse reduzir a culpa gerada nas opções de escolha comportamental. Em geral, as religiões conseguem, mesmo oferecendo horizontes espirituais consoladores, incutir culpas perniciosas. Não percebem que os chamados “demônios” habitam o inconsciente humano. Teimam em tornar absolutos entes subjetivos, criados pela *psiquê* humana como âncoras flexíveis. Não aceitam a relatividade do bem e do mal, exigindo de seus adeptos compromissos superlativos à sua condição humana. Teimam em querer tornar divino o que ainda não completou sua percepção do humano. Querem esclarecer para libertar, mas oprimem ensinando dogmas de como obter favores divinos. A supervalorização do Bem faz surgir a força reativa do Mal. E vice-versa. São polaridades como Yin e Yang. Bem e mal são polaridades psíquicas que representam entes imaginários que compõem o *Self*. Na Religião Pessoal vive-se o possível, buscando ações que se tornem coerentes com uma ética interna de não prejuízo a si e ao próximo.

Datas comemorativas.

As religiões comemoram datas em que celebram rituais marcadores de eventos históricos para reavivar a fé dos seus adeptos. São eventos que vão gradativamente se ampliando e se tornando parte do folclore popular. Saem do privado e passam para o público, deixando seu caráter sagrado, se é que algum dia o tiveram. A comemoração de datas se distancia do conteúdo do evento originado, transformando-se em mera expressão de divulgação da religião. Sua sacralização se deve às exigências do fundamentalismo, cuja origem não se encontra no arqué-

tipo do *Si-Mesmo*, mas num *complexo* coletivo de poder. As datas que evocam eventos significativos deveriam ser aproveitadas na intimidade de cada indivíduo, sem os exageros das festas coletivas que esvaziam o significado profundo da religião.

Livro sagrado.

As religiões se perpetuam também graças a livros que conservam e divulgam ensinamentos considerados sagrados. O processo de sacralização dos livros que contêm os princípios das religiões dá-se com a passagem de gerações que lhes transmitem o resultante das experiências *numinosas* que foram vividas. A conservação de livros, divinizados pela exigência psíquica na geração de símbolos, contribui para a continuidade da crença religiosa, bem como para a universalidade dos princípios doutrinários. Equívocos são cometidos quando, sob pretexto de contextualizar a compreensão do que foi escrito, se adultera o conteúdo, incluindo “vírgulas”, alterando palavras, adicionando-se notas explicativas, ou com traduções mal feitas. Todo livro, seja religioso ou não, reflete o pensamento de alguém ou de um grupo, emitido numa época envolvida por contextos político-históricos. Toda palavra ou expressão humana não é absoluta, pois ela é a representação da subjetividade psíquica, que, como tal, deve ser contextualizada livremente por quem a ouve ou lê, sem que as fontes originárias devam ser alteradas. Ao invés de se alterar fontes originárias, deve-se escrever novos livros sobre antigos textos. A sacralização dos livros contribui para a perpetuação de dogmas. Na Religião Pessoal o “livro sagrado” é aquele que é escrito no coração da pessoa com o sentimento de amor que é capaz de ser vivido no dia-a-dia. As religiões se fundamentam

em revelações consignadas em livros, cuja compreensão, nem sempre racional, deverá levar seus adeptos à evolução espiritual. A passagem da letra para a efetiva evolução do espírito requer um sem número de experiências, cuja intensidade e qualidade não se encontram nos livros.

Fundador, profeta, guru, mestre, médium, avatar, deuses etc..

As religiões também costumam sacralizar a vida de seus fundadores. Eles são transformados em profetas, mestres, gurus, grandes médiuns, avatares, semideuses, às vezes em vida, e, na maioria dos casos, após a morte. Em certos casos, nem chegam a ser considerados mortos, mas transubstanciados. As religiões confundem a mensagem com a pessoa. Ao mitificar o ser humano estão projetando o *Self* num representante mais próximo de suas qualidades, consideradas divinas. A mitificação do fundador ou líder religioso é uma exigência do *Self*. Com o tempo, as características da pessoa desaparecem, dando lugar ao mito, representação do *Self* coletivo. Tais líderes eram pessoas tão comuns como qualquer “mortal”. As prováveis características especiais demonstradas não os distanciam de suas outras, humanamente reais. Antes de serem mitificados, eram pessoas reais e com todas as necessidades humanas. Quanto mais se mitifica uma pessoa, mais se distancia de sua real personalidade e da possibilidade de se assimilar suas qualidades. Imitar um líder pode ser uma atitude alienadora quando se abdica de viver a própria natureza. Deve-se viver a própria vida como o líder viveu a que lhe era pertinente. A Religião Pessoal é a da autodeterminação, na qual o indivíduo se torna proprietário de si mesmo sem alienações ou imitações de modelos divinizados.

Desprezo equivocado pelo mundo material.

A oposição entre vida material e vida espiritual está presente na grande maioria das religiões, reforçando o grau de alienação do indivíduo ao seu momento presente. O desprezo à matéria está na razão direta do grau de imaginação fantasiosa a respeito da vida espiritual. Quanto mais se nega a vida material, mais se especula a respeito da vida espiritual. Deve-se entender que a vida material é continuidade da vida espiritual, não sendo simplesmente seu reverso; também uma não é representação da outra. Se assim fosse, a vida material seria um grande teatro e todos seríamos títeres. Práticas místicas em favor de uma suposta transcendência espiritual, que pregue a eliminação do desejo e da vivência comum que a vida cotidiana nos exige, reprime a totalidade da natureza humana, que é duplamente instintiva e espiritual. Não se trata de supervalorizar a matéria em detrimento do espírito nem tampouco de se desprezar a ascese espiritual pela transcendência, mas de compreender que a vida material é vivida pelo espírito e nela ele também apreende as leis de Deus.

Há semelhanças significativas entre as religiões, mas há diferenças em todas elas que atestam a diversidade da *psiquê* humana, quiçá do próprio Deus. Mesmo tendo tantas semelhanças, o sectarismo ainda impera no seio da sociedade. O ecumenismo não é alcançado. O encontro entre os líderes religiosos torna-se uma utopia, por conta do orgulho e da força do arquétipo em cada indivíduo. A exclusividade ainda é a marca da fé.

A religião formal domina as consciências, oferecendo-lhes tranquilidade, felicidade e salvação. A Religião Pessoal oferece-lhes esforço, autodeterminação e a propriedade de si mesmas.



Religiões

Ao longo da história pode-se perceber o surgimento, desenvolvimento, divisão e declínio de religiões. A religião é um acontecimento cultural coletivo, mas também é um fato individual psíquico. Acontece internamente antes de se tornar um fato externo. Após longo processo de maturação, algumas religiões despontam com o surgimento de um profeta, emissário ou sábio, ou por causa de uma divisão por descontentamento ou nova interpretação de seus cânones.

Tal fenômeno, a divisão, reflete uma insatisfação daquilo que é individual. O apelo religioso coletivo já não atende à *psiquê* individual. Sua massificação inibe a manifestação da instância psíquica sagrada, agora mais singularizada. A evolução do indivíduo, caracterizada por uma nova percepção da totalidade da vida, exige nova representação do sagrado. A religião formal não suporta novas possibilidades de representação exigidas pela mente transformada.

As ramificações das religiões é um fenômeno inexorável, que pode dar a idéia de que a marca divina em cada ser humano é pessoal, singular, portanto, única. Há um “deus interno” exclusivo em cada ser humano. As divisões internas existentes nas religiões denunciam a existência de inquietações na *psiquê*. Um exemplo claro



dessas divisões pode ser notado no Bramanismo e no Judaísmo. Com seus cismas, suas cisões, suas alianças com o poder temporal e as dissensões, dão mostras de que, gradativamente, há um processo lento de amadurecimento da *psiquê* a caminho da Religião Pessoal.

A religião coletiva é uma força bruta a ser depurada por cada indivíduo no seu contato com as experiências *numinosas*. As religiões tradicionais permanecem no nível arquetípico, não alcançando a individualidade. É preciso propor alternativas no nível da consciência pessoal. O refinamento ocorre com a Religião Pessoal. Uma expressão religiosa mais próxima para cada indivíduo passa a ser necessária. O coletivo vai cedendo lugar ao individual. O surgimento de muitas religiões é uma demonstração das exigências da *psiquê* individual, não mais limitada ao fenômeno coletivo. As liberdades e garantias individuais de manifestação religiosa permitem o surgimento da religião individual.

Lentamente as religiões vão se reinventando, refundindo-se com o surgimento de novos paradigmas. A cristalização do dogma cria uma tensão, favorecendo o surgimento de dissidências e de novos dogmas. Nesse sentido, Buda está para o Hinduísmo como Lutero, para o Catolicismo e Jesus, para o Judaísmo. De um lado, o Hinduísmo, ao tempo em que estimula a iluminação, inibe a individualidade; do outro, o Judaísmo, particularizando a salvação e a relação direta com Deus, contribui para o egocentrismo.

A diversidade de religiões, bem como as diferentes interpretações e vivências de cada uma delas, atestam a complexidade do sagrado na *psiquê*. Essa complexidade aponta para a ordem divina, representada pelo *Self*. A pretensão de certas doutrinas de ser a religião da humanida-

de é uma exigência arquetípica não só do Catolicismo. Os princípios universais encontrados em todas elas possibilitam a idéia equivocadamente hegemônica de supremacia. É difícil ao cristão, por exemplo, não pensar que Jesus falou para a humanidade, assim como ao muçumano pensar que Allah não é o absoluto.

As religiões sacralizam certos eventos, bem como pessoas e fatos naturais da história. Criam cosmogonias, englobando tudo e todos. Essa é a razão por que se torna difícil aceitar a total dessacralização da existência humana quando se tem consciência e certeza da presença de Deus em todas as coisas. A sociedade, com seus sistemas, é obrigada a resolver todos os questionamentos humanos, sanando suas angústias, ou isso é tarefa exclusiva da religião? A religião é um dos sistemas da sociedade ou deve, por negar o mundo, considerar-se externa a ele, tendo, então, o papel de responder às questões magnas da humanidade? Esse papel, inicialmente entregue à religião, tem sido ocupado também pelas ciências, que não lhe substituirá o lugar. Ciência e religião não se complementam, pois existem outras possibilidades de percepção da realidade que ambas não alcançam. Enquanto não perceberem que lidam com o Espírito imortal, estão apontando utopias a respeito do espiritual.

As religiões tratam de questões que, ao longo do tempo, vão perdendo sua função simbólica religiosa. Ocorre um processo natural de dessacralização. Temas como a morte e a sobrevivência do espírito estão perdendo força na religião por conta do amadurecimento da consciência humana. Sucessivamente a religião tratará de outros temas que também, um dia, perderão sua coloração religiosa. Assim se deu com o raio e o trovão, fenômenos antes sacralizados pelo ser humano primitivo e que hoje, por

ter todo o seu mistério desvendado, são do domínio da ciência.

Esse fenômeno, da dessacralização, uma espécie de secularização, se deve ao amadurecimento do espírito, aprendendo a cada experiência reencarnatória. Essa dessacralização recebeu, após a idade média, a contribuição do racionalismo e do Espiritismo, que desmistificaram muitas teorias absurdas. A *psiquê* humana, em sua função religiosa, encontrará outro meio de manifestar sua incessante necessidade de entendimento a respeito do divino, que, em última análise, é a busca pelo *Si-Mesmo*. A secularização não conta apenas com a razão, mas, principalmente, com a realização do *Si-Mesmo*, por via da Religião Pessoal. Não se trata de um culto à razão nem da anulação da religião coletiva formal, pois esta é mobilizadora e impulsionadora na direção da Religião Pessoal.

As causas que justificam o surgimento de uma religião podem não mais se apresentar de forma superlativa e maravilhosa como antes. O ser humano de hoje não é o mesmo nem passa pelas mesmas tribulações que aquele de dois ou três mil anos atrás. Ainda que se perceba o mesmo e que pertença a uma coletividade, não é o mesmo individualmente. Por isso, a maioria das religiões caducaram em certos princípios e em alguns apelos. O ser humano de hoje é muito mais esclarecido, e a sociedade já tem outros níveis de exigência. O ser humano para quem Buda, Jesus, entre outros, falavam não é o mesmo de hoje. Por mais que se queira transpor, Benares ou Jerusalém não são Nova York ou São Paulo. As religiões devem contextualizar seus princípios, muito embora a maioria deva manter a essência. Assim como com Buda, com Jesus também se deu a questão da divinização do homem.

Da mesma forma, as palavras e ensinamentos originais foram consecutivamente alterados ao longo dos séculos, fazendo surgir, desde a morte deles, diferentes escolas e doutrinas. Essas mudanças ocorrem à serviço da constituição da Religião Pessoal de cada um.

A religião deve pugnar pela liberdade de busca interior, sem necessitar mais de um cânone superior que a determine. Missionários ascetas dão lugar a pessoas comuns vivendo naturalmente, envolvidas com suas famílias, inseridas no mundo sem sair dele. Não são mais crucificados ou apedrejados nem fazem exagerados votos de pobreza. O ideal ascético, monástico, distancia o ser humano do mundo, sobrecarregando os demais indivíduos, que suprem os esforços que caberiam a eles. À sociedade, alguém doa a cota de energia que seria dada pelos ascetas. O ascetismo, quando não se põe a serviço da sociedade, confunde-se com o egoísmo. O ascetismo parece fazer parte das propostas de devoção da maioria das religiões formais, como uma espécie de negação do mundo. Na Religião Pessoal, sua prática está condicionada a uma dedicação intensa à melhoria da sociedade e à compaixão pelo próximo.

Religião é um processo de interiorização, de mergulho e transcendência do eu. É uma procura pelo *Si-Mesmo* e pelas razões fundamentais da existência humana. Trocá-la pela simples crença em algo ou pela adoção de regras e princípios, sem a preocupação com aquele processo, significa enrijecer a mente e menosprezar sua importância. Por outro lado, qualquer proposta de ascensão espiritual, reforma íntima, *individualização* ou realização pessoal que negue a vida na matéria com todos os seus percalços e desejos não estará alimentando o espírito.

Adenáuer Novaes

As religiões são manifestações do *Si-Mesmo* ou ainda representações do arquétipo sagrado. Surgiram gradativamente ao longo da história da humanidade numa demonstração da dinâmica psíquica coletiva. As religiões tribais e das pequenas sociedades deram origem às religiões formais. O Hinduísmo, o Judaísmo, o Zoroastrismo, o Jainismo, o Taoísmo, o Budismo, o Confucionismo, o Islamismo, o Cristianismo Paulinista, o Catolicismo Ortodoxo, o Sikhismo, o Luteranismo, o Anglicanismo, as religiões Pentecostais e o Espiritismo são faces da manifestação do arquétipo sagrado.

Religiões ou “caminhos” são tendências coletivas que conduzem o ser humano à busca de sua própria identidade essencial. Não contêm verdades, mas pressupostos teóricos e vivenciais que aproximam o ser humano de si mesmo. Religião é uma necessidade do inconsciente que precisa da consciência para acontecer.



Síntese dos fundamentos das religiões formais

O irresistível apelo da religião parece estar relacionado com uma proposição supra-arquetípica, isto é, com um projeto divino, além do ser humano. As religiões surgem independentemente do desejo de um líder, em torno do qual se forma todo um mito. Esse mito, forjado pelo inconsciente, se distancia da natureza humana, tornando-se característico do arquétipo que o rege, o que pode ser constatado na descrição que se faz da personalidade dos fundadores das religiões ou de seus principais fomentadores. Geralmente não se descreve uma pessoa, mas um “deus”; descreve-se uma imagem arquetípica e não a do indivíduo que iniciou a religião ou que desenvolveu algumas idéias religiosas diferentes daquelas tradicionais. É difícil o adepto aceitar que seu “deus” nunca deixou de ser humano.

A idéia de que religião se refere a uma religação pode estar associada à existência da consciência e do *ego*. Inicialmente o ser humano mais primitivo vivia inconscientemente, sem uma identidade pessoal, portanto, sem a consciência do *ego*, dissociado do meio e da profusão de símbolos automaticamente gerados pela sua *psiquê* diante das experiências naturais do viver. O inconsciente era



sua própria e única condição legítima de existência. Com as experiências no tempo e pela existência de uma individualidade inerente à condição de Princípio Espiritual (*Si-Mesmo*), formou-se sua representação no campo da consciência, dando surgimento ao *ego*. Este, de certa forma, é o representante da identidade essencial do indivíduo, que, por sua vez, permanece oculta e inacessível à consciência, o que configura a existência de uma dualidade. Essa dualidade representa o rompimento natural entre o inconsciente e a consciência.

Pode-se entender, pelo exposto, que religião, no sentido de religação, é a conexão que se deseja entre o *ego* e o *Si-Mesmo*. É o desejo de ligação da consciência do *ego* com o sentido e o significado da vida, ou ainda, religação da consciência com a dimensão espiritual. Esse sentido pode, então, ser aplicado a todas as religiões, que seriam manifestações da tendência coletiva em tornar consciente a individualidade humana, que jaz originariamente no inconsciente.

Por esse motivo, as religiões sempre existiram e talvez nunca venham a desaparecer de fato, pois se configuram como a ânsia do Espírito em querer se revelar como é, em essência. A busca do encontro com Deus é a máscara dessa ânsia. A pregação das religiões, sem o querer, levando seus adeptos a buscarem Deus, está a serviço da realização inconsciente daquela ânsia. Desde aquelas que se formaram em grupos tribais até as que possuem milhões de adeptos, todas as religiões falam de algo inefável e misterioso que denominam Deus. O concebem fora da essência humana, atribuindo-lhe o poder de tê-la criado, fortalecendo a concepção da individualidade humana. Com isso, ao mesmo tempo, distanciam o ser humano dele mesmo e da assunção de sua autodeterminação.

Quanto mais o ser humano se aproximar do que de fato é Deus, mais próximo estará de iniciar a jornada na direção de si mesmo.

Portanto, a religião é mais do que uma cosmogonia que tenta explicar a realidade e o indivíduo. Há algo mais além do sentido que o indivíduo lhe atribui. Ela é o veículo para os alicerces morais da *psiquê* e para a busca do *Si-Mesmo*. Sua voracidade em deificar as coisas restringe o conhecimento humano. A sacralização da natureza é um fenômeno que limita a percepção do sentido maior da religião.

Ao sacralizar as coisas, as religiões enrijecem o saber. Religião sem reflexão petrifica o conhecimento, tornando a mente humana prisioneira de conceitos, tolhendo-lhe a liberdade de criar e ampliar suas capacidades intelectivas, o que pode ser observado nos mitos da criação nelas existentes. A *psiquê* consciente, por não encontrar justificativas para o surgimento da consciência, resultante da invisibilidade do inconsciente, possibilita a formação do símbolo. Daí surgirem os mitos. Em todas as religiões encontra-se uma “explicação” para a criação do mundo e para a gênese humana.

Na religião formal os ritos de ascensão humana são coletivos, não havendo lugar para práticas individuais, que, quando ocorrem, são assumidas pelo grupo ou dele derivam. O indivíduo desaparece no coletivo por força do distanciamento do *Si-Mesmo*, proporcionado pela religião coletiva. O rito perpetua o mito, cooptando a individualidade.

A religiosidade humana é tão antiga quanto a vida em grupo. As manifestações ligadas ao sagrado pertencem aos primórdios da civilização e foram a base das grandes religiões. O ser humano primitivo, inconscientemen-

te vivia sua religiosidade através de ritos particulares que se estenderam ao grupo por força da similaridade entre seus pares. A religião do homem primitivo se aproximava muito da imagem arquetípica e de uma representação mais fidedigna do inconsciente.

Pode-se enxergar as religiões de maior número de adeptos como originárias de dois grandes troncos, que, por sua vez, são resultantes de manifestações religiosas tribais. Sem fazer referência às crenças africanas nem àquelas de longínquas regiões do globo, não catalogadas pela história das religiões, pode-se perceber dois grandes troncos que geraram as religiões modernas. De um lado o Hinduísmo (Bramanismo) e do outro, o Judaísmo. São manifestações do arquétipo do sagrado, que se diferenciavam por aspectos culturais e pelas características da formação do *ego* em cada sociedade.

Hinduísmo

O Hinduísmo é um conjunto de cultos e religiões da Índia, antes conhecido como Bramanismo ou religião brâhmane. Hoje, cerca de oitenta por cento da população indiana são hindus. Não há uma data de início, mas registram-se eventos ligados ao bramanismo anteriores a cinco mil anos atrás. Segundo o Hinduísmo, os seres humanos possuem uma alma imortal (*atman*), que reencarna (*samsara*) de acordo com os atos praticados na encarnação anterior (carma), até alcançar a libertação desse ciclo (*moksha*). O Hinduísmo é, em síntese, o caminho eterno. Geralmente a história do Hinduísmo é dividida em pré-védica, védica, dos puranas, dos upanishades, medieval e moderna. Cada um desses nomes está associado a certas práticas e a períodos da história da Índia. No Hinduísmo não há hierarquias nem sacerdotes, pois a cultura popular

se mistura à prática religiosa, não havendo uma unidade de culto nem de doutrina. Apresenta-se como monoteísmo e como politeísmo, a depender da região da Índia. Brahman é o deus supremo, porém não necessariamente tem o mesmo significado do deus cristão. À idéia de Brahman (absoluto e que engloba tudo e todos), deus supremo, contrapõe-se a de Atman, que corresponde ao ser individual. Os Vedas, que significa verdade ou sabedoria divina, são as antigas escrituras, que contêm textos de onde se extraem as interpretações das diversas escolas do Hinduísmo. Bagavhad-Gita é a parte mais conhecida dos Vedas. Contém cânticos que narram a batalha de Krishna através de seu guerreiro Arjuna. Além de Brahma (manifestação humana de Brahman), Vishnu (Krishna – preservador do Universo), Shiva (deus da criação e da destruição) e Shakti (Mãe divina – princípio feminino do Universo) formam a trindade ou a quaternidade da divindade Brahman no Hinduísmo. Essas deidades representam aspectos psíquicos coletivos, bem como estruturas da *psiquê* humana. O Hinduísmo visa a iluminação ou *moksha*, que também significa a libertação dos desejos. A saída da roda do *samsara*, ou das reencarnações, representa a maior aquisição na evolução do indivíduo. O Hinduísmo respeita imagens e o que elas representam. Há oferendas e sacrifícios aos deuses com vistas à aquisição de suas qualidades. Os hindus buscam alcançar o *Sathiagara* ou encontro com a verdade. Praticam o *Ahinsa* ou não-violência. Há muitos templos sagrados na Índia, além de ser comum as casas terem altares domésticos. Para os hindus, alguns deuses habitam certos locais sagrados. O Hinduísmo é uma religião de muitos cultos e rituais, cuja diversidade expressa a riqueza da *psiquê* humana, que não se amolda a uma única manifestação, for-

mando um mosaico incrivelmente belo. Talvez a observação das expressões apresentadas pelos rituais do Hinduísmo seja a maneira mais direta de se perceber a sua dinâmica psíquica, com seus intrincados meandros. O colorido das vestes, as performances, os tipos humanos, a diversidade de simbolismos, a quantidade imensa de significados, a plêiade de deuses, entre outros aspectos, tornam o Hinduísmo um admirável e encantador conjunto de crenças. O sistema hinduísta, com suas práticas e seus deuses, parece revelar o complexo funcionamento da *psiquê*; um verdadeiro diálogo do *ego* com o *Si-Mesmo*. O diálogo de Arjuna e Krishna, no Bhagavad Gita, expressa muito bem aquela complexidade.

Judaísmo

A história do Judaísmo se confunde com a da religião de Moisés e sua relação com o Egito. Moisés foi educado segundo as crenças egípcias, o que influenciou a forma como conduziu seu povo na peregrinação rumo à terra prometida (Canaã), bem como os fundamentos do Judaísmo. Por volta do Século XIII a. C., Moisés “recebeu” os dez mandamentos, contendo os princípios de uma nova religião, consolidando assim, entre os judeus descendentes da tribo de Judah, sua forma de governar. Inicialmente os judeus formavam tribos com suas crenças e mitologias. Posteriormente, com Moisés, iniciou-se a formação de uma consciência unificadora. Moisés escreveu os cinco primeiros livros da Bíblia, conhecidos como Torá, que relatam a história do povo hebreu. Como no Hinduísmo, no Judaísmo cultura e religião se confundem, fenômeno esse que se tornou fundamental para a constituição da identidade judaica. A característica principal do Judaísmo, que o distingue das demais religiões, é o

monoteísmo, cuja crença é originária de Abraão. Os judeus acreditam num Deus que os escolheu como responsáveis por receber a lei contida nos dez mandamentos e disseminá-la pelo mundo. Desde que formaram uma nação, os judeus foram dominados pelos egípcios, pelos babilônios, pelos persas, pelos gregos, pelos sírios e pelos romanos. Hoje, possuem um Estado livre e independente. A vida religiosa judaica envolve cultura, religião e comportamento. Atualmente existem os sefarditas e os ashkenazim, divididos geograficamente e pelos seus costumes locais, mas sem grandes diferenças doutrinárias. O Judaísmo, junto com o Cristianismo e o Islamismo formam as principais religiões monoteístas. O Judaísmo apresenta características de respeito e fidelidade a Deus, além da obediência a um rígido código moral de conduta. A saga sofrida pelo povo judeu, migrando do Egito para a Palestina, e as dominações a que foi submetido, enquanto buscava um lugar para se estabelecer, foram fundamentais para a constituição das matrizes psíquicas capazes de abrigar as idéias cristãs. Uma delas é a espera permanente por uma redenção, através da conduta correta e pela busca de Deus. A culpa do “pecado original”, cometido por Adão e Eva, tornou-se importante elemento gerador de *complexos* inconscientes. A crença em um deus único não parece ser uma evolução em relação ao politeísmo. Religiões politeístas surgiram antes e depois do Judaísmo. O deus monoteísta parece ter as mesmas características do conjunto dos deuses das religiões politeístas. A idéia de um deus único corresponde à necessidade coletiva de fortalecer o *ego*, ainda fragilizado pelas constantes perdas ao longo da história do povo hebreu. O monoteísmo judaico, caracterizado por um deus que fez um pacto, com o ser humano, de fidelidade e pre-

Adenáuer Novaes

gação, contribuiu para a construção do sentimento de exclusividade e de superioridade, prejudicial à evolução dos indivíduos. A disciplina, o sentido de família e a consciência da unidade dos indivíduos na interdependência de todos tornaram-se marcas do Judaísmo. É a *psiquê* se firmando mais ainda na consolidação de um *ego* cada vez mais maduro.

Zoroastrismo

Instituída por Zoroastro ou Zarathustra, cultuava o deus supremo Ahura Mazda (Senhor Sábio). Religião dualista que se disseminou por volta de 700 a. C. no Irã, na Índia e no Paquistão., aliás monoteísta e dualista, pois considerava a existência de dois deuses que se digladiavam, um representando o bem ou a luz e o outro, o mal ou as trevas. Seus adeptos deveriam escolher entre o bem e o mal. Surgiu em oposição ao politeísmo reinante. Para os zoroastrianos ou mazdeístas, existe Deus e um opositor a ele. A ética do Zoroastrismo é fazer o bem para merecê-lo depois. Pregavam a responsabilidade pessoal e eram tolerantes com outras religiões. Seus princípios influenciaram o Judaísmo e o Cristianismo, principalmente no dualismo maniqueísta. O monoteísmo zoroastriano, similar ao judaico-cristão, vem a propósito da necessidade de consolidar um *ego* ainda frágil diante do arquétipo do *Self*.

Jainismo

O Jainismo teve como fundador Vardhamara Mahavira, contemporâneo de Buda. Surgiu contra o sistema de castas da Índia. São seguidores dos Jinas ou Mestres Elevados. Dão ênfase ao ascetismo e negam o mundo. Os jainas são adeptos da teoria da auto-salvação

e acreditam que, para atingir o nirvana e se libertar do ciclo de renascimento, é preciso meditar, seguir o ascetismo e os cinco grandes votos ou princípios: da não-violência (*ahimsa*) em atos, palavras e pensamentos, sendo terminantemente proibido matar ou fazer mal a qualquer ser vivo, razão por que são vegetarianos; de não roubar e de ser honesto; de não mentir ou injuriar; de cultivar o desapego às pessoas, aos sentimentos e às coisas; da abstinência sexual. No Jainismo não há um deus criador, nem os deuses são supremos. São puristas e cultuam o jejum. Para os jainistas, os homens morrem e renascem (*samsara*) até atingir o nirvana, podendo animar a estrutura física de animais, vegetais ou seres humanos (metempsicose). Esse ciclo de renascimentos decorre da necessidade de purgação do carma, o qual se origina dos pensamentos, palavras e ações praticadas, que impregnam na alma (*jiva*) as resultantes da próxima vida. O Jainismo têm poucos adeptos. Prega a mendicância errante. O Jainismo é uma espécie de derivação do Budismo, sendo um pouco mais exigente quanto aos cuidados com o corpo; os fundamentos doutrinários, porém, são os mesmos. O surgimento do Jainismo denuncia mais uma mudança na manifestação do arquétipo do sagrado, com maior influência na restrição da realização dos desejos humanos. A tendência parece ser a de intensificar a moralização e a negação do mundo com ênfase na restrição dos instintos corporais. A oposição do sagrado às livres exigências dos instintos humanos se afirma constantemente na proposta jainista.

Taoísmo

Filosofia ou religião constante nos textos do Tao Te Ching, atribuído a Lao Tse ou Tzu. Tao ou Dao é igual a

caminho. Acredita-se que Lao Tse teria sido um contemporâneo mais velho de Confúcio e que ele se baseou no I Ching para formular seus escritos, que são a base do Taoísmo. O Taoísmo, ao longo do tempo, recebeu a influência do Budismo e da cultura chinesa como um todo, formando um certo sincretismo com o Confucionismo. O Tao é uma espécie de elemento imutável de todas as coisas ou a suprema consciência que permeia tudo no universo. A dinâmica dos opostos (O Yin flui naturalmente para o Yang, que flui para o Yin) é fundamental para a compreensão do Taoísmo, pois o movimento de um para o outro denuncia a existência de uma unidade essencial na Natureza. O Taoísmo propõe a busca da ordem natural de todas as coisas, baseando-se na contemplação, na meditação e na simplicidade. Nessa busca, a intuição tem prevalência sobre a lógica racional, considerada artificial. A atitude adequada para aquela busca é Wu wei, ou inação (não ação), que significa estar em harmonia com o Tao, agindo sem artificialismo, em consonância com a natureza. O Taoísmo é místico, pois tem xamãs e adivinhos, e também dá ênfase à fisiologia, à farmacologia e à acupuntura. Os taoístas acreditam nos poderes sobrenaturais, na cura holística e na imortalidade. Na Antiguidade, havia alquimistas taoístas. Os taoístas praticam exercícios de Tai Chi (Chi é a energia que se move dentro do corpo pelos meridianos). O Taoísmo exalta o feminino mais do que o confucionismo, de caráter masculino. Pode-se notar que o Taoísmo é uma das maneiras de se viver em contato com a totalidade do *Self*, projetado na essência que a tudo permeia. Assim como o Confucionismo, o Taoísmo deveria ser praticado pelos adeptos de todas as religiões, pois são modos complementares de percepção do sagrado em todas as coisas e nas relações com as pes-

soas, propondo a harmonia do indivíduo com o outro e com o meio que o cerca.

Budismo

Fundado por Siddhartha Gautama, o Buda (iluminado, desperto), na segunda metade do Século VI a. C., na Índia, o Budismo prega a busca pela iluminação. A necessidade de transformação interior, independentemente das explicações cosmológicas, é a marca do Budismo. Há vários tipos de Budismo, de acordo com a região da Ásia, sobretudo no Japão e na China. Como no Hinduísmo, de onde se originou, muito embora difira dele, entre outras características, pela existência de um fundador, o Budismo prega a reencarnação e a lei do carma, que é movida pelo desejo *egóico*. No Budismo, a verdade é ver a realidade como ela é, propondo, porém, o desligamento do que é efêmero e ilusório. Muito embora negue o mundo e os desejos, enfatiza a necessidade de se ter domínio sobre as emoções. Buda significa pessoa iluminada e *budhi* é estar desperto, estar atento. Siddhartha, que pertencia a uma casta nobre e rica da Índia, um dia saiu de sua morada e viu um homem pobre, um doente, um velho e um cadáver. Dessa percepção, ele refletiu sobre sua condição diferente daquelas, concluindo que o ser humano passa por diferentes processos, o que lhe permite desenvolver vários princípios. Passou a pregar quatro deles: o primeiro, que a existência tem sofrimento; o segundo, que o apego é o esforço de possuir algo permanentemente num mundo transitório; o terceiro, que tudo pode cessar; o quarto, que tudo pode ser alcançado pelo caminho óctuplo (oito verdades). Segundo a doutrina budista, o homem está preso ao ciclo de mortes e renascimentos (denominado de *samsara*), pois os seus

pensamentos, sentimentos, desejos, palavras e ações põem em movimento a lei do carma (lei de causa e efeito, de ação e reação) e atraem os sofrimentos nas futuras encarnações. Somente o próprio homem pode se libertar desse ciclo (auto-salvação) e, para isso, precisa atingir o estado máximo de evolução espiritual, a plena iluminação (*bodhi*), o *nirvana*. A idéia de reencarnação no Budismo admite que é possível o indivíduo voltar como animal, diferindo da idéia de evolução humana comumente aceita. Buda negava o valor do sistema sacrificial, afirmando o próprio trabalho como forma de ascensão. Para ele, tudo é impermanente e transitório. Trocou o ritual do sacrifício de animais pelo serviço ao próximo. No Budismo, deve-se compreender o sofrimento e aprender a lidar com ele. Para Buda, o eu é irreal. Deve-se cultivar a calma, a clareza e a compaixão, além de se buscar a vida pura em meio a um mundo corrompido. É fundamental cultivar a mente para se alcançar estágios superiores. No Budismo, não há início para o Universo, pois existem séries de ciclos de ressurgimento como num eterno retorno. Nos templos budistas são comuns os rituais, cânticos e a meditação. O equilíbrio, a compaixão e a vida reta são destaques no Budismo, juntamente com a busca pela integração com a unidade da vida. O Budismo se disseminou no mundo com várias escolas (Hinayana e Mahayana) e práticas. O seu surgimento no seio do Hinduísmo denuncia que a manifestação do arquétipo se modificou, sendo direcionada para o interior da alma humana. É de se observar uma tendência maior à moralização, restringindo a liberdade de manifestação simbólica do arquétipo religioso pelo culto externo. Essa tendência pode estar associada a um processo de laicização, natural e crescente na humanidade. O Budismo apresenta

uma face do arquétipo religioso extremamente relevante ao ser humano – a compaixão.

Xintoísmo

Originária do Japão, a religião xintoísta é, na realidade, um conjunto de crenças e práticas adotadas na tradição cultural japonesa. Xintoísmo significa os caminhos do Cami. Cami é aquilo que é venerado – um ser humano, deuses, natureza etc.. Cami é o sagrado. Há vários santuários xintoístas sem uniformidade de construção. Não tem fundador ou pregação. O Xintoísmo se consolidou depois da entrada do Budismo, do Confucionismo, do Taoísmo e do Cristianismo no Japão. Xintoísmo significa a herança religiosa nativa do Japão. O xintoísta mistura as diversas religiões sem quaisquer conflitos. Os camis têm as polaridades do bem e do mal. Não são sobrenaturais. Para o xintoísta há várias divindades na natureza, e dão ênfase a nela encontrar o sagrado. Não é uma religião confessional e privilegia o relacionamento familiar, o culto aos ancestrais e o respeito aos mais velhos. O Xintoísmo se aproxima muito da religiosidade natural e do anseio humano de se sentir conectado às forças da natureza. O Xintoísmo é uma das mais autênticas manifestações do arquétipo do sagrado sem o espírito sectário, característico de outras religiões. Sua existência até os dias de hoje revela, pelo seu animismo, que *psiquê* e natureza se confundem e se conectam naturalmente.

Confucionismo

Religião ou filosofia voltada para a conduta humana, no que diz respeito à moral, à política, à pedagogia e à religião. Não há sacerdócio nem se refere a Deus ou a imortalidade. O Confucionismo valoriza a disciplina, o

Adenáuer Novaes

estudo, o trabalho, a consciência política e o respeito mútuo. Confúcio era um conselheiro que viveu no Século V a. C.. Reviveu os ensinamentos de Lao Tse. O Confucionismo usa o livro das mutações I Ching. Fala das polaridades Yin e Yang, como forças interiores humanas e da natureza. Confúcio ensinava princípios morais e éticos. Dizia: o que não queres que façam a ti, não faças aos outros. Falava em revelar o absoluto no relativo. Pregava a reciprocidade e solidariedade nas relações. Ensinava o aprimoramento das sensibilidades morais. Cultuava as virtudes do afeto e do amor. Afirmava a devoção e piedade filial, o respeito ao próximo e aos mais velhos. Pregava a reverência aos ancestrais, a bondade, a harmonia, a obediência e o não-confronto. Afirmava a prática da harmonia e da benevolência e que o eu é aberto à transcendência. No Confucionismo, é possível enxergar, com maior nitidez, as bases da religião da transformação interior. Pode-se perceber, nessa doutrina, o privilégio que é dado à vivência do *Self* na sociedade. A prática devocional e as representações simbólicas do sagrado são substituídas pela harmonia dos opostos na convivência com o outro e consigo mesmo. Parece-me que todas as religiões deveriam levar seus adeptos aos princípios da prática confucionista.

Cristianismo

A data exata do surgimento do Cristianismo como religião é talvez improvável. A morte de seu fundador deixou lacunas doutrinárias, além da inexistência de um líder formal. Tudo ainda era novo e confuso para os que ficaram, pois Jesus não pregava a constituição de uma religião formal. Parecia que ele queria apenas disseminar idéias entre seus pares, que lhes trouxessem uma noção



maior a respeito de suas próprias interpretações dos códigos religiosos. Formou-se então, no Judaísmo, uma espécie de seita, sem que lhe negasse os fundamentos básicos, principalmente o da busca por uma redenção e a crença monoteísta. Poucos anos depois da morte de Jesus, surge um importante personagem, Saulo de Tarso, posteriormente Paulo, que dará corpo à seita, tornando-a mais uniforme, expandindo-a e criando uma rede como uma igreja. Nasce o Cristianismo ou, talvez, o Paulinismo. Por conta de suas interpretações e das culturas locais, surgem as diferenças doutrinárias que iniciam as divisões em uma nova religião. Desde aquela época até os dias de hoje, surgiram muitas cisões no Cristianismo. Têm-se os seguintes seguimentos que se intitulam religião cristã: Cristianismo Católico Apostólico Romano (católico = universal), Cristianismo Ortodoxo (ortodoxo = verdadeiro), Cristianismo Luterano ou Protestante (contrário ao católico), Cristianismo Anglicano, Cristianismo Presbiteriano, Cristianismo Metodista, Cristianismo Batista, Cristianismo Pentecostal, Assembléia de Deus, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Testemunhas de Jeová, Igreja Adventista, Espiritismo, entre muitos outros. A divisão por princípios doutrinários parece ser uma marca no Cristianismo, que consegue abrigar múltiplas tendências, favorecendo múltiplas possibilidades de atualização do arquétipo religioso. De certa forma, reduz a possibilidade fundamentalista e sectária, e isso favorece a constituição da Religião Pessoal. São muitas religiões com a mesma matriz psíquica. A adoção do Cristianismo no ocidente pode estar relacionada ao utilitarismo e pragmatismo das sociedades. O Cristianismo tornou-se uma espécie de matriz religiosa, berço de inúmeras religiões que se forjaram de acordo com o en-

tendimento e com as culturas que lhes adotaram os princípios.

Islamismo

O Islamismo é uma religião que surgiu na Arábia, no século VII, baseada nos ensinamentos de Muhammad ou Maomé, que nasceu em 570 d. C.. Maomé é considerado pelos muçulmanos³ como o último e maior profeta. Islã quer dizer submisso a Deus. Maomé recebeu uma revelação que o fez começar a pregar as verdades religiosas consideradas como negligenciadas pelo Judaísmo e pelo Cristianismo. O Islamismo é uma religião monoteísta e Deus é conhecido pelo nome de Allah. O *Alcorão* é o livro sagrado, escrito por Maomé e, em alguns países, é a lei do Estado. O Sufismo é o misticismo islâmico, em que há o predomínio de rituais místicos de movimento do corpo, de forma rítmica, para se atingir o êxtase. Por conta de disputas pela sucessão de Maomé, os muçulmanos se dividiram em sunitas e xiitas. Os sunitas descendem dos califas (representantes de Maomé) e os xiitas, da família de Maomé. A maioria dos muçulmanos é sunita. Cinco princípios norteiam os adeptos: declarar sua fé em Allah todo dia, rezar cinco vezes ao dia, doar parte de seus lucros mensais aos pobres, jejuar no Ramadã e ir uma vez na vida a Meca. No Islamismo, não há distinção entre o material e o espiritual, pois deve-se viver sempre para Allah. Trata-se de uma religião de características populares, cuja exigência para se tornar adepto é a declaração, perante outro muçulmano, de sua fé. Tem características continentais, tornando a *psiquê* voltada para o sagrado como algo permanente na consciência.

³ Muçulmano significa “aquele que se submeteu a Deus”.

Catolicismo

A aproximação dos princípios cristãos com o antigo império romano fez surgir o Catolicismo. Contribuiu, para essa aproximação, a forte rejeição que as teses cristãs encontraram no Judaísmo, tornando o paganismo romano um refúgio. Aliar-se ao opressor pode também ter sido uma estratégia inconsciente para uma maior disseminação. Por outro lado, aos poucos, a nova seita foi sacralizando e mistificando os princípios cristãos como uma maneira de obter a adesão popular. Para isso, o sincretismo do paganismo romano com a nova seita foi providencial. Por questões doutrinárias, no início da nova seita, principalmente relacionadas à divindade ou não de Jesus, surgiu a primeira grande divisão. De um lado, a Igreja Católica Romana, e de outro, em oposição, a Igreja Ortodoxa. Conciliar os ensinamentos de Jesus, a tradição mitológica politeísta romana e as práticas e costumes do Judaísmo das classes mais pobres com a formação de uma nova religião foi o grande desafio dos líderes cristãos-católicos. Inevitavelmente se formaram hierarquias bem definidas e concessões doutrinárias distantes da proposta inicial de transformação interior. A aceitação de Jesus como Deus, a canonização dos escritos pelos quatro evangelistas e pelos apóstolos, a consolidação dos bispos como continuadores dos apóstolos e o surgimento do papa são alguns dogmas instituídos pelo Catolicismo. Esses dogmas são representações de instâncias psíquicas não compreendidas pelo *ego*. É a confirmação do que está na *psiquê* e que precisou ser materializado para se consolidar e ser integrado à alma humana. É um processo de enraizamento para a compreensão de algo maior. Os símbolos, cuja formação foi forjada pela fé, ainda predominam sobre a razão e o pragmatismo. Por esse motivo sur-

Adenáuer Novaes

giu o gnosticismo, que se opôs ao Cristianismo, pregando o conhecimento através do próprio conhecimento e não pela fé. Hoje, o Catolicismo ainda possui alguns ritos simbólicos que demonstram a necessidade da *psiquê* se mostrar como de fato é.

Sikhismo

O Sikhismo é uma religião monoteísta criada no século XV, no Punjabe, na Índia. Sikh quer dizer aprendiz ou discípulo, alguém que acredita em Deus e nos ensinamentos dos Dez Gurus. Foi criado pelo Guru Nanak (1469-1539). Pregava a vida familiar, o trabalho comunitário e a ida ao templo. Possui um forte sincretismo do Hinduísmo com a parte sufi do Islamismo. Seus seguidores acreditam na reencarnação e pregam que o egocentrismo é o motivo do afastamento do homem de Deus. São deveres sikhis: manter constantemente Deus na consciência, sustentar-se por um trabalho honesto e dividir o que tem com os mais pobres. O Sikhismo combate a luxúria, a ganância, a raiva, a soberba e o apego às coisas materiais. Guru Nanak pregava contra a intolerância religiosa, afirmando que todos são iguais, não havendo hindus ou muçulmanos. O livro sagrado do Sikhismo é o *Granth Sahib*, considerado o Décimo Guru, que contém principalmente escritos do Guru Nanak. O Sikhismo se apresenta como um sincretismo religioso visando o aperfeiçoamento da tradição religiosa indiana voltada para a interiorização e harmonização do indivíduo. É o arquétipo em sua expansão nas formas de representações.

Protestantismo

O Cristianismo protestante tem origem no Catolicismo. Surgiu por conta de discussões teológicas, princi-



palmente por causa das indulgências e de outras práticas católicas. O Protestantismo prega a confiança nas escrituras e a fé em Jesus. Em 1517, Lutero divulga seus protestos, o que provocou sua excomunhão da Igreja Católica Romana. No mesmo diapasão, Zwingli cria a igreja reformada e Calvino uma outra forma radical contra a Igreja Católica Romana. Os ingleses criam a Igreja Presbiteriana, com os puritanos. Surgem os Quakers, os Metodistas e a Igreja Episcopal. Há uma grande diversidade de igrejas protestantes, sobretudo nos Estados Unidos, pois não há um comando central como no Catolicismo. O surgimento do Protestantismo parece estar sintonizado com um certo pluralismo religioso numa sociedade cansada do obscurantismo religioso, intelectual e político. Trata-se de uma adaptação da manifestação do arquétipo às novas exigências sociais e ao novo momento psíquico, que exigia libertação dos condicionamentos da fé cega. O que se seguiu ao Protestantismo foi uma multiplicidade de igrejas cristãs, de acordo com as idéias de seus novos líderes e com as culturas em que emergiam. A religiosidade humana exigia maior abertura e novas formas de ser vivida. A prosperidade, em lugar da pobreza, passou a ser a pregação mais coerente com a vida no mundo, como forma de compensação por não se estar pleno na vida espiritual. Mais do que uma revolta contra as indulgências ou contra o Catolicismo, o Protestantismo era uma possibilidade de se trazer para o mundo o que era pregado para ser vivido no Além. Em termos psicológicos, trouxe-se para a consciência o que estava teimosamente no inconsciente. A iconoclastia protestante inviabilizava a simbolização ampla e convidativa do Catolicismo. Mortos os símbolos, restou pouco espaço para os rituais. O fiel deveria consolidar sua fé em Jesus,

dedicando-se ao trabalho, à família e às obrigações para com o Estado. A nova religião era mais uma conformidade do que uma possibilidade de ascensão espiritual efetiva.

Ceticismo

Em meio ao florescimento do Protestantismo, surge o Ceticismo. Para o Ceticismo, o papel central das religiões é ser um sistema de compromissos dos fiéis, submetendo-os a algo maior. O Ceticismo pregava um domínio maior da razão pelas ciências. É o futuro das religiões, libertando os indivíduos para aquisição e livre expressão do mais alto saber. O contexto social é mais amplo e mais complexo que a existência humana, portanto, não deve ser desprezado como fazem as religiões. Tudo é parte de uma estrutura maior, havendo uma ordem cósmica. Ceticismo é a reação ao excesso de pretensão de certos conhecimentos, principalmente os religiosos. O Ceticismo deu origem ao iluminismo. Para o Ceticismo, as coisas são como se as percebem, sendo a visão de mundo a razão de se ser como se é. Nesse sentido, compreender-se é mais importante do que compreender o mundo. Ainda sobre a religião, os ceticistas diziam que rezar é acreditar que não se tem controle sobre a própria vida. O Ceticismo contribuiu para o surgimento do Positivismo. A tendência ceticista existente na mente humana está a serviço da construção de uma ascensão espiritual consciente. A humanidade caminha do inconsciente para a consciência, isto é, a individualidade se impõe ao coletivo. O Ceticismo também está a serviço desse propósito, além de oferecer reflexões às religiões no processo de libertação das consciências. Com o Ceticismo, as manifestações do arquétipo religioso, na forma de rituais, são encaradas como meros produtos da cultura.

Religiões antigas

As religiões antigas, na sua maioria, eram politeístas e possuíam muitos rituais como forma de contato com a divindade. Acreditavam que os deuses poderiam favorecer o ser humano, desde que este lhes oferecesse algum sacrifício. Em geral, projetavam seus próprios elementos psíquicos nos deuses que cultuavam. Por esse motivo, os deuses de culto se assemelhavam, mesmo que as culturas não tivessem qualquer contato. Em geral, eram religiões tribais.

Religião egípcia. Admitia a crença na imortalidade, era politeísta, tendo como principais divindades Isis, Osires, Rá, Set e Hórus. A morte tinha um significado profundo e não assinalava a extinção da vida, mas mera passagem para outro mundo. Como em certos reinados e no papado, os faraós, ou reis do Egito, eram considerados divindades, o que simboliza a representação do arquétipo do *Self* numa figura humana.

Religião greco-romana. Era politeísta, tendo muitos templos, rituais, e oferecia sacrifícios aos deuses. Os deuses eram bons e maus, encarnando aspectos da personalidade humana. A religião e a vida pública se misturavam. Cultuava Lares e Penates, dois dos seus principais deuses.

Religião nórdica. Era politeísta, cultuando o deus Wotan ou Odin. Seus adeptos realizavam rituais e acreditavam na imortalidade.

Religião celta. Era politeísta. Seus adeptos inclinavam-se para o sagrado com forte tendência mística e com muitos rituais de iniciação. Os sacerdotes eram chamados de druidas.

Considerações

As religiões apresentam possibilidades de manifestação do arquétipo sagrado ou religioso de acordo com a

cultura de cada coletividade ou indivíduo. Suas crenças, que excluem e condenam os que não as professam, denotam a fragilidade da verdade que afirmam. Nada mais são do que direcionadores do *ego* para a percepção do *Si-Mesmo*. Demonstram a força do arquétipo direcionador da busca do *ego* pelo próprio significado de sua existência real. Quando conceituam Deus, descrevem a vida futura, definem felicidade e estabelecem os princípios do encontro com a totalidade, se referindo indiretamente aos aspectos inconscientes da dinâmica psíquica. Definem mais estruturas da mente, processos psíquicos e os fatores que interferem na percepção da realidade do que de fato o que é Deus.

A religião que se firma exclusivamente num livro sagrado, desprezando quaisquer outras formas de análise da fé e dos preceitos doutrinários, auto-intitulando-se a verdadeira ou a que descende diretamente de Deus, tem tendência ao fundamentalismo. Incluem-se como tal aquelas que prometem melhores condições após a morte exclusivamente aos seus adeptos, condenando os outros. Aqueles que propõem seguir literalmente os preceitos deixados pelo seu fundador correm risco semelhante, pois a maioria deles não intencionou criar uma religião. Religião é um movimento dinâmico da mente humana coletiva, cujo propósito é autoconhecer-se. O fundamentalismo religioso prejudica o processo de auto-determinação necessário ao *ego*. Fundamentalismo quer dizer que não há fundamentos religiosos a serem negociados. Não há possibilidade de sincretismo. Os fundamentalistas esquecem o significado e ficam nas palavras. O radicalismo, fanatismo ou fundamentalismo são manifestações da *psiquê* carente de unidade, síntese e harmonia. Da mesma forma, a negação do mundo corresponde à absolutização do

Além. São expressões nefastas do fundamentalismo. Negar o mundo, construído por Deus, é querer ser mais religioso que o próprio.

Na sua maioria, as religiões se põem em oposição à vida material, pois conceituam o espiritual exatamente na direção oposta. Ora, não é a vida um fenômeno único? Por acaso, o que fez um não fez o outro? A fé não deve excluir a experiência que lhe possibilita a realização. Deus não pode ser um futuro, mas um real presente, posto que sua existência para o ser humano está delimitada pelo seu próprio inconsciente.

É claro que, por detrás dos ensinamentos oferecidos pelas religiões, há algo precioso, poderoso e fundamental à existência humana. Esse algo não é a concepção (humana) a respeito de Deus, tampouco uma promessa de vida futura desligada do que se vive no presente. A vida é mais do que o ensinado pelas religiões e menos do que aquilo que o egoísmo humano lhe atribui.

As religiões não começam com a grandiosidade, nem seus fundadores têm o poder místico que a história lhes atribui. Com o tempo, a tradição popular religiosa vai mitificando tudo que envolveu o início, principalmente a vida do principal fundador e seus ditados. A religião vai se aproximando do arquétipo, distanciando-se do indivíduo. Esse é seu segredo de crescimento e aceitação. Sua penetração popular começa nas classes menos favorecidas, sofridas e ansiosas por uma salvação, para depois alcançar as outras.

No Cristianismo temos Jesus, o cidadão judeu, ser humano comum; Jesus, o “cristão” pregador de uma nova mensagem; Jesus, o mito criado pela tradição popular que se revelou como representação do arquétipo do *Si-Mesmo*. Há uma certa pressão, até no próprio Cristianismo,

para sua aproximação maior do Jesus homem em lugar do mito.

Com o tempo, as religiões formais, manifestações coletivas naturais do arquétipo religioso, vão se subdividindo no curso do atendimento à *psiquê* individual. Por exemplo, no Judaísmo ocorreu o que já foi dito sobre o movimento natural ou passagem coletiva da religião formal para a pessoal. O povo hebreu vivia no Egito como uma subsociedade. Uniu-se, tomou consciência de seus costumes diferenciados e se constituiu como povo. Escravizados, os hebreus se fortaleceram na necessidade de se libertar da opressão. Começaram a adotar uma religião monoteísta, dentro de uma sociedade politeísta. Essa ocorrência reafirma psicologicamente a supremacia do indivíduo sobre o coletivo, fortalecendo a percepção do *Self* de cada um. Em sua peregrinação em busca da terra prometida, formaram uma nação constituída de vários subgrupos. Liderados por Judah, se constituíram nos Judeus, monoteístas e salvacionistas. Muitos anos depois, com sua fé baseada nos escritos do *Torá* (pentateuco bíblico), assistiram ao surgimento da primeira grande divisão – o Cristianismo. Era a *psiquê* individual insatisfeita com a coletiva. Os anos se passaram e o próprio Cristianismo começou a se dividir em Católico, de influência romana, e em ortodoxo, de influência grega. Com forte influência judaica conservadora, surge o Islamismo, como nova divisão, mas se apresentando como algo diferenciado do Judaísmo. Novamente a *psiquê* coletiva dava lugar a outra forma de manifestação do sagrado. Mas as divisões não pararam aí. O Catolicismo romano sofre novo golpe – a reforma protestante. Uma nova forma de manifestação do sagrado. O que era coletivo, tornava-se individual, para se transformar, de novo, em fenômeno cole-

tivo. O Protestantismo se afirma, sobretudo na Europa, gerando conflitos dentro do Catolicismo. Quase quinhentos anos depois do surgimento do Protestantismo, pode-se perceber a grande variação de manifestações em seu sistema. A grande variedade de religiões pentecostais é um testemunho da imposição da *psiquê* individual sobre a coletiva. A Religião Pessoal se impõe diante da coletivização religiosa por influência do arquétipo religioso.

Ainda sobre a questão politeísta x monoteísta, difícil afirmar categoricamente que se trata de uma evolução de uma a outra. São polaridades que representam dimensões psíquicas da compreensão do arquétipo divino. Deus é unidade e multiplicidade. O monoteísmo torna-se importante na medida em que consolida a idéia do *Self* e da individualidade. O politeísmo contribui para a percepção da pluralidade divina no psiquismo. O avanço notório das religiões monoteístas em detrimento das politeístas parece significar uma necessidade maior da religião continente em lugar da livre expansão das idéias, o que provocará uma distensão futura de proporções incomensuráveis e de agradáveis efeitos sobre a sociedade.

As religiões do mundo não se referem às mesmas coisas, não propõem o mesmo objetivo. Isso pode ser constatado, por exemplo, nas diferenças entre o Taoísmo e o Cristianismo. O primeiro propõe uma harmonia aqui e agora, uma ordem que perpassa cada coisa e cada experiência humana. O segundo propõe uma possibilidade futura, uma saída do mundo e uma supra ordem chamada Deus.

A constituição da Religião Pessoal é a saída para todos que já se beneficiaram e se conscientizaram da religião formal e estão em busca do *Si-Mesmo* e de Deus, sem as exigências externas e as obrigações infantis.



Religiões em pequenas sociedades

Em todas as sociedades primitivas, as hierofanias estiveram presentes. Hierofanias são manifestações do sagrado, tais como canibalismo, holocaustos (queima total do animal de sacrifício), totemismo, danças ritualísticas, reuniões circulares em torno do fogo, vestes ornamentais ligadas ao sagrado, altares, ritos de iniciação ao sagrado, amuletos, porções miraculosas, objetos *numinosos*, livros sagrados etc.. Isso corrobora a idéia de uma tendência psíquica coletiva em contraste com a afirmação de uma escolha pessoal. Todas essas manifestações representam aspectos psíquicos que carecem de desenvolvimento adequado, visando o autoconhecimento, isto é, o encontro com o *Si-Mesmo*.

O homem primitivo não dava nome às coisas. Simplesmente via imagens que lhe suscitavam emoções. Não havia materialismo nem espiritualismo. Suas imagens, sensações e emoções eram os principais ingredientes para a formação de idéias. Suas manifestações religiosas eram expressões puras do inconsciente. A ignorância em face da realidade, completamente desconhecida da razão incipiente, fez surgir a simbolização e a geração de rituais, fazendo face à tensão gerada. A religião atende a ne-



cessidade do ser humano de apreensão do significado das coisas, da vida e de si mesmo.

A ignorância a respeito da morte e da finitude da vida no corpo contribuiu para o surgimento da religiosidade humana. Talvez tenha sido a consciência da morte que contribuiu decisivamente para a instalação da função religiosa na *psiquê*.

É difícil aceitar que as sociedades primitivas, sem uma estrutura social organizada, sem uma ordem bem definida, possam ter dado, por escolha consciente, origem à religião. Isso fortalece a idéia de uma *psiquê* religiosa inconsciente ou em de Deus que dá origem à religião.

Como exemplo de religião de pequenas sociedades tem-se o Xamanismo, um tipo de religião tribal, caracterizada pela cura dos males físicos e espirituais e pelo respeito à Natureza. Era professada pelo Xamã (No Brasil, Pajé), que tinha o poder de se comunicar com os mortos e com as divindades da Natureza. Em seus rituais utilizava ervas, danças, cânticos, transes mediúnicos, bem como amuletos e trajes específicos que simbolizavam seu domínio sobre os mistérios da vida. O poder divino era atribuído ao indivíduo iniciado no conhecimento místico e na arte de cura. Ele era a garantia da segurança contra a fúria e a insatisfação dos deuses e da Natureza. Tal instabilidade atribuída aos deuses e à Natureza nada mais era do que fenômenos psíquicos ainda inconscientes e sem controle do *ego*.

O xamã (profeta, curandeiro, advinho, sacerdote, bruxo) era alguém ligado ao espiritual, a poderes sobrenaturais, com sonhos significativos para o destino do grupo, com poderes sobre a morte, com magia, com oráculos, *psicopompos* etc.. Os xamãs são a ponte de comunicação entre os deuses e os homens, entre os espíritos e as

peessoas, entre o ser humano e seus ancestrais. Desempenhavam um papel extremamente relevante em momentos de crise e de ameaça coletiva. Quando alguém adoecia, eram chamados para afastar o mal da pessoa ou da tribo. Em geral, usavam o mal, ou o bem para combater o mal. Geralmente eram do sexo masculino. Suas roupas e máscaras eram representações dos espíritos ou das forças que os guiavam nos rituais.

Aqueles indivíduos tomavam o lugar da imagem arquetípica do *Self* para garantia da ordem coletiva. Sua existência se impunha à cultura e ao poder do chefe. Determinavam a necessidade, ou não, do sacrifício pessoal e coletivo em favor da continuidade da sociedade. Sacrificavam animais, o próprio corpo ou os prazeres possíveis em favor de alguma divindade, para obter vantagem pessoal ou coletiva. O sacrifício era a solução para a transgressão ou a quebra de tabu. Algumas culturas praticavam o canibalismo para receber os poderes do morto.

As religiões tribais têm grande número de rituais e poucos escritos sobre seus princípios. São mais práticas e vivenciais do que teóricas. Em sua maioria, seus praticantes acreditavam que os espíritos controlavam a realidade e que deveriam lhes obedecer ou agradar. Os animais estavam ou estão presentes nos rituais e crenças primitivas por serem representações de aspectos psíquicos instintivos. O totemismo era outra forma de tentar materializar e controlar a manifestação da divindade. Cultuavam o sol, o fogo, animais sagrados, espíritos diversos etc.. Os espíritos eram considerados seres que habitavam um reino celestial, indiferentes aos humanos e possuíam força.

As religiões tribais davam explicações cosmogônicas (mito da criação) baseadas na própria natureza, apro-



ximando-se muito do mito, sem base lógica. Em geral, a crença firme na vida após a morte era comum, sem as exigências de provas ou manifestações explícitas. Nelas, há uma aproximação maior com o mediunismo natural. São manifestações da religiosidade natural que envolviam a vida e a manutenção da comunidade. Seus ritos, em geral, eram ligados à fertilidade.

As religiões tribais apresentam manifestações da *psiquê* primitiva, movida pelo desejo inconsciente de conexão com o divino e o transcendente, transferido para a Natureza. Não são fenômenos individuais ou promovidos simplesmente pela cultura, mas ocorrências geradas pelo automatismo psíquico, que surgem a partir da ânsia do espírito imortal em encontrar sua mais íntima essência e de manter contato com seu Criador e fonte de vida.

Às vezes, por conta do viés racional, dito científico, as práticas das religiões tribais são vistas como fruto da ignorância do homem primitivo em face de um mundo novo e complexo para ele. Não há diferença na intencionalidade do cristão de hoje quando faz o sinal da cruz e do pajé tribal em suas danças, pois ambos desejam manter contato com as forças superiores do Universo. Por acaso, os acontecimentos que culminaram no ataque às torres gêmeas, no coração da cidade de New York, nos Estados Unidos, não atestam a ingenuidade do ser humano em acreditar em tais meios para alcançar fins nem sempre coerentes com a ciência? O ser humano de hoje, em certos casos, é tão ou mais primitivo quanto o foi no passado.

Nas crenças primitivas a religião é diária, vivida como um pensamento coletivo. Sua tradição é oral, seus ritos são musicais e apresentam diferentes formas de poderes espirituais. São frágeis em doutrinas e na especula-

ção filosófica. As pessoas se sentem vivendo um único mito, contribuindo para a integridade do Universo em que acreditam. Não há uma Religião Pessoal nem tampouco uma consciência do eu definida fora dos limites do coletivo. Cada um é útil na manutenção de cada um dos outros.

Nas sociedades primitivas, como em algumas sociedades teocráticas de hoje, a cultura é a própria religiosidade. As experiências dos indivíduos se dão no seio da religião. Não há cultura fora da religião nem possibilidade de compreensão do mundo fora de seus limites. A religião submete o indivíduo à Natureza para que, no contato com ela, se estruture, reconhecendo e desenvolvendo sua própria força.

A diversidade de religiões primitivas, mesmo quando em comunidades próximas umas das outras, reflete a complexidade, não só da *psiquê* como também da própria divindade. *Psiquê* e Divindade apresentam seu aspecto plural na diversidade religiosa. Enxergar, procurando compreender os diversos ritos religiosos como manifestações da divindade contribui para entendê-la.

Da mesma forma que as religiões tribais, pela sua grande diversidade e por conta de características culturais específicas de cada região, representam a pluralidade da *psiquê* humana, a miscigenação e o sincretismo religioso, principalmente entre dominados e dominadores, refletem o caráter flexível de sua face religiosa, que permite o surgimento de reinterpretações do sagrado. A divindade se revela sutilmente nas manifestações religiosas da *psiquê*.



Horizonte espiritual

A psiquê humana naturalmente constrói horizontes, nos quais projetam suas aspirações futuras de gozo, de fruição ou de habitação (estado mental). Quando, por exemplo, alguém decide fazer uma viagem a algum lugar, imagina antecipadamente o local, além de se preocupar onde e como vai repousar. Assim, projeta tudo que lhe acontecerá a cada minuto, na expectativa inconsciente, ou consciente, que assim aconteça. Da mesma forma, no que diz respeito à vida após a morte, isto é, ao futuro humano, a vida além-túmulo também é imaginada. As religiões oferecem possibilidades, consideradas reais, subsidiando a imaginação de seus féis. Muitas vezes, aquelas possibilidades se tornam o único horizonte possível à mente pouco acostumada a reflexões profundas.

No campo do Espiritismo, essas possibilidades recebem o contributo de inúmeras mensagens psicografadas, bem como de livros de autores encarnados, além de consistentes experiências científicas levadas a efeito em diversos países e oferecem horizontes espirituais modelados pelas perspectivas psiquicamente idealizadas pelos praticantes. O horizonte apresentado é conhecido como Mundo Espiritual ou Espiritualidade, e seus habitantes vivem em um estado que Allan Kardec chamou de erraticidade.



O Mundo Espiritual apresentado (ou formado pelo imaginário da maioria dos espíritas) se mostra, de certa maneira, estereotipado por situações, paisagens, linguagem e personagens convencionais. Estereótipos que geralmente não saem da dialética do bem e do mal, do feliz e do infeliz, do luminoso ou obscurecido, do evangélico ou distanciado dos valores cristãos etc.. Aquilo que, de fato, é pertencente àquele mundo não é descrito e, quando se tenta fazê-lo, surge o problema da linguagem, que dificulta a compreensão. Parece haver uma comunidade de espíritos espíritas que contracenam com infelizes e doentes, como se aquele mundo espiritual fosse tão somente constituído de mentores, guias, médicos, benfeitores etc. e de doentes abrigados sob a proteção de instituições por aqueles dirigidas.

A imagem construída não brota do nada. Ela surge da existência real de projetos de nobres espíritos que se interessaram por reduzir a miséria humana, moral e intelectual, melhorando a sociedade. Esse horizonte, porém, necessita ser ampliado. A complexidade do Universo além da matéria é inimaginável, não só à mente humana encarnada como também ao espírito, encarnado ou não, no estágio atual de sua evolução. No mundo espiritual existem complexas habitações, uma grande diversidade de relações, múltiplas possibilidades de aparência, num universo amplo e ilimitado, disponível à concepção do imaginário humano.

Ampliar horizontes espirituais permitirá o surgimento de consciências mais livres e capacitadas ao exercício de sua individualidade. A mente livre permitirá o exercício do amor em plenitude. Assim, o horizonte espírita tornar-se-á a dimensão do ser humano novo, livre e criativo para a realização efetiva do plano de Deus para

ele constituído. Paisagens, idéias, conceitos e imagens construídas com o auxílio da literatura espírita devem ser consideradas tão somente pontos de apoio, não mais do que âncoras psíquicas iniciais. Plasmar na própria mente um horizonte novo, construído pelos ideais de beleza, leveza, liberdade, arte e amor é tarefa de todos nós, sobretudo daqueles que se propõem a conduzir almas, enquanto aprimora a própria. Aprisioná-las em horizontes pequenos em que prepondera o maniqueísmo é crime de lesa liberdade.

Com isso não quero parecer um iconoclasta vulgar, mas alguém que deseja ampliar a percepção humana a respeito da vida espiritual. Considerando a complexidade da vida na matéria e compreendendo a força sutil com que a divindade se põe ante o humano, busco uma maior visibilidade da vida no Além.

Impossível dissociar religião de vida espiritual e de mediunidade. A mediunidade é a faculdade humana que permite a comunicação com espíritos desencarnados. Seu surgimento pertence aos primórdios da constituição psíquica humana. Via de regra, as religiões se desenvolveram em meio a fatos mediúnicos considerados sobrenaturais, cujos protagonistas foram tidos como deuses ou possuídos por eles.

O horizonte espiritual, por mais que se imagine algo utópico ou surreal, será muito mais complexo e exuberante do que jamais se sonhou. O que plasmou a Natureza com toda a sua diversidade, utilizando-se de uma criatividade superlativa, não reserva ao humano algo que ele próprio poderia ter concebido ou mesmo ter construído.

Enquanto o ser humano permanecer submetido ao dogma, à tendência arquetípica que o aprisiona no coletivo, vai querer um céu maravilhoso, destinando, aos que a

Adenáuer Novaes

ele não se assemelham, o inferno dantesco que ele próprio tenta lhes esconder.

Seus horizontes espirituais devem ser outros, diferentes do primitivo, que se via após a morte como um forte guerreiro lutando contra as feras monstruosas que, sem ele saber, habitavam em seu inconsciente. Todos são seres criados pela luz e para ela se dirigem.





Religião é busca pelo Si-Mesmo.

A palavra religião é aplicada para diferentes experiências de fé, de culto, de ritual, de *numinosidade* e de relação com o sagrado. Seu sentido está de fato ligado ao sagrado, isto é, àquilo que transcende à consciência, àquilo que retira o *ego* do controle racional. Sua vivência tem representado a busca do ser humano pelo que lhe é considerado a finalidade e o sentido da vida. No ato religioso, a imaginação do ser humano tem estado a serviço de conexões com divindades e com sentimentos de transcendência. E a sua consciência, em relativo estado alterado, vibrando numa frequência diferente da habitual, tenta se conectar a algo que lhe retire do foco pessoal para alcançar limiares superiores, onde supõe encontrar algo que lhe propicie elevação, poder e felicidade.

O movimento da consciência na direção do culto externo, quando exclusivamente feito para o encontro com algo fora da realidade possível ao humano, se dá na direção contrária à busca por uma compreensão da própria natureza e identidade essencial. Quanto mais o ser humano busca a divindade exterior ou o que parece estar próximo dela, mais se afasta da sua natureza essencial. O movimento de busca deve ser na direção do *Si-Mesmo*,



Adenáuer Novaes

isto é, da individualidade para o encontro com a divindade. O ser humano se conhece muito pouco e isso o leva a querer preencher o vazio da ignorância pela qualificação superlativa de uma divindade. Esse desvio de si mesmo para o deus que ele concebe atrasa sua evolução, bem como seu verdadeiro encontro consigo mesmo e com Deus.

Mesmo fazendo de diferentes maneiras, as religiões se esforçam para consolidar elementos morais na vida humana. As religiões têm favorecido o melhoramento da sociedade, seja validando antigos e importantes valores, seja propiciando o surgimento de uma ética superior para a vida humana. Caminha-se para uma ética global, assumida pelas nações, por todas as religiões e filosofias, graças à consciência cada vez maior da unidade da espécie humana. Há uma crescente percepção coletiva de que todos fazem parte de uma mesma família de espíritos, submetidos a idênticos processos evolutivos, e de que estão num mesmo plano de realizações. A busca pelo Deus externo tem fomentado uma certa identificação coletiva inconsciente. Mesmo considerando que as religiões apresentam diferentes propostas e que nem sempre propõem o mesmo fim para o indivíduo, elas se tornam responsáveis pela possibilidade de manifestação do arquétipo religioso. Por esse motivo, se prestam à mesma finalidade na vida humana.

No propósito de levar o ser humano à sua máxima realização, as religiões se perpetuam afirmando princípios envolvidos por antigos mistérios. Muitas vezes, esses princípios são afirmados em encíclicas, éditos, livros sacralizados, congressos e encontros de líderes, porém, na prática, não costumam alcançar a grande maioria de adeptos que vive cotidianamente a religião. No dia-a-dia

da pregação religiosa, costuma-se ser mais tolerante com vistas a uma difusão mais rápida e uma maior cooptação de adeptos. Uma religião tolerante e mais próxima dos costumes sociais se difunde mais rapidamente, contribuindo para um maior número de seguidores. Decisões distanciadas da vivência comum das pessoas contribuem para uma menor possibilidade do ser humano alcançar sua máxima essência.

Quando o ser humano se encontra no limite de sua miséria e de suas condições de subsistência, num estado de inferioridade, costuma aceitar propostas religiosas que magicamente o tirem daquelas situações. As conversões religiosas costumam ocorrer em situações limítrofes entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, quando as forças estão nas últimas. Isso justifica um elevado número de adeptos em religiões extremamente castradoras, que obrigam a aceitação cega de princípios, o que dificulta a percepção do *Si-Mesmo*.

Toda religião tem um ou mais princípios afirmativos, como se fosse dogma. Tais dogmas estão relacionados com a *psiqué* humana e seus processos. Em última análise, estão referenciados com o *Si-Mesmo*. Quando são cuidadosa e profundamente analisados, são percebidos como símbolos que representam os mistérios a respeito da natureza espiritual do ser humano. Sua decodificação tem sido tentada, por longos anos, por estudiosos das ciências e por místicos de várias ordens religiosas, sem sucesso. Uma maior aproximação com o *Si-Mesmo* levará o ser humano à compreensão melhor do significado daqueles símbolos.

A existência de um grande número de religiões é resultante da infância da humanidade no que diz respeito ao conhecimento da natureza essencial humana e a res-

Adenáuer Novaes

peito de Deus. A união das religiões acontecerá com o preenchimento de experiências na *psiquê* de cada ser humano que o levem ao encontro com o *Si-Mesmo*, o que exigirá um trato maior com o espiritual, com a mediunidade e com a reencarnação. Viver experiências ligadas a questões relacionadas a esses temas capacita o espírito ao entendimento maior de si mesmo.

Quanto mais o ser humano penetrar no mistério que envolve sua própria essência, na percepção precisa de sua individualidade, na compreensão de sua natureza essencial, mais próximo ele chegará ao encontro do significado de Deus. A Psicologia, com seus estudos a respeito da *psiquê*, oferecerá novos subsídios à religião para que o ser humano alcance melhor aquele intento.

A Religião Pessoal também deverá levar o indivíduo ao estado psíquico de receptividade e de conexão com o sagrado. Sua construção, dentro ou fora da religião formal, será um grande passo para o processo evolutivo do espírito imortal.





Eros e Religião Pessoal

Construo minha Religião Pessoal por força do desejo íntimo de encontrar-me, de compreender-me e de me sentir com o outro. Tenho a coragem de estabelecer os novos limites à minha própria mente, antes acrisolada pelo temor de um deus opressivo. Arrisco-me em reconstruí-la por ver-me desejoso de ir mais além de mim mesmo, de alçar vôo na direção do que não compreendo e que sei ser necessário ultrapassar. Minha decisão é fundamentada num convite interno do Criador da Vida, que me dá a certeza de que se trata da conquista de um novo patamar na minha existência.

Não temo me perder. Nada a perder nem temer, pois o interesse em me conhecer e, em seguida, revelar aquele que me gerou, é mútuo. Se devo me tornar “perfeito”, ser feliz, encontrar-me, realizar-me, ou qualquer que seja a finalidade para a qual fui criado, é para a glória daquele que me fez. Portanto, nesse sentido, Deus e Criatura estão no mesmo propósito. Só os tímidos não se arriscam, protegendo-se demasiadamente do viver, escudando-se por detrás de um deus que substitui sua segurança. Só os fracos não se exigem mais do que a cultura e a religião formal oferecem em matéria de desenvolvimento e crescimento espiritual.

A Religião Pessoal é o oceano onde desaguardam os rios que representam as religiões formais. Alcançar uma



Adenáuer Novaes

Religião Pessoal é a decorrência principal de uma profunda vivência, coerente e determinada, nas fileiras de uma religião formal. Todo crente sincero, consciente da magnitude de sua própria existência, sabe que deve prosseguir na busca de algo acima dos muros da religião que lhe obriga a limitar-se, sob pena de ser anatematizado.

Uma religião cujo Deus obriga seus adeptos a temê-lo, a adorá-lo e a observar princípios que lhes neguem a própria vida humana em favor dele próprio não os levará além da própria sobrevivência, à semelhança de um núcleo feudal medieval, há muito ultrapassado, que cria fortalezas para indivíduos cada vez mais medrosos. Uma religião cujo profeta, missionário, pastor ou sacerdote, humano como qualquer criatura, transforma-se em mito a ser adorado, tal qual o próprio Deus que idolatra, não elevará seu adepto para além da condição servil em que vive. Uma religião cujo templo restringe seu uso àqueles que se condicionaram aos rituais e atitudes que enrijecem a mente humana não levará um só crente ao encontro com a essência da vida. Uma religião cuja história contemple demasiadamente o passado, justificando exclusivamente neste o futuro, excluindo qualquer possibilidade de reflexão e contextualização não avançará no equacionamento dos enigmas do Universo. Uma religião cuja fonte de saber tenha se cristalizado em palavras e símbolos, sem a possibilidade de penetrar nos significados profundos que eles representam, não oportunizará que se alcance a sabedoria universal. Uma religião que se utilize de seus postulados para fomentar a discórdia e o desamor, tornando-se instrumento do poder, não proporcionará a igualdade e a fraternidade entre as criaturas. Uma religião cujo adepto seja conduzido ao individualismo, sem a mínima percepção da condição de ser coletivo, espiritualizado e

de estar inserido no meio em que vive, torna-se apenas um movimento intelectual e egocêntrico. Uma religião que exclua as demais como caminhos para o encontro com a finalidade da vida não poderá construir a paz entre as nações.

Quando as religiões propõem rejeitar o mundo, excluindo o necessário contato com a realidade, se opõem ao processo de evolução humana. Nesse sentido, a religião formal é contraditória, dogmática e negativista.

A ciência toma o lugar da religião na medida em que esta não apresenta referenciais no mundo para a realização do indivíduo; tenta mostrá-los fora dele. Por outro lado, a obstinação dos que se arvoram em detentores do saber, negando a experiência mística como porta de acesso ao conhecimento, leva o ser humano ao emburrecimento.

A religião sobrevive graças ao *eros* humano, isto é, ao desejo e à ânsia pelo encontro real com o divino. Sem o intenso desejo de se conectar ao divino, a religião não sobrevive. Dialeticamente, o *eros* tem se aplicado ao mundo ou se dedicado a Deus. Em ambas as direções, seja pelo “pecado” ou pela devoção, *eros* sustenta a necessidade de amplitude. Esse desejo, que pode ser dirigido às duas dimensões, deve se voltar para a construção da Religião Pessoal. Na dimensão religiosa, *eros* voltado exclusivamente para a religião formal mantém o ser humano na inconsciência. Quanto mais o ser humano é inconsciente de si mesmo, mais sua religião apresentará elementos dogmáticos, cuja compreensão permanecerá inacessível. A presença de *eros* em seu psiquismo se deve à sua condição de filho da Natureza. O ser humano não é gerado dissociado da Natureza. Ela é mãe dos corpos e dos instintos. *Eros* pertence à própria essência do ser humano.

O ser humano vem descobrindo que a Natureza é um ente vivo que segue leis próprias, o que o destitui do lugar de poder sobre ela. Dar nomes aos fenômenos naturais é mera forma de burlar essa verdade. O culto à Natureza deve se transformar em respeito. Aprender com ela é o melhor caminho. E a Natureza, mesmo que venha a ser dominada pela inteligência humana, revela aspectos obscuros em seu funcionamento. Assim também se dá com a *psiquê*, cujo funcionamento escapa à compreensão da lógica humana. A religião não poderá dispensar gratuitamente o poder de *eros*, sob pena de excluir a própria divindade.

A maioria dos problemas ecológicos mundiais apontam para um agente único – o próprio ser humano. Não se pode mais acusar forças ocultas, inconscientes, deuses mitológicos, Deus ou o demônio. A culpa foi materializada, e ela chama a consciência humana para uma solução. Não é mais o mal o responsável, mas a própria liberdade de escolha, a razão humana. A religião não pode separar a Natureza do espírito. Causas ecológicas são também causas religiosas. A Religião Pessoal, diferentemente da religião formal, inclui o respeito à Natureza e a preocupação com o meio ambiente como parte de seu código de princípios.

A religião promovida por *eros* em complementação ao *logos* é mais do que uma proposta de cura para a alma. Considerar que religião é apenas a recuperação de algo perdido ou corrompido é tentativa de retorno à infância. A religião deveria ser considerada como a possibilidade de se tornar o fator catalisador da alma, para que ela se torne além do que ela é. Uma entrega religiosa dominando a *psiquê* promove a sensação de que algo está escapando de ser vivido. A vida fica incompleta.

A religião parece querer tirar o ser humano da Terra. Isso é apenas um convite para que ele observe as estrelas. Esse convite não poderá retirá-lo da Terra, na qual ele foi gerado. Em suas entranhas pulsa o coração do Criador de todas as coisas. Sem *eros*, o *logos* é vazio. Sem *logos*, *eros* é apenas paixão. O *Self* “ama o mundo”, envolvido pela energia de *eros*, mas o *ego* se depara com a dura realidade dele, analisada pelo *logos*.

A Religião Pessoal conduz à construção de uma consciência aberta, livre e flexível ao que vier. O que de fato vier a acontecer com ela será fruto de sua própria criatividade, conduzida por *eros*. Uma proposta racional não é suficiente para despertar a *psiquê* religiosa, conduzindo-a à percepção do divino. Só uma idéia permeada por *eros*, ou um sentimento próximo ao *Self*, poderá despertar a *psiquê* religiosa.

Numa das muitas genealogias de *Eros*, deus do amor, ele é filho de Nix (noite). Nix pôs um ovo, cujas metades partidas deram origem a Urano e Géia (Céu e Terra). *Eros* é o elemento conectivo dessas duas metades, força coesiva do Universo. *Eros* é o convite para que a religião siga o caminho do amor, pois é ele que conecta o ser humano ao outro, a Deus e a si próprio.



O que é Religião Pessoal

*R*eligião Pessoal é a religião construída pela própria pessoa a partir dos paradigmas de sua religião de origem ou de suas experiências relacionadas ao sagrado. Deve ser gradativamente construída ao longo da vida do indivíduo, após reflexões sobre si mesmo, quando em seus embates com o sagrado e pelas experiências *numinosas* que vive. Não é uma religião coletiva nem tampouco se opõe às religiões tradicionais. É fruto de uma certa insatisfação interna, e surge da tentativa de preencher lacunas deixadas pelo simbolismo pouco esclarecedor da religião de berço. Pode também ser construída na ausência de uma educação religiosa formal. A Religião Pessoal pode receber contribuição dos paradigmas de todas as religiões, até mesmo da Religião Pessoal de outros indivíduos.

Sua vivência proporciona um estado de equilíbrio interno, que se reflete no externo, em face da eliminação das tensões entre a consciência e o inconsciente no que diz respeito às necessidades de expressão do arquétipo religioso. Nela não cabem culpas morais, deus punitivo, obrigações redentoras, penitências aflitivas, atitudes sacerdotais, disputas religiosas, comparações com as crenças alheias nem necessidade de afirmação nesse campo. Na Religião Pessoal, há sim, autenticidade do indivíduo consigo mesmo, comprometimento para com seu desenvolvimento espiritual e cumplicidade com o crescimento do outro.



Sua vivência admite a assunção de qualquer outra religião ou mesmo de nenhuma delas, pois nasce das necessidades interiores do próprio indivíduo visando atender-lhe anseios íntimos. No caso de se assumir outra religião além da pessoal, isso se dá de forma consciente, sem sectarismo nem fundamentalismo. Portanto, assumir uma religião ou professar a própria não exigirá um embate teológico externo, mas uma procura por algo que asserene a própria alma na direção do equilíbrio psíquico e do desenvolvimento da personalidade integral.

Um dos princípios capazes de auxiliar na construção de uma Religião Pessoal é a não-subserviência ao conceito de um deus todo poderoso, entronizado pela maioria das religiões, o que não significa a negação daquele poder, mas apenas a iniciativa de se libertar do jugo de uma prisão psíquica de difícil saída. Um deus todo poderoso implica numa criatura insignificante, que nada pode fazer. A mudança desse paradigma significa também a gradativa compreensão de que esse poder se realiza através do humano. Tal compreensão deverá levar a pessoa à percepção de seu próprio poder na realização de sua vida e na construção de seu destino. Na prática, é uma gradual transferência do poder externo para a consciência do poder interno.

Para construir a Religião Pessoal é necessário entender que se trata de uma empreitada difícil e laboriosa. Exigirá sacrifícios, mas sem sofrimentos e renúncias exageradas. Há que se mexer com a própria mente, na própria forma de pensar, isto é, com princípios cuidadosamente plantados, que garantem a estabilidade da consciência. Princípios religiosos sempre serviram para o equilíbrio psíquico nos momentos de insegurança. Há que se alcançar estruturas psíquicas, até então consideradas se-

guras. É preciso reconhecer que as matrizes psíquicas existentes consolidaram uma forma de entender a religião como instrumento de levar a pessoa ao medo, à crença no sofrimento como meio de elevação, a crer no sobrenatural, ao sentimento de inferioridade pessoal diante da vida, ao não reconhecimento de sua capacidade, ao medo da morte etc.. Incluem-se nessas matrizes a forma de troca de favores ao lidar com a divindade, a espera de milagres e a distorção da vida futura.

Há que se desconstruir as antigas matrizes psíquicas forjadas pela religião coletiva. Há que se abandonar uma certa segurança proporcionada por elas, retirar o medo do desconhecido e do que virá, além de se desmistificar a idéia de um deus externo e julgador.

Os componentes das matrizes psíquicas são direcionadores da vida cotidiana, pois são forjadores da moral, das virtudes, dos excessos e das aspirações pessoais. Nem todos deverão ser modificados, mas terão de ser reavaliados de forma gradual e segura. Seu início se dá com uma atenção séria a um anseio interior de mudança, que aponta para algo profundo e importante para o indivíduo. O vazio e a angústia, normalmente existentes na criatura humana, terão a devida atenção do *ego*, pois são representações da vida real, interior e misteriosa, requisitando a consideração necessária.

É preciso coragem e cuidado para romper padrões psíquicos construídos ao longo de várias encarnações. A segurança construída, sutil ou conscientemente, é muito forte para ser desfeita de forma simples e rápida. É trabalho que exige tempo, determinação e construção de algo ainda mais consistente, que preencha a consciência e fortaleça a identidade do eu. Não haverá mais lugar para proteções externas, mas para novas estruturas na perso-

nalidade que favoreçam a existência autônoma e que tragam realização pessoal, além de um significado existencial profundo. Esse algo pode ser a Religião Pessoal, que proporcionará autodeterminação ao espírito.

As palavras “religião” e “salvação”, de tradição judaica, têm forte influência no entendimento da busca humana pelo significado da vida – o encontro com Deus, realização espiritual, transcendência, imortalidade etc.. No entanto, a palavra religião, usada na Religião Pessoal, ultrapassa o sentido aplicado originalmente pelo Judaísmo. Por isso, não haverá realização de perfeição em uma encarnação nem necessidade de salvação de coisa alguma. As religiões formais são formas provisórias e iniciais da Religião Pessoal.

Religião Pessoal é um Caminho Pessoal, ou, como diriam os orientais, um *Tao* Pessoal. É a assunção da Consciência Divina Pessoal. Religião Pessoal é não se preocupar com a salvação, mas com o propósito do desejo da existência. Isso porque o mundo espiritual é apenas um mundo e não o mundo. Ele não é negado, mas compreendido como uma passagem efêmera de algo maior – a livre expressão do espírito no Universo.

Dois princípios precisam ficar bem claros na construção da Religião Pessoal: a continuidade do eu e a conectividade. São os dois pilares básicos que fundamentam o pensar, o agir e o existir. O primeiro representa a imortalidade do espírito, e o segundo, a exigência da evolução no contato com outra pessoa. Em resumo, todos os seres humanos são imortais e ninguém evolui sozinho.

Continuidade do eu

A constituição da Religião Pessoal parte do princípio da continuidade do eu em todos os pensamentos e

atos. Isso significa que a pessoa deve ter em mente que, o que quer que aconteça à sua vida e ao seu corpo, também a morte física, seu eu continuará existindo tal qual é hoje. Não se trata apenas de acreditar na vida após a morte, mas de se ter consciência da continuidade de si mesmo, como pensa, sente e age. Uma continuidade um pouco diferente da idéia da crença na imortalidade, que apenas oferece uma esperança de uma situação futura proporcional ao que o indivíduo fez enquanto encarnado. A continuidade do eu significa a não existência de um hiato avaliatório entre a vida no corpo e a vida após sua morte. Esse momento avaliatório, que de fato pode existir para o próprio indivíduo, ocorre principalmente para aqueles que psicologicamente o concebem. Estes, após a morte, irão atravessá-lo por acreditarem em sua realidade e por se inserirem em um sistema que o inclui. Não se trata de um mundo virtual ou imaginário, mas de uma sociedade dos que se incluem nesse sistema de crenças, e as crenças formam o arcabouço e o tecido sobre o qual a realidade se forja e acontece.

O conceito de continuidade do eu deve se tornar um estado de espírito capaz de retirar a criação mental, pré-formada, de uma vida futura idealizada pelos paradigmas religiosos, mesmo que eles de fato sejam reais. Isso não quer dizer que as informações que, porventura, sejam recebidas do Mundo Espiritual, pela mediunidade ou através dos sonhos, sejam incorretas. Porém, para certas pessoas, tais informações podem induzir a uma vida material calcada na esperança de um futuro idealizado, afastando-as da construção de uma personalidade auto-determinada e transferindo para o Além sua autêntica existência.

A continuidade do eu é a permanente responsabilidade pelos próprios atos, bem como a segurança de si

mesmo em relação ao que vive e faz. É uma espécie de destemor e firmeza de espírito para o enfrentamento dos desafios da vida. A preocupação com a vida futura deixa de existir na medida em que o espírito se sente seguro de si e responsável pelo seu próprio destino. Aquele que vive consciente da continuidade do eu sabe que sua situação após a morte será mero prosseguimento de seu estado de consciência e da consciência do eu que tenha construído.

A continuidade do eu é um fenômeno cotidiano. A assunção e manifestação do eu é um fenômeno quase biológico, tendo em vista seu automatismo. Por vezes, fruto de repetições constantes, o fenômeno pode se tornar de propriedade do eu. Não será surpresa após a morte seu ressurgimento natural. A consciência do eu brota inesperadamente na vida consciente, oriundo da vida inconsciente, que nunca cessa de acontecer. O movimento do eu entre a consciência e o inconsciente se assemelha ao pendular. O eu oscila entre a consciência e o inconsciente de forma intensa, automática, célere e constante. A idéia de um eu estático contribui para a não percepção de seu dinamismo e de sua impermanência. A Religião Pessoal admite esse movimento pendular como base para uma busca constante pela assertividade na vida, considerando também seu aspecto inconsciente.

O movimento pendular do eu gera um campo natural de atração que proporciona ao eu a capacidade de aglutinar e associar conteúdos, além de lhe conferir a competência de estabelecer sintonia com o *Si-Mesmo*. O campo formado lhe confere a função de ser o centro aglutinador da consciência, de acessar simultaneamente o inconsciente e de ser a identidade representativa do espírito.

A Religião Pessoal é, portanto, uma auto-consciência oriunda da certeza de que se é um espírito gerado para

Adenáuer Novaes

se tornar autônomo, comprometido consigo mesmo e conectado ao Universo. Não é uma religião para templos, sacerdotes, paramentos, rituais, adorações, amuletos, salvação ou libertação *prometeica*. É compromisso com o uso do *fogo sagrado*, doação divina interior e singular, que se possui em si mesmo.

Conectividade

A continuidade do eu é um dos princípios da vida que se deseja realizar e atribuir significado. Sua consciência é fundamental na constituição da Religião Pessoal. O outro princípio é a possibilidade de conectividade. É o que legitima a existência, pois o outro será sempre o referencial necessário ao espírito para a realização de experiências. O espírito é sem o outro, mas não realiza sua existência sem o contato com ele. A conectividade é o princípio da relação com o outro.

Toda realização humana parece conter a necessidade de um certo compartilhamento, com alguém, daquilo que se faz. Mesmo aqueles que gostam de realizar suas experiências de vida sozinhos, estão, consciente ou inconscientemente, esperando ser observados e avaliados. Como a consciência do ser humano é dual, um outro é sempre presente como um interlocutor, numa espécie de relação virtual com um *alter ego*.

Todos os sentimentos humanos, que antes eram emoções instintivas, nascem da capacidade inata no ser humano de estabelecer conectividade. Numa dimensão mais profunda, a conectividade promove a capacidade, que o ser humano possui, de amar. Só ama quem se conecta ao outro. As experiências humanas que contenham, em sua base, o desejo de conexão com alguém, ou que se realizem objetivando a conectividade, são geradoras de

crescimento e desenvolvimento ao espírito. A conectividade é o desejo permanente de, no contato com o outro, o ser humano encontrar-se consigo mesmo. Não é possível evoluir sem se conectar. O princípio da conectividade significa a necessidade da relação afetiva com alguém. Realizar trocas afetivas nutre o espírito de motivação e entusiasmo. A afetividade é a atualização do instinto do prazer numa dimensão que ultrapassa os limites da emoção, alcançando a sensibilidade do espírito.

O excesso de racionalidade priva o ser humano do desenvolvimento de sua conectividade. Encontrar respostas lógicas, oriundas de conexões racionais e simplistas referentes à complexidade da vida, pode distanciar o ser humano de sua sensibilidade e capacidade conectiva.

Na mitologia grega, numa das genealogias dos deuses, o sentido correspondente à conectividade é encontrado em *Eros*, filho de *Afrodite* e *Ares*. Ele é o princípio unificador e coordenador dos elementos. *Afrodite* é a deusa do desejo, do amor e do prazer sensual e *Ares* é o deus da guerra, cuja característica principal era a agressividade e violência. Pois bem, *Eros* é filho desse casamento de forças bastante antagônicas, razão pela qual pode-se suspeitar que a união entre duas pessoas contém um misto de repulsão e, simultaneamente, de atração. Não há união sem o desafio da possibilidade de rejeição pelo outro e de rejeição ao outro. A conectividade é uma das necessidades humanas para a evolução do espírito. Graças a ela combate-se a solidão e o isolamento afetivo.

Os dois princípios, continuidade do eu e conectividade, impulsionam o espírito para a realização do significado de sua existência, bem como para o encontro do sentido da vida. São duas alavancas psíquicas que justificam

a individualidade humana. Todos são impulsionados por esses dois princípios que nunca cessam de existir.

A consciência deve mover-se a partir desses dois princípios. Uma vez que se tome consciência deles, não se conceberá a vida como uma puerilidade ou como uma simples manifestação genética. Eles correspondem aos arquétipos do *Si-Mesmo* e da *Ânima/Ânimus*.⁴

É preciso alcançar-se a conscientização da imortalidade do *Si-Mesmo* e da mortalidade do *ego* para se iniciar a construção da Religião Pessoal. Essa mortalidade corresponde à consciência da impermanência das coisas, pois nada será como antes nem o momento futuro será vivido como foi idealizado. Sentir-se imortal e conectado é não temer a morte do corpo nem a perda da alma.

A Religião Pessoal permite a resolução do enigma do abismo porventura existente entre a criatura e o Criador, sem inverter os papéis. A conectividade com o outro se torna possível pela consciência da inquebrantável ligação existente entre Criador e criatura.

Uma pergunta pode surgir: A que ficariam entregues aqueles que precisam de consolo ao assumirem sua Religião Pessoal? O consolo para eles virá da consciência dessa forte ligação – Criador-criatura –, bem como da certeza da continuidade do eu.

A Religião Pessoal tem como objetivos:

- promover a autocompreensão e a autodeterminação da pessoa, tornando-a consciente da propriedade de si mesma;
- fazer o ser humano alcançar a máxima compreensão do funcionamento do Universo e sua responsabilidade neste;

⁴ Optei por acentuar as palavras *ânima*, *ânimus* e *psiquê* em função da pronúncia que normalmente se utiliza. Conservei a grafia original nas transcrições.

- levar o ser humano ao estado de felicidade permanente, sem esquecimento de sua participação na realização do outro;
- atualizar o arquétipo da *psiquê* religiosa, arquétipo da *Imago Dei*, para o encontro com o *Si-Mesmo*;
- tornar o ser humano o principal agente de transformação e desenvolvimento da sociedade em que vive;
- levar o ser humano a compreender o sentido e o significado da vida e da razão última de sua existência pessoal.

A esses objetivos se juntam aqueles que serão descobertos no decorrer da construção da Religião Pessoal, bem como após sua definitiva instalação.



Religião formal e Religião Pessoal

Na religião formal, adota-se, por tradição e continuidade, os valores familiares. Em relação aos valores religiosos, os filhos os herdam geneticamente dos pais, recebem pela educação por eles transmitida, sofrem as influências do meio social, são contaminados pelo *zeitgeist*, além de construírem seus próprios conceitos sobre religião. Mesmo que não o queiram, possuem uma religiosidade por assimilação inconsciente. Aqueles que, porventura, dizem não ter uma religião, não estão se referindo a esse conteúdo, que representa um rudimento de sua religião formal. A adoção dessa religião é imposta por herança e pela convivência. A Religião Pessoal não é adotada, mas construída. Na Religião Pessoal, não se toma emprestada uma crença, tampouco se se converte a ela. Sua construção decorre de um longo processo de maturação de convicções a respeito do sagrado e do religioso, oriundas de experiências *numinosas*.

A religião formal sofre forte influência da *sombra* coletiva, pois impõe sobre a consciência o medo do pecado. Nela, todos são naturalmente pecadores. Demônios e entidades aversivas fazem parte do cenário que compõe o universo dialético da religião formal. Ou se seguem os



seus preceitos ou se se torna escravo deles. O bem e o mal são oferecidos como opção ao adepto. Sua escolha será decisiva para seu destino. Ou o céu ou o inferno. Em geral, os adeptos das outras religiões, que não a do próprio crente formal, estarão sumariamente no inferno. O contrário ocorre com os adeptos da Religião Pessoal, que, além de estimularem a adoção de uma crença, seja formal ou pessoal, consideram que todos os indivíduos são livres para exercitar sua fé.

Na Religião Pessoal, bem e mal são conceitos relativos que representam dimensões psíquicas relacionadas ao valor das ações. Esse valor diz respeito à relação consigo mesmo e com a norma social. Na Religião Pessoal, não há temor do mal nem sanção sumária pós-morte para a eventual ação considerada vinculada ao mal. As consequências dessa eventual ação se darão considerando-se inúmeros fatores, entre eles, a necessidade de educação do indivíduo. A consciência da assunção da responsabilidade pelas ações, quaisquer que sejam, é facilmente assimilável na Religião Pessoal; portanto, não há temor do futuro ou do destino decorrente da vida atual. A *sombra* pessoal é considerada inerente a todo ser humano, não sendo uma “ofensa” a Deus. Na Religião Pessoal, não há afirmação de punição, castigo ou sofrimento por qualquer ação considerada má. Isso não implica que o mal seja estimulado ou considerado um bem. A própria consciência do indivíduo, cotejada pela norma social, será importante para que ele assuma a responsabilidade por aprender como fazer o bem. As virtudes não são assimiladas por causa das sanções a serem aplicadas quando o indivíduo se comporta contrariamente a elas, mas porque adquiri-las implica em capacitar-se para uma maior compreensão do Universo e das Leis de Deus.

Além do combate às imperfeições e da rejeição aos vícios, na Religião Pessoal prioritariamente se trabalha para integrar, à personalidade, competências adequadas à evolução do espírito, o que implica em não se ocupar tanto em apenas combater o mal, mas em compreendê-lo como inerente ao sistema psíquico constitutivo do humano. O mais importante é viver experiências atualizadoras das tendências humanas comuns, adquirindo capacidades psíquicas para novos desafios que a Vida impõe. Na Religião Pessoal, o indivíduo deve gradativamente integrar sua *sombra* como parte de sua personalidade, gerada em suas relações com a norma social. Portanto, não advém de sua relação com Deus.

A Religião Pessoal não é uma busca individual de salvação, mas de realização do arquétipo que conduz ao encontro do *Si-Mesmo*. É um processo maduro de percepção do Universo como campo de realização do espírito imortal. Não é uma religião dominical nem adequação a um grupo referencial para inserção na sociedade.

Na Religião Pessoal não há necessidade de redenção, pois não há pecado a ser expiado. Redimir-se significa assumir as conseqüências da própria ignorância, que merece educação, não expiação. É importante absorver a idéia de que a necessidade de uma redenção implica inconscientemente em acatar uma culpa, o que induz ao pensamento de uma punição. Nesse aspecto, a religião não deve ser considerada mero veículo para a redenção das criaturas, mas, principalmente, a manifestação do arquétipo religioso. Tal manifestação naturalmente se dará, como tudo que é tendência humana, isto é, a atitude religiosa é conseqüência de uma instância psíquica *a priori*. Não é uma criação deliberada da consciência, mas uma imposição da Vida que quer se tornar conscientemente

conhecida. A aceitação de um Deus pronto e acabado, a que se deve obedecer sob pena de se perder a própria existência ou destituí-la de sentido, faz parte da entrada do adepto na religião formal. O Deus da religião formal é admitido e o da Religião Pessoal deve ser sentido. Essa diferença implica uma relação mais madura com Deus e uma maior percepção do significado psicológico de Deus.



*Princípios provisórios de uma Religião Pessoal*⁵

Os princípios que a seguir esboço foram extraídos a partir de minhas experiências *numinosas*, vividas no contato com o Espiritismo, do conhecimento adquirido sobre a Psicologia Analítica e do estudo das diversas religiões formais conhecidas. Não são princípios rígidos nem coletivos. São balizadores de uma busca pessoal para o encontro comigo mesmo. Tendo sido útil a mim, muito embora possam não ter ressonância para outras pessoas, podem oferecer um caminho inicial. O primeiro diz respeito à concepção de Deus, o segundo se refere a um modelo de ser humano a ser alcançado, o terceiro propõe um lema de vida, o quarto oferece uma forma de inserção do ser humano numa conexão íntima com o Universo e o último aborda a utilidade da própria Religião Pessoal.

1. Construção de uma idéia pessoal de Deus, independentemente do que de fato seja e do que é afirmado pelas religiões.

Uma concepção pessoal de Deus deve excluir a antropomorfização de seus atributos em qualquer dimen-

⁵ Este tema é um desdobramento do capítulo “As religiões e a constituição da religião pessoal”, do livro *Mito Pessoal e Destino Humano*, do autor.



são. Inclui a idéia de uma força ou de uma “vontade” que permeia tudo, não individualizada ou redutível a qualquer forma. Aquela força se apresenta na explosão telúrica descomunal de uma erupção vulcânica, na luta cruel e desigual do mais forte contra o mais fraco pela sobrevivência entre as espécies animais na natureza, tanto quanto nas sutis expressões do amor entre seres humanos que permutam energias afetivas. Todas as percepções humanas vistas como polaridades nada mais são do que expressões da divindade que tudo inclui e que em tudo se impregna. Essa concepção, mesmo que provisória, implica na construção de uma relação com a divindade sem temor, sem subserviência, sem veneração, buscando a auto-consciência de Deus. Não sou Deus, tampouco ele está em mim ou fora de mim, mas tenho consciência de que minhas concepções sobre Deus são representações possíveis ao meu nível de compreensão da realidade do Universo. Num nível bem concreto, correndo o risco de resvalar para uma antropomorfização, a relação com Deus se assemelha à que se pode ter com um amigo-conselheiro, guia luminoso a todo instante. Nessa relação não há espaço para medo ou expectativa de avaliação da existência.

2. Escolha de um modelo de personalidade que possa ser provisoriamente seguido enquanto não se alcança a percepção da própria singularidade.

A escolha do ser humano ideal é pessoal, consciente de que se trata de um modelo para servir de projeção das qualidades que se deseja integrar a si mesmo. Não se trata de adoração ou subserviência ao modelo escolhido. Tal modelo será gradativamente abandonado à medida que se percebe a existência daquelas qualidades em si mesmo, o que implica em não se seguir *ad eterno* idola-

trando uma figura humana do passado da história da religião, pois se adquire a consciência de que foram indivíduos que serviram de referencial para a atualização do arquétipo religioso. Isso não significa a desvalorização ou desrespeito ao modelo escolhido, tão útil às pessoas, mas o reforço à auto-consciência de sua própria individualidade. A adoração, que é uma projeção do *Self*, gradativamente, com as experiências que são vividas, dá lugar à integração do que era atribuído ao mito. Não se trata de retirar as qualidades antes atribuídas às figuras religiosas, características típicas da formação de um mito, pois são patrimônio das religiões que se criaram em torno delas. A finalidade da escolha de um modelo provisório se deve à dificuldade inicial de se perceber a própria individualidade (*Si-Mesmo*). Enquanto não chega a ela conscientemente, projeta-se o ideal em uma personalidade adorada que reflita as melhores qualidades almejadas pelo próprio indivíduo.

3. Constituição de um princípio impulsionador como um lema pessoal, norteador da própria vida.

Esse princípio é uma espécie de *mantra* a ser lembrado quando surgirem dúvidas, desafios, escolhas ou situações difíceis a serem enfrentadas. Não se trata apenas de repetir internamente as palavras, mas de integrar o sentido delas à própria vida. O maior deles, penso eu, é *sou uma individualidade imortal, indestrutível, gerada para alcançar a felicidade*. Este é o que uso na constituição de minha Religião Pessoal. Não é algo a se pôr o tempo todo na consciência, mas para os momentos em que se necessita de algum estímulo impulsionador para a continuidade do que se pretende alcançar. Dele podem se derivar

uma série de conceitos e deduções úteis à vida da pessoa. Com ele, aumenta-se a tolerância, renovam-se propósitos, distanciando-se do que não é adequado à felicidade do indivíduo. Cada palavra do enunciado tem uma força específica e aponta para dimensões distintas, tornando-se pertinente para várias situações. Explicando-me: **sou** (implica numa propriedade e estado de espírito permanente) **uma individualidade** (unidade e singularidade total) **imortal** (continuidade do eu), **indestrutível** (eterno), **gerada** (concebido por Deus) **para alcançar** (sentido evolutivo) a **felicidade** (estado pleno de encontro consigo mesmo e de compreensão do sentido e do significado da Vida). Cada um deve constituir o seu lema, de acordo com a sua Religião Pessoal.

4. Conectar-se de forma constante e natural com o que o criou.

Esse propósito diz respeito ao sentimento de pertencimento e conexão que devemos ter para com o que tudo permeia e que nos criou. Não é algo a ser feito de forma totalmente lógica, controlada ou consciente, pois nasce de um desejo, de uma intenção sutil de conexão interior com o imponderável e impulsionador da vida. Essa comunicação tem também o objetivo de pôr a pessoa em estado de disponibilidade psíquica para a divindade. É uma espécie de oração permanente. A oração que o crente faz com o intuito de obter favores, dá lugar a um estado de ligação permanente para tornar-se disponível ao Criador. Orar é vibrar no ritmo do Universo, sentindo Deus em si mesmo, na evocação da própria criatividade. Tal conexão ou tentativa, conduz a uma sensação de leveza e participação em algo maior do que a própria vida que se tem. Assemelha-se à sensação de alegria e, simultaneamente, de êxtase místico experimentado nos momentos de profunda conexão com

Adenáuer Novaes

o Criador da Vida. Esse contato não retira a pessoa da consciência nem a exclui da natural comunicação com os outros. Trata-se, portanto, de um estado natural e espontâneo de ser e estar, vivendo sua mais real experiência. Possibilita a sensação de bem-estar e de se sentir em companhia de algo muito íntimo e forte.

5. Encontrar uma utilidade prática para sua Religião Pessoal, tornando-a mais do que um estado interno, colocando-a a serviço da sociedade.

Religião Pessoal não é devocional nem serve exclusivamente a si mesmo. Há uma utilidade prática para a religião, pois não serve apenas para a elevação da pessoa, mas também para que a vida social se torne melhor. O desenvolvimento da Religião Pessoal favorece o alcance da percepção da importância de uma sociedade melhor, na qual o indivíduo a representa e cuja atuação visa este objetivo. O outro, enquanto co-participante do mesmo meio, corresponde à imagem de Deus que não cabe em mim mesmo. Vê-lo tão bem como eu mesmo representa uma responsabilidade cotidiana e um desafio a ser vencido para a realização pessoal. A inclusão do outro decorre da percepção de sua individualidade e também da alma coletiva (Inconsciente Coletivo) que todos possuem. A Religião Pessoal deve estar a serviço da pessoa no mundo, independentemente da necessidade de se transcender ao mundo. Ter uma participação ativa na manutenção dos valores e no desenvolvimento da sociedade faz parte da construção da Religião Pessoal.

Religião Pessoal não introduz culpa, mas responsabilidade pessoal compartilhada com o Universo e com Deus. Eleva o ser humano à condição de um ser consci-

entamente portador de responsabilidade para com os destinos do Universo à sua volta. Sua Religião Pessoal o levará para um novo patamar em sua evolução, ampliando seus limites, aumentando sua capacidade criativa, elevando-o além dos horizontes estabelecidos pelas religiões formais e situando-o no lugar mais alto da Criação.

Seguir os princípios provisórios de sua Religião Pessoal, substituindo-os gradativamente por paradigmas cada vez mais robustos, é o caminho natural de todo crente ocupado com sua ascensão espiritual.

A decisão de encarar a mudança de uma religião formal para a Religião Pessoal custará esforço e exigirá coragem, pois terá de se enfrentar o temporário sentimento de orfandade. Sem este, não se descobre a real paternidade do ser humano, pois ela se encontra ainda no terreno do mito de um Deus salvacionista e com potenciais atributos humanos.

O propósito da constituição da Religião Pessoal não exclui o ser humano de seu necessário convívio com a sociedade. A busca real é a transcendência para níveis cada vez mais quintessenciados, sem negar a capacidade de viver nos níveis inferiores.

Aquele que constituiu sua Religião Pessoal adota alguns comportamentos como consequência da elaboração de seus princípios religiosos. Sua atitude religiosa inclui:

- pausas para meditação em meio a sua vida natural de trabalho e obrigações sociais;
- busca pela simplicidade sem negação do moderno nem exclusão do mínimo conforto material;
- auto-consciência de Deus sem fanatismos ou religiosidade exterior;
- dessacralização das coisas sem negação da religiosidade alheia nem do valor sagrado do que consideram como tal;

Adenáuer Novaes

- dedicação ao próximo sem profissionalismo da caridade;
- realização de serviços voluntários em benefício da sociedade;
- ampliação de sua espiritualidade, buscando estudos mais profundos sobre a própria mediunidade;
- exercício da serenidade, sem passividade, nas diversas atitudes da vida cotidiana.

São simples lembretes que ampliam a dimensão religiosa pessoal, favorecendo um melhor convívio social e uma maior possibilidade de realização no coletivo.



Características de quem adotou uma Religião Pessoal

A Religião Pessoal é um ácido penetrante que destrói a blindagem promovida pela continência forjada à *psiquê* com a complacência da religião formal. Quem não estiver preparado para construir suas próprias estruturas psíquicas de sustentação contra a força avassaladora do inconsciente não deve adotá-la. Essa adoção só deve ocorrer em um *ego* maduro e disposto ao risco do contato com a real força da vida.

A construção da Religião Pessoal, passada a fase de turbulência, vazio e solidão, permite um estado permanente de leveza, de segurança interna, de compreensão dinâmica dos processos humanos e de constante conexão com o que permeia todas as coisas. Na Religião Pessoal, o indivíduo não teme afirmar suas dúvidas em matéria de religião, pois a fé, em qualquer grau, é sempre a crença em algo inefável, passível de equívoco.

Simultaneamente, a Religião Pessoal pode levar a pessoa a um profundo sentimento de pequenez diante da complexidade da vida e do Universo, como também à consciência, às vezes inflada, de que é seu principal agente de transformação das coisas. Quanto a isso, é necessário o cuidado, tanto com a inflação do *ego* quanto com sua



excessiva inferioridade. O desligamento das normas instituídas pelas religiões formais pode levar os mais apressados a enveredar pela anarquia de valores morais ou pela confusão sem princípios.

Para a maioria, uma Religião Pessoal é uma ameaça ao sistema religioso formalmente adotado, que lhe tem trazido harmonia, paz interior e salvação. Para outros, ainda que seja pessoal, poderá lhe subtrair o que já conquistou. De fato, nesse sentido, será uma ameaça muito séria. Digo que não é possível fugir disto porque, em algum dia, a própria *psiquê* promoverá uma ruptura a fim de que o *Si-Mesmo* se revele. Nesse momento, o aparente caos tomará lugar à ordem para que o senhor da própria existência, o *Si-Mesmo*, se instale definitivamente na consciência, impondo um novo reino.

A Religião Pessoal, pela leveza e ausência de culpa que proporciona ao indivíduo, favorece e facilita a conexão com a dimensão religiosa. O traço característico da personalidade que encontrou sua Religião Pessoal é a grande disposição para a vida, para o enfrentamento sereno da complexidade que ela apresenta e para a conquista da autodeterminação do espírito.

Em quem já a elaborou, nota-se um apurado senso crítico na análise de questões ligadas ao sagrado, bem como a seriedade e tranqüilidade no trato com a religiosidade própria e a alheia. O caráter de respeito ao sagrado é permeado pela alegria e pela amorosidade no trato com a questão religiosa, principalmente quando se refere à de outrem. Observa-se uma capacidade maior em escutar o outro sem se opor, cotejando opiniões e explicitando melhor suas próprias idéias. A escuta é atenta e, antes da emissão de uma opinião própria, acrescenta-se algo que demonstre a compreensão da fala do outro. A ênfase na

escuta ao outro se justifica pela necessidade que se tem de ser melhor compreendido e de obter do outro a máxima atenção, alcançada pelo estado em que se encontra todo aquele que sente ter sido compreendido.

Alcançar uma Religião Pessoal põe o indivíduo num estado natural de consciência moral constante. Sua moral pessoal será igual ou melhor que a coletiva, levando-o ao desejo permanente de melhoria da ética social coletiva. Sem julgamento do outro, em qualquer circunstância, as atitudes de quem alcançou a Religião Pessoal passam a ser percebidas como adequadas e pertinentes, sendo então consideradas dignas de exemplo. A coerência com os propósitos superiores da própria vida favorece a construção de uma ética mais adequada ao seu desenvolvimento espiritual e ao progresso da sociedade. O estado de conexão sempre presente com sua essência dota-o de singular percepção da totalidade, o que amplia sua capacidade de análise e de compreensão da realidade. Isso favorece o encontro com sua própria singularidade, desidentificando-se com o coletivo. O *ego* se posiciona afinado com o *Self*. Sua espiritualidade deixa de ser adágio, tornando-se atuante em favor de si e do meio em que transita. Seu olhar passa a ser preponderantemente pela perspectiva espiritual, isto é, pela consciência permanente de que algo transcendente permeia a vida. Sua vida material estará sempre conectada ao espiritual, sem perda de continuidade, sem posturas sacerdotais, sem afetação, sem ares de superioridade do saber e sem atitudes de pretensão solucionador de enigmas alheios. O respeito e o cuidado com o próximo não ultrapassam os limites naturalmente existentes entre a singularidade do outro e sua capacidade de alcançar o que se espera dele. Sua admiração ao próximo está fundamentada na consciência de que uma pessoa representa Deus, isto é, de que o

ser humano, por se auto-referenciar, é Sua obra prima, e sua *psiquê* é o veículo dessa percepção. Por conta de seu constante aperfeiçoamento e de sua busca pelo saber, não se vincula ao medo. O conhecimento de si mesmo reduz sua ignorância, permitindo-lhe um domínio maior sobre o medo natural ante os desafios da vida e de tudo que possa parecer ameaçador. A ausência de medos fortalece a consciência da propriedade de si mesmo. Sua conexão com as forças superiores da vida lhe permite admitir que o processo de construção da Religião Pessoal é um propósito conjunto seu e do que lhe criou.

Sentindo-se conectado à divindade, sua consciência ecológica é fortemente a florada, permitindo o engajamento em causas de proteção à natureza. Sua percepção da existência de um organismo terrestre o mantém interligado à Natureza e conectado às suas forças vitais, sentindo-se parte integrante dela. Sua forte coerência interna e o comprometimento com seus propósitos, instituídos em consonância com a ética da Vida, fortalecem sua ética pessoal e para com o outro. Com isso, consegue construir em torno de si uma sensação de segurança e de bem estar, contaminando tudo a sua volta com a energia da felicidade. Sua ética se estende ao contato com os espíritos, estabelecendo um laço permanente e pessoal com as personalidades daqueles que já se encontram na dimensão espiritual, o que significa uma continuidade das relações interpessoais, independentemente da morte do corpo. A descontinuidade é aparente e temporária. Sua Religião Pessoal e seu profundo senso de responsabilidade para com a existência dota-o de autodeterminação, isto é, da capacidade de fazer escolhas conscientes, de se auto-referenciar, da liberdade de viver sua própria essência e de viver com autenticidade.

A Religião Pessoal conduz a um estado de tranqüilidade ativa, de estar desperto para tudo que se passa interna e externamente. Leva a um ponto no qual a pessoa desejava estar, mas que não sabia de fato como se sentiria. O *ego* adquire a maturidade de se conduzir em meio à escuridão do incognoscível. É um ponto a partir do qual não se poderá mais voltar. Nesse ponto, a noção de responsabilidade se instala como uma forte impregnação na personalidade. A alteridade na conduta para com o outro definitivamente se afirma, surgindo uma sutil, suave e permanente compaixão, só restando ao indivíduo amar e amar sempre.



Como construir a Religião Pessoal

*D*escondicionar-se lenta, consistente e gradativamente.

Na busca pela Religião Pessoal, não criar qualquer expectativa ou ansiedade pela sua imediata construção. Não se esquecer de que não se trata da simples adoção de um credo ou da admissão de uma teoria logicamente crível e intelectualmente aceitável.

Escolher alguns temas relacionados à religião, passando a tecer profundas reflexões sobre seus significados, independentemente das consagradas e tradicionais interpretações religiosas. São importantes os temas: Religião, Deus, Fé, Pecado, Castigo Divino, Imortalidade, Culpa, Sentido da Vida, entre outros.

Para subsidiar as reflexões, considerar:

- religião como compromisso ético consigo mesmo, caminho para a realização do significado da vida, busca do encontro com o divino em si mesmo e transcendência da vida material, vivendo-a plenamente;
- Deus como Criador e colaborador do processo de evolução do ser humano, pelo que ele se torna consciente e livre para realizá-lo;



- fé como um sentimento que estabelece o grau de conexão, de consistência e de coerência do ser humano com o que o criou;
- pecado como aquilo que o ser humano comete quando trai sua ética superior, passível de ajuste imediato por ele mesmo;
- castigo divino como uma crença pertencente ao imaginário popular, considerando que os processos vivenciais, aversivos ou não, são educativos ao espírito, tendo um tempo limite para se concluírem;
- imortalidade como uma condição *sine qua non* para a existência humana, sendo inseparável do conceito de vida;
- culpa como uma dinâmica psíquica equivocada e nefasta à construção de um processo educativo sem sofrimento, devendo ser abolida sumariamente, assumindo-se todas as conseqüências dos atos cometidos;
- sentido da vida como algo que começa com o simples viver e que possibilita a realização de todas as melhores qualidades do ser humano.

Nos momentos de reflexão, procurar atentar para as recomendações que se seguem.

Desconstruir velhos conceitos religiosos sem perder a noção da íntima conexão com a força criadora do Universo. Construir gradativamente novas concepções religiosas, firmemente convicto de que a força que impulsiona o ser humano nele quer se tornar consciente.

Reformular o relacionamento com o Deus das religiões formais, não mais se submetendo ao poder a ele atribuído. Lembrar-se de que Deus é uma singularidade, cuja percepção se dá de forma pessoal.

Adenáuer Novaes

Nada imaginar sobre o que acontecerá após a morte; deixar isso para depois. Em princípio, até conceber algo mais próximo do real, deixar para quando acontecer. O que quer que venha a ocorrer após a morte, encarar com determinação. A morte inclui a saída deste mundo ou sociedade; portanto, viver a vida intensa e responsabilmente, capacitando-se para o que advier.

Não alimentar qualquer idéia de sofrimento em relação a erros cometidos no passado. Pensar sempre na possibilidade de aprender com eles. Os desafios e revezes fazem parte da consciência que se atualiza para a transcendência.

Não alimentar culpa nem se crer devedor de alguém. Apenas se sentir responsável pelas conseqüências do ato cometido, considerado mal, e ponderar que assim agiu por conta da própria ignorância.

Conscientizar-se de que a realização pessoal passa também pelo bem-estar proporcionado ao outro. Portanto, vincular-se afetivamente às pessoas, ampliando, cada vez mais, a capacidade de amar.

Muito embora se possa fazer reflexões sem se afastar da própria vida que se leva, é sempre oportuno fazer uma pausa, desfrutar um período *sabático*, para adquirir maior tranqüilidade. Também compartilhá-las com pessoas que possam subsidiá-las e que saibam escutar a alma humana.

Evitar a tomada de decisões sem o amadurecimento necessário e não se esquecer de que se trata de um mundo íntimo, lugar sagrado onde mora a essência do ser humano. Contextualizar as mudanças que desejar fazer em na própria vida, evitando medidas extemporâneas e não vinculadas ao progresso já alcançado. Lembrar-se de

que o Universo caminha na direção do aperfeiçoamento do espírito, calcando a evolução no que possibilite a felicidade.

A Religião Pessoal jamais deverá proporcionar isolamento, idéia de superioridade, sentimento de grandeza, desejos salvacionistas nem tampouco tentativas de conversão alheia.

Aquele que encontrou a sua Religião Pessoal não envergará a capa de santo nem apresentará uma face mascarada de bondade, falsificada pela vaidade ou pelo orgulho.

No caminho dos que desejam crescer, há pedras e limos, que deverão ser desgastados pelos pés que aprenderam a fincar-se nas forças telúricas para alçar vôos mais altos.



Jung e a Religião Pessoal

Muito embora fosse um homem profundamente religioso, Jung soube escrever criticamente sobre fé. Sua obra psicológica trata com relevância da alma religiosa, sem qualquer tendência sectária. Fez análises psicológicas sobre temas religiosos sem que fosse sacerdote, místico ou teólogo. Ele via a religião como uma espécie de instinto, afirmando a necessidade de cada um construir sua Religião Pessoal. Mesmo tendo sido um homem religioso, não o era como os homens de seu tempo nem, talvez, como os de hoje. Sua religiosidade estava presente na forma séria, respeitosa e independente com que tratava tudo o que dizia respeito à religião. Questões religiosas eram por ele tratadas como fenômenos psicológicos. Sua consciência sobre a existência de Deus era tão forte, que mandou insculpir no portal de pedra de sua casa a frase *vocatus atque non vocatus, Deus aderit*⁶. Quando lhe foi perguntado, aos 84 anos, se ainda acreditava em Deus, ele respondeu: “Eu sei. Não necessito crer, porque sei”.⁷

Psiquiatra de formação, interessou-se pelo estudo da mente humana, em particular por tudo o que se referisse à sua dinâmica e a sua estrutura. Seu conceito sobre

⁶ Invocado ou não, Deus estará presente.

⁷ McGuire, William e Hull, R. F. C.. *C. G. Jung: entrevistas e encontros*. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 375.

religião ultrapassa o senso comum, relacionando-a com a transcendência.

Eu gostaria de deixar bem claro que, com o termo ‘religião’, não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. A verdade, porém, é que toda confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso, e, por outro, na *pistis*, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta. Um dos exemplos mais frisantes, neste sentido, é a conversão de Paulo. Poderíamos, portanto, dizer que o termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso.⁸

Para ele, a religião poderia ser um substitutivo perigoso da experiência de vida, necessária a todo ser humano. Ela poderia se prestar às projeções do inconsciente como uma representação do que ainda não poderia ser assumido pelo próprio indivíduo. A proposta de uma vida religiosa não poderia substituir a vida comum, na qual as experiências interpessoais conscientes devem ser intensamente vividas.

Tudo o que o homem deveria, mas ainda não pode viver em sentido positivo ou negativo, vive como figura e antecipação mitológica ao lado de sua consciência, seja como projeção religiosa ou – o que é mais perigoso – conteúdos do inconsciente que se projetam então espontaneamente em objetos incongruentes, como por exemplo em doutrinas e práticas higiênicas e outras “que prometem salvação”.⁹

⁸ Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983. v. XI, par. 9, p. 4.

⁹ Idem, *Obras Completas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. v. IX/1, par. 287, p. 169.

Adenáuer Novaes

Seu conceito de individualidade ou de eu interior inclui o aspecto religioso quando o relaciona com Deus, mesmo que de forma figurada. Não se trata de uma deificação teológica do ser humano, pois sua busca era por uma compreensão do psiquismo sem transferir o problema para a religião.

Dei a este ponto central o nome de *si-mesmo* (Selbst). Intellectualmente, ele não passa de um conceito psicológico, de uma construção que serve para exprimir o incognoscível que, obviamente, ultrapassa os limites da nossa capacidade de compreender. O *si-mesmo* também pode ser chamado 'o Deus em nós'. Os primórdios de toda nossa vida psíquica parecem surgir inextricavelmente deste ponto e as metas mais altas e derradeiras parecem dirigir-se para ele. Tal paradoxo é inevitável como sempre que tentamos definir o que ultrapassa os limites de nossa compreensão.¹⁰

Ele acreditava que havia uma natural função religiosa, de caráter divino, no interior da alma humana, atribuindo à Psicologia o papel de mostrar ao ser humano como chegar até essa percepção. Isso corrobora a idéia de que a religião é a manifestação de algo inconsciente, não forjado pela cultura ou por uma escolha exclusivamente consciente. Sobre isso, ele afirma:

Todavia, quando demonstro que a alma possui uma função religiosa natural, e quando reafirmo que a tarefa mais nobre de toda a educação (do adulto) é a de transpor para a consciência o arquétipo da imagem de Deus, suas irradiações e efeitos, são justamente os teólogos que me atacam e me acusam de 'psicologismo'.

¹⁰ Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. v. VII, par. 399, p. 226.

(...) Ela contém e corresponde a tudo quanto o dogma formulou a seu respeito e mais ainda, aquilo que torna a alma capaz de ser um olho destinado a contemplar a luz. Isto requer, de sua parte, uma extensão ilimitada e uma profundidade insondável. Já fui acusado de 'deificar a alma'. Isto é falso, *não fui eu, mas o próprio Deus quem a deificou!* Não fui eu que atribuí uma função religiosa à alma; simplesmente apresentei os fatos que provam ser a alma 'naturaliter religiosa', isto é, dotada de uma função religiosa: função esta que não inventei, nem coloquei arbitrariamente nela, mas que ela produz por si mesma, sem ser influenciada por qualquer idéia ou sugestão. Numa trágica cegueira, esses teólogos ignoram que não se trata de provar a existência da luz, e sim de que há cegos incapazes de saber que seus olhos poderiam enxergar. Seria muito mais importante ensinar ao homem a arte de enxergar. É obvio que a maioria das pessoas é incapaz de estabelecer uma relação entre as imagens sagradas e sua própria alma, isto é, não conseguem perceber a que ponto tais imagens dormitam em seu próprio inconsciente. Para tornar possível esta visão interior, é preciso desimpedir o caminho que possibilita essa faculdade de ver. Sinceramente, não posso imaginar como isso seria exequível sem a psicologia, isto é, sem tocar a alma.¹¹

Para ele, o conceito de Deus, que cada ser humano tem, interfere decisivamente na vida humana, na liberdade e na capacidade de julgamento. O conceito de ética está atrelado também ao de Deus.

A doutrina que ensina que o indivíduo depende de Deus representa uma exigência tão grande sobre ele quanto a do mundo. Pode até acontecer que o homem

¹¹ Jung, C. G. *Obras Completas*. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. v. XII, par. 14, p. 25.

acate essa exigência de maneira tão absoluta a ponto de se alienar do mundo da mesma forma que o indivíduo se aliena de si mesmo quando sucumbe à mentalidade coletiva. Tanto num caso quanto no outro, o indivíduo pode perder sua capacidade de julgar e decidir-se livremente. A isto tendem, manifestamente, as religiões quando não se comprometem com o Estado. Neste caso, prefiro falar, de acordo com o uso corrente, de 'confissão' e não de 'religião'. A confissão admite uma certa convicção coletiva, ao passo que a religião exprime uma relação subjetiva com fatores metafísicos, ou seja, extramundanos. A confissão compreende, sobretudo, um credo voltado para o mundo em geral, constituindo, assim, uma questão intramundana. Já o sentido e a finalidade da religião consistem na relação do indivíduo com Deus (cristianismo, judaísmo, islamismo) ou no caminho da redenção (budismo). Esta é a base fundamental de suas respectivas éticas que, sem a responsabilidade individual perante Deus, não passariam de moral e convenção.¹²

Reconhece a força do arquétipo religioso, colocando-o como detentor de uma energia específica, cuja não-percepção pela consciência não apaga sua existência no inconsciente. No seu entender, a negação de todos os postulados religiosos por uma pessoa requer algo de consistente e possuidor da mesma força energética do arquétipo. O ateísmo não é a negação da religiosidade inata, mas de um Deus que não mais corresponde ao desenvolvimento da *psiquê*. Consciente da existência do arquétipo religioso, ele afirma:

O arquétipo das idéias religiosas possui, como todo instinto, a sua energia específica, que ele não perde ainda que sua consciência o ignore. Assim como pode

¹² Jung, C. G.. *Obras Completas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993. v. X, par. 507, p. 241.

ser afirmado com a maior probabilidade que todo ser humano possui todas as funções e qualidades humanas médias, podemos supor a presença de fatores religiosos normais, isto é, de arquétipos, e essa expectativa não falha como é fácil reconhecer. Quem consegue descartar um manto de fé, só pode fazê-lo graças à convicção de ter um outro à mão – *plus ça change, plus ça reste la même chose!* [Quanto mais se transforma, mais permanece a mesma.] Ninguém escapa do preconceito da condição humana.¹³

Mostrou a importância que o ser humano atribui à religião como um sustentáculo às suas decisões. Sua função é reguladora do equilíbrio psíquico, dando-lhe segurança, ao menos aparente ou provisória, contra as forças inconscientes que teimam em se manifestar sem a devida consciência do *ego*.

Dessa maneira, o homem sempre cuidou para que toda decisão grave fosse, de certo modo, sustentada por medidas religiosas. Nasceram, assim, os sacrifícios para honrar as forças invisíveis, as bênçãos e demais gestos rituais. Sempre, e em toda parte, existiram ‘rites d’entrée et de sortie’ (ritos de entrada e de saída) que, para os racionalistas distantes da psicologia, não passam de superstição e magia. No entanto, a magia é, em seu fundamento, um efeito psicológico que não deve ser subestimado. A realização de um ato ‘mágico’ proporciona ao homem uma sensação de segurança, extremamente importante para uma tomada de decisão. Toda decisão e resolução necessitam dessa segurança, pois elas sempre pressupõem uma certa unilateralidade e exposição.¹⁴

¹³ Jung, C. G. *Obras Completas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. v. IX/1, par. 129, p. 75.

¹⁴ Idem, *Obras Completas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993. v. X, par. 512, p. 244.

Adenáuer Novaes

A segurança proporcionada pela religião é comparável àquela que o ser humano atribui ao Estado. Trata-se de uma certa transposição de projeção. A segurança que se tem quando se percebe protegido pelo Estado é externa e a que se obtém com a religião é interna. Ambas se referem a conteúdos psíquicos que deveriam ser tornados conscientes. Justificando o poder do arquétipo, Jung compara a devoção religiosa à militância política.

O próprio ditador, para executar seus atos, não pode se valer apenas das ameaças, precisando encenar o poder com grande pompa. Nesse sentido, as marchas militares, as bandeiras, faixas, paradas e comícios não diferem muito das procissões, tiros e fogos de artifício usados para expulsar os demônios. A diferença entre essas representações religiosas e os aparatos do Estado reside no fato de que a sugestiva encenação do poder estatal cria uma sensação de segurança coletiva que, no entanto, não oferece ao indivíduo nenhum tipo de proteção contra os demônios internos. Quanto mais o indivíduo se enfraquece, mais se agarra ao poder estatal, isto é, mais se entrega espiritualmente à massa. E do mesmo modo que a Igreja, o Estado ditatorial exige entusiasmo, abnegação e amor, cultivando o necessário terror à semelhança do temor de Deus que as religiões exigem ou pressupõem.¹⁵

Respondendo aos questionamentos do filósofo judeu-austriaco Martin Buber, Jung justifica sua análise psicológica a respeito do conceito de Deus. No texto a seguir, reafirma a ligação entre Deus e criatura, forjada na intimidade da *psiquê*, sem qualquer participação humana. Ele situa o ser humano como refém do que Deus implantou em seu inconsciente.

¹⁵ Jung, C. G. *Obras Completas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1993. v. X, par. 512, p. 244.

É estranho que BUBER se escandalize com a minha afirmação de que Deus não pode existir sem uma ligação com o homem, e a considere como uma proposição de caráter transcendente. Mas eu digo expressamente que tudo, absolutamente tudo o que dizemos a respeito de 'Deus' é uma afirmação humana, isto é, psíquica. Mas será que a noção que temos ou formamos de Deus nunca está 'desligada do homem'? Poderá BUBER informar-me onde foi que Deus criou sua própria imagem, sem ligação com o homem? Como e por quem semelhante coisa pode ser constatada? Vou especular ou 'fabular' aqui – excepcionalmente – em termos transcendentais. Deus, na realidade, formou uma imagem sua, ao mesmo tempo incrivelmente esplêndida e sinistramente contraditória, sem a ajuda do homem, e a implantou no inconsciente do homem como um arquétipo, um (...), não para que os teólogos de todos os tempos e de todas as religiões se digladiassem por causa dela, mas sim para que o homem desprezioso pudesse olhar, no silêncio de sua alma, para dentro desta imagem que lhe é aparentada, construída com a substância de sua própria psique, encerrando tudo quanto ele viesse, um dia, a imaginar a respeito de seus deuses e das raízes de sua própria psique.¹⁶

Em termos de capacidade para julgar o mundo e entender de religião, Jung afiança que a mente humana está impregnada de valores e paradigmas cristãos, o que dificulta muito a possibilidade de uma isenção. Isso contribui para um estilo de vida e uma forma particular de compreensão da realidade. Não se pode excluir os princípios religiosos, sejam adquiridos naturalmente pela cultura dominante ou conscientemente adotados, do sentido que se atribui à vida e à forma que é vivida.

¹⁶ Jung, C. G. *Obras Completas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. v. XVIII/2, par. 1508, p. 245.

Adenáuer Novaes

Nossa consciência está impregnada de cristianismo e é quase inteiramente por ele formada; por isso a posição inconsciente dos contrários não pode ser aceita, simplesmente porque parece excessiva a contradição com as concepções fundamentais dominantes. Quanto mais unilateral, rígida e incondicional for a defesa de um ponto de vista, tanto mais agressivo, hostil e incompatível se tornará o outro, de modo que a princípio a reconciliação tem poucas perspectivas de sucesso. Mas, se o consciente pelo menos reconhecer a *relativa* validade de todas as opiniões humanas, o contrário também perde algo de sua incompatibilidade. Entretanto, esse contrário procura uma expressão adequada, por exemplo, nas religiões orientais, no budismo, no hinduísmo e no taoísmo. O sincretismo (mistura e combinação) da teosofia vem amplamente ao encontro dessa necessidade e explica o seu elevado número de adeptos.¹⁷

Novamente Jung vincula a noção de individualidade ao conceito de Deus, afirmando que o *Si-Mesmo* é uma imagem divina no interior da alma humana. O processo de realização do ser humano é comparável a uma experiência religiosa de longo curso, na qual o *ego* se lança ao encontro com a totalidade do *Si-Mesmo*, para a unidade transcendente.

A finalidade da evolução psicológica é tal, como na evolução biológica, a auto-realização, ou seja, a *individuação*. Visto que o homem só se percebe a si próprio como um ego, e o Si-mesmo como totalidade, é algo indescritível, não se distinguindo de uma imagem de Deus, a auto-realização não é outra coisa em linguagem metafísica e religiosa, do que a *encarnação* divina. É isto precisamente que vem expresso na

¹⁷ Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. v. VII, par. 118, p. 70.

filiação de Cristo. Como a individuação significa uma tarefa heróica ou trágica, isto é, uma missão difícilíssima, ela implica o sofrimento, a *paixão do ego*, ou seja, do homem empírico, do homem comum, atual, quando entregue a um domínio mais amplo e despojado de sua própria vontade, que se julga livre de qualquer coação. Ele é como que violentado pelo Si-mesmo.¹⁸

No texto a seguir, é possível perceber o que pode significar, para o *processo de individuação* humano, o lugar atribuído à religião. A relevância a ser dada poderá custar o tempo em que ela se dará. A segurança que se pretende ter na adoção de uma religião poderá alienar o ser humano de si mesmo, além de excluí-lo de uma real relação com o divino.

Uma projeção exclusivamente religiosa pode privar a alma de seus valores, torná-la incapaz de prosseguir em seu desenvolvimento, por inanição, retendo-a num estado inconsciente. Ela pode também cair vítima da ilusão de que a causa de todo o mal provém de fora, sem que lhe ocorra indagar como e em que medida ela mesma contribui para isso. A alma parece assim tão insignificante a ponto de ser considerada incapaz do mal e muito menos do bem. Entretanto, se a alma não desempenha papel algum, a vida religiosa se congela em pura exterioridade e formalismo. Como quer que imaginemos a relação entre Deus e a alma, uma coisa é certa: é impossível considerar a alma como “nada mais do que”. Pelo contrário, ela possui a dignidade de um ser que tem o dom da relação consciente com a divindade. Mesmo que se tratasse apenas da relação de uma gota de água com o mar, este último deixaria de existir sem a pluralidade das gotas.¹⁹

¹⁸ Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983. v. XI, par. 233, p. 156.

¹⁹ Idem, *Obras Completas*. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. v. XII, par. 11, p. 22.

Adenáuer Novaes

Jung considera ainda que só é possível um vínculo entre o ser humano e Deus se existir na *psiquê* algo efetivamente divino, posto por Deus para que não houvesse possibilidade de desligamento e para que fosse de fato percebido pelo ser humano.

Seria uma blasfêmia afirmar que Deus pode manifestar-se em toda a parte, menos na alma humana. Ora, a intimidade da relação entre Deus e a alma exclui de antemão toda e qualquer depreciação desta última. Seria talvez excessivo falar de uma relação de parentesco; mas, de qualquer modo, deve haver na alma uma possibilidade de relação, isto é, forçosamente ela deve ter em si algo que corresponda ao ser de Deus, pois de outra forma jamais se estabeleceria uma conexão entre ambos. Esta correspondência, formulada psicologicamente, é o *arquétipo da imagem de Deus*.²⁰

Percebia a religiosidade latente em todas as experiências humanas, como se tudo refletisse a vontade divina. O ser humano, quer em seus atos virtuosos ou em seus vícios, espelha uma busca por um entendimento da vontade divina.

(...) trata-se de uma atitude humana profundamente respeitosa em relação ao fato, em relação ao homem que sofre esse fato e em relação ao enigma que a vida desse homem implica. O homem autenticamente religioso *assume* precisamente tal atitude. Ele sabe que Deus criou todas as espécies de estranhezas e coisas incompreensíveis, e que procurará atingir o coração humano pelos caminhos mais obscuros possíveis. É por isso que a alma religiosa sente a presença obscura da vontade divina em todas as coisas.²¹

²⁰ Jung, C. G. *Obras Completas*. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. v. XII, par. 11, p. 23.

²¹ Idem, *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983. v. XI, par. 519, p. 340.

A ritualização da experiência *numinosa* ou de contato com o sagrado, no seu entender, ao mesmo tempo que oportuniza a manifestação da *psiquê* religiosa, aliviando a tendência do inconsciente em tensionar a consciência, dificulta o acesso ao significado profundo que encerra.

As confissões de fé são formas codificadas e dogmatizadas de experiências religiosas originárias. Os conteúdos da experiência foram sacralizados e, via de regra, enrijeceram dentro de uma construção mental inflexível e, freqüentemente, complexa. O exercício e a repetição da experiência original transformaram-se em rito e em instituição imutável. Isto não significa necessariamente que se trata de uma petrificação sem vida. Pelo contrário, ela pode representar uma forma de experiência religiosa para inúmeras pessoas, durante séculos, sem que haja necessidade de modificá-la.²²

Sobre a culpa, muitas vezes reforçada pela religião formal, Jung ressalta o prejuízo em se alimentar qualquer sentimento correspondente na consciência, reafirmando o propósito da *individuação* como uma meta que não despreza os contributos da atitude religiosa.

O problema da cura é um problema religioso. Uma das imagens que ilustram o sofrimento neurótico no interior de cada um é a da guerra civil no plano das relações sociais que regulam a vida das nações. É pela virtude cristã que nos impele a amar e a perdoar o inimigo que os homens curam o estado de sofrimento entre as pessoas. Aquilo que por convicção cristã recomendamos exteriormente, é preciso que o apliquemos internamente no plano da terapia das neuroses. É por isso que os homens modernos não querem mais

²² Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983. v. XI, par. 10, p. 4.

Adenáuer Novaes

ouvir falar em culpa ou pecado. Cada um já tem muito o que fazer com a própria consciência já bastante carregada e o que todos desejam saber e aprender é como conseguir *reconciliar-se* com as próprias falhas, como amar o inimigo que se tem dentro do próprio coração e como chamar de 'irmão' ao lobo que nos quer devorar.²³

Criticando as imitações religiosas ou aqueles que pregam uma petrificação de propostas arcaicas de comportamento, reafirma a necessidade de uma atitude singular no processo de desenvolvimento da personalidade. Sua afirmação se alinha com a proposta de constituição de uma Religião Pessoal quando admite que:

O homem moderno também não está mais interessado em saber como poderia imitar a Cristo. O que quer, antes de tudo, é saber como conseguir viver em função de seu próprio tipo vital, por mais pobre ou banal que seja. Tudo o que lhe lembra imitação se lhe afigura contrário ao impulso vital, contrário à vida, e é por isso que ele se rebela contra a história que gostaria de retê-lo em caminhos previamente traçados. Ora, para ele todos esses caminhos conduzem ao erro. Ele está mergulhado na ignorância, mas se comporta como se sua vida individual constituísse a expressão de uma vontade particular divina, que deveria ser cumprida antes e acima de tudo — daí o seu egoísmo, que é um dos defeitos mais perceptíveis do estado neurótico. Mas quem disser ao homem moderno que ele é demasiado egoísta perdeu irremediavelmente a partida com ele. O que se entende perfeitamente, pois, agindo assim, não faz senão empurrá-lo cada vez mais para a neurose.²⁴

²³ Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983. v. XI, par. 523, p. 343.

²⁴ *Ibidem*, par. 524, p. 343.

Pelos textos selecionados, pode-se observar uma tendência de Jung em querer aproximar o ser humano cada vez mais de uma religiosidade verdadeira, coerente e ética, além de querer inseri-lo em uma filiação divina direta. Fica claro, ao menos pela perspectiva da Religião Pessoal, que a posição de Jung não é a de um iconoclasta vulgar nem a de um anarquista contra a religião formal, mas a de quem está comprometido com o processo de desenvolvimento do ser humano, propondo uma compreensão isenta da tradição religiosa petrificada.

Sua religiosidade foi atestada pelos princípios deixados, pelas propostas de compreensão da *psiquê* humana, pelas considerações a respeito da alma e pela postulação a respeito do Inconsciente Coletivo, fator de irmandade entre as criaturas.

A *psiquê* é a matéria prima de Deus, e por onde ele se apresenta. Jung soube muito bem entender e retratar ambos.



Religião Pessoal e morte

O mundo moderno, com a tecnologia, a informática e a internet, impõe novas formas de comportamento, bem como diferentes percepções da realidade. Refletir sobre a vida, a morte, o destino, o sentido da existência humana deixa de ser privilégio dos filósofos, tornando-se uma necessidade cotidiana de todos.

A física newtoniana cedeu espaço à Relatividade, que, por sua vez, teve de conviver com a Mecânica Quântica. Hoje, novas teorias explicativas da realidade surgem na tentativa de encontrar uma saída lógica para a compreensão do universo. A teoria das cordas (*strings theory*) e a multidimensional (*eleven dimension*) tentam preencher o vazio deixado pelas teorias clássicas anteriores. Ainda não surgiu, porém, uma teoria que justifique a necessidade humana de entender a sua essência, a morte do corpo e de se encontrar com seu Criador, o que pertence ao supra-humano. A consciência, por mais que se amplie e que se arvore em ser o farol do Espírito, ainda é incipiente para penetrar em certos mistérios que envolvem a gênese e o destino humano.

Por mais que a física tente “enxergar” e explicar a matéria e suas relações, não consegue penetrar em sua gênese. Se assim é com o “palpável”, que dirá com o que só se pode conhecer indiretamente, isto é, pelas represen-



tações. As razões para que assim seja não são cognoscíveis. É um problema insolúvel.

A questão da morte tem sido objeto de atenção científica numa clara invasão do que era apenas do domínio da religião. Ou a ciência está se aproximando da religião, assumindo sua face religiosa, ou a morte deixou de ser, de fato, um mistério obscuro. A mudança na redução do mistério da morte pode ser constatada pela experiência do luto. O tempo em que se ficava de luto se reduziu drasticamente. As pessoas choram menos pelos seus mortos, ocupando-se mais com suas obrigações cotidianas. A depressão provocada pela morte de alguém próximo ou não se instala ou demora menos.

O prolongamento do tempo de vida, as melhores condições de saúde e o retardamento do envelhecimento favorecem uma expectativa menos exigente da vida após a morte, pois a vida bem vivida deixa pouco espaço para que, só na morte, a felicidade se realize. A morte está se tornando uma condição não só aceitável para todos como um portal de acesso a novas possibilidades de experiências. Não é mais algo tão fóbico quanto antes. Sua ocorrência passa a ser, algumas vezes, ansiada por aqueles que perderam o rumo e a esperança de mudar externamente sua vida. Nesse caso, mesmo sendo uma fuga, e um acontecimento que dificultará futuras experiências reencarnatórias, passa a ocupar um lugar menos obscuro na *psiquê*.

Como a visão do mundo e das coisas se amplia para aqueles que já construíram sua Religião Pessoal, a morte será um dos tantos eventos do processo de desenvolvimento espiritual da pessoa. Jamais será encarada com pesar ou como fim último da pessoa humana. Não há expectativa ou qualquer ansiedade pela possibilidade de

Adenáuer Novaes

ocorrência imediata. Ante a ameaça de acontecer, por conta do preparo da Religião Pessoal, poucas mudanças serão necessárias e nenhum desespero tomará conta da consciência. A morte, mesmo não desejada, pela necessidade de se fechar ciclos ainda em aberto, não é temida nem considerada como uma tragédia. Mortes de entes queridos são recebidas com tranqüilidade, graças à consciência da continuidade da vida, bem como da possibilidade concreta de comunicabilidade. As mortes coletivas são encaradas como simples ajustes promovidos pela Consciência Divina para o equilíbrio da sociedade material e da espiritual.





Religião Pessoal e multirreligiosidade

As diferentes religiões se devem às distintas culturas, que são múltiplas expressões do inconsciente, que é plural e constantemente se encontra em mutação. A religião do outro é uma das muitas possibilidades de manifestação da *psiquê* religiosa, não sendo a verdade, tampouco algo que deva ser contestado como errado ou equivocado. Tal atitude seria como querer uma uniformidade psíquica, sem correlato na natureza.

Os conflitos entre grupos que apresentam diferentes expressões religiosas decorrem de particularidades antes culturais do que doutrinárias. Nenhuma doutrina nasce do absurdo, pois não há origem distinta para o fenômeno religioso na *psiquê*. Todas são expressões legítimas que merecem respeito.

As diversas culturas dos diferentes povos revelam a complexidade do inconsciente. São, em seu conjunto, manifestações arquetípicas da estrutura psíquica humana. O conjunto das manifestações relacionadas ao sagrado forma a representação da *psiquê* religiosa em suas ricas *nuances* e nos aspectos que representam a divindade.

As dissensões, que, por um lado, atestam a imaturidade humana, por outro, favorecem a observação da



multiplicidade de percepções de uma mesma função psíquica. Elas podem também significar que a idéia de uma divindade uma pode ser apenas a representação da individualidade humana projetada. As divisões que ocorreram nas religiões, e que ainda ocorrem, sobretudo no Hinduísmo e no Cristianismo, enfatizam o movimento na direção da Religião Pessoal, o que quer dizer que a religião coletiva vai cedendo lugar à Religião Pessoal pela força do próprio arquétipo religioso.

Se a multiplicidade de religiões, as dissensões religiosas e as divisões no seio das religiões se referem à diversidade e à complexidade da individualidade, ou ainda, ao mistério que é a própria Divindade, então a intolerância religiosa é um sinal da infância em que se encontra a humanidade. Face perversa do fundamentalismo religioso, a intolerância religiosa tem sido responsável pela permanência da humanidade num estado de desequilíbrio que impede seu progresso moral. No holocausto, ocorrido antes e durante a Segunda Guerra Mundial, pode-se perceber a perseguição de cristãos contra judeus. O Cristianismo passou de perseguido a perseguidor num movimento cíclico absurdo, revelando a que ponto chega a intolerância religiosa. A intolerância religiosa, sobretudo a observada contra os judeus e, mais recentemente, contra os mulçumanos, demonstra que o ser humano, em matéria de religião, lida mais com a idéia de Deus do que com o próprio Deus. Sua religião formal tem sido utilizada para manifestar sua barbárie. A construção da Religião Pessoal evitaria essa intolerância.

As excessivas regras e proibições das religiões formais, algumas medievais, engessam as possibilidades de manifestação da rica *psiquê* humana. Resumir uma religião em algumas regras é restringir as possibilidades de

manifestação da *psiquê* humana na direção da realização pessoal.

Repressão religiosa combina com religião formal, com procrastinação da realização do sentido e do significado da existência humana. Compreender e aprender com a diversidade de religiões significa avançar na direção da construção de sua Religião Pessoal. A multiplicidade de religiões evita a hegemonia religiosa ainda existente em algumas sociedades, bem como favorece a criatividade na manifestação da *psiquê* religiosa.



Alquimia e religião

Os alquimistas estavam à procura da essência da vida na intimidade da matéria, que cada vez mais desaparecia dos seus olhos devido aos processos aos quais a submetiam. Seu olhar, ao contemplar o vazio da intimidade da matéria, o levavam ao contato com seu mundo inconsciente, à percepção do *Si-Mesmo*. O que não viam na matéria não encontravam na consciência, mas lhes apontava para algo no inconsciente que precisava ser visto. Naquela busca pela matéria quintessenciada, eles constataavam sua ignorância a respeito da própria mente.

O místico alquímico, tal qual o *ego* em busca do *Si-Mesmo*, tateava a escura e misteriosa dimensão inconsciente. Suas operações no forno quente, alimentadas pelo fogo intenso que refundia a matéria, denunciavam a trajetória a ser seguida pelo *ego* em sua jornada e em meio às exigências da vida cotidiana.

A alquimia antiga fez surgir a Química, a Farmacologia e outras atividades humanas ligadas aos processos industriais. Mas a principal atividade fomentada pelos alquimistas é a clínica psicoterápica de hoje. O psicoterapeuta, com seus estudos e sua prática clínica, analisando e intervindo na alma do outro e na sua própria, executa operações alquímicas de alto valor terapêutico. Seu trabalho envolve a consciência e o inconsciente, o logos e o



sentimento, numa alquimia constante de poderosas forças intervenientes no processo de cura da alma.

O alquimista era uma espécie de “sacerdote” à procura de Deus, que operava nas entranhas da matéria numa dimensão não humana. Seu microscópio e suas teorias químicas alcançavam a compreensão do que era oculto aos sábios e religiosos de seu tempo. Suas conclusões sobre operações químicas e suas descobertas sobre as propriedades da matéria revelavam os sutis processos psíquicos e o dinamismo da mente humana. Buscavam uma coisa e encontravam outra. Mesmo aqueles que buscavam transformar a matéria em ouro, com “fome” de riqueza, estavam, sem o querer consciente, envolvidos na busca do verdadeiro tesouro interior – a essência da individualidade ou o *Si-Mesmo*. Eram levados, por desejos inadequados, ao acesso ao inconsciente, rico em conteúdos a serem elaborados. Alquimia é uma das formas mais concretas da busca inconsciente pelo *Si-Mesmo*.

Os trabalhos alquímicos contribuíram para o desenvolvimento das chamadas ciências ocultas e para o avanço dos estudos a respeito da religião. No silêncio de madrugadas intermináveis, os alquimistas, em consonância com nobres espíritos, promoviam experiências psíquicas e mediúnicas tão importantes quanto as que hoje se fazem em nome da ciência.

Suas operações, muitas vezes, eram precedidas de rituais e de invocações de natureza mística, visando à comunhão do físico com o sagrado para a consecução de seus objetivos. Eles sabiam que estavam lidando com algo extremamente importante, e por que não dizer, divino. As operações alquímicas Nigredo (enegrecimento), Albedo (brancura) e Rubedo (enrubecimento) nada mais eram do que representações de experiências a serem vividas pelo *ego* em seu processo de amadurecimento.

Hoje, à semelhança dos alquimistas, agem aqueles que se dedicam ao estudo da mente humana, buscando, em seus espaços terapêuticos, entendê-la enquanto auxiliam o próximo a se compreender. São arqueólogos da alma humana, praticantes da “religião” que propõe a ligação do *ego* com o *Si-Mesmo* e o transcendente encontro com o divino. Seu trabalho é silencioso, oculto e persistente. Sua tarefa é árdua e pouco compreendida principalmente pelos que já se bastam e que se envolvem demasiadamente com o externo. Seu forno é sua própria mente. Seu fogo é sua energia psíquica motivadora da vida, agora sob seu próprio domínio. Quanto mais se aprofundam, mais desconstroem conceitos e mais encontrarão a si mesmos, compreendendo melhor o sentido da vida. Suas observações e intervenções nos processos psíquicos lhes promoverão transformações, conectando-os aos princípios da vida e à essência das coisas. Certamente encontrarão, no desconhecido que enfrentam, a própria mensagem do Criador da Vida.

Os alquimistas eram indivíduos que buscavam uma prática religiosa não convencional. Suas vidas, dedicadas à descoberta dos mistérios das coisas, no sacrifício de suas energias e de seu tempo, propiciaram que a chama do sagrado permanecesse acesa, independentemente das religiões. O alquimista projetava seus processos psíquicos nas combinações químicas que realizava, visando alcançar a *pedra filosofal*, que nada mais era do que o *Si-Mesmo*, em seu inconsciente.

As religiões também passam por processos alquímicos ao longo do tempo. Não só por intervenção de congressos, conclaves e outros meios de se estabelecerem novas regras ou reafirmação de antigas, mas também pelo surgimento de clamores populares, às vezes,

capitaneados por figuras revolucionárias. Verdadeiros alquimistas, esses indivíduos contribuem sobremaneira para o favorecimento de mudanças na atualização das representações do arquétipo religioso.

Graças a essas intervenções, a religião formal se atualiza, favorecendo a construção da Religião Pessoal. Algumas baixas no número de adeptos não ocorrem somente porque eles mudam de religião, mas também pela passagem para a Religião Pessoal. Com o tempo e o choque com a cultura globalizada, a religião formal vai dando lugar, num processo alquímico de miscigenação, à Religião Pessoal.

Aquele que já construiu sua Religião Pessoal sabe que continuará alquímicamente a promover mudanças profundas em sua alma, a fim de que ela se torne aquilo para que foi designada. O processo é constante e as transformações não cessam. O desconhecido não é temido nem tampouco minimizado. O resultado, o encontro com o *Si-Mesmo*, é a máxima obra humana e, simultaneamente, divina.



Manifestação da função religiosa na Psiquê

O que de fato move o ser humano? Seus instintos? Sua libido sexual, como queria Freud? O desejo de poder e sua condição de criatura, consoante Adler? O desejo de realização pessoal, pelo *Processo de Individualização*, conforme Jung? A busca pela integração com o Criador devido à função religiosa na *psiquê*?

A idéia de que a fome é o instinto primário no ser humano reduz seu significado a um corpo. Pode-se afirmar que não há escolha – a subsistência não é um instinto, mas condição absoluta para a existência humana num corpo físico. Ambos se confundem, isto é, o corpo com a sua manutenção. A necessidade de manter o organismo vivo não é uma escolha, sequer inconsciente. Escolhas são tendências inconscientes ou conscientes que podem ser evitadas sem prejuízo significativo à existência. Pode-se descartar os instintos primários como motivadores, dada a obrigatoriedade de seu atendimento. Por outro lado, ignorar o Espírito é não entender que o princípio organizador e o organismo que lhe suporta surgem simultaneamente como antípodas de uma formulação transcendental. Enquanto o corpo necessita de manutenção física, o “instinto” básico do Espírito é a busca pela consciência do significado da existência.



Pensar que o móvel central do ser humano é sua necessidade de alimentar-se ou mesmo a busca imperativa do prazer pelo sexo é enxergar parcialmente a questão. Para uma melhor análise e compreensão da humanidade de hoje, o ser humano primitivo deve ser nosso referencial de observação. Conceitue-se o primitivo como aquele ser humano de linguagem rudimentar, isto é, poucos verbos e substantivos, de baixa capacidade afetiva, com expectativa de vida abaixo dos 40 anos, alta quantidade de doenças originárias da absorção pelos pés, vida sedentária, pouca quantidade de utensílios fabricados, habitação rupestre, agricultura itinerante, sem nome próprio, ocupado basicamente com sua manutenção no mundo etc.. Mover-se apenas para se alimentar e explorar novas áreas de subsistência coletiva não parece ser causa suficiente para justificar a atual saga humana na direção das estrelas. Da mesma forma, o princípio do prazer parece pouco relevante, considerando a grande quantidade de problemas pertinentes. No ser humano primitivo, predominava a motivação inconsciente, pois as motivações conscientes estavam relacionadas ao alimentar-se e à garantia de segurança pessoal e coletiva. O medo motivado pelo instinto de sobrevivência nele imperava. A noite escura do homem das cavernas era mãe do desconhecido. Seu pensamento girava em torno da natureza e do que ela poderia oferecer para garantir o alimento e a segurança. O abrigo e o alimento eram tesouros inestimáveis.

As relações do ser humano com a natureza para a obtenção de alimentos e segurança, aliadas à baixa qualidade de linguagem implicam em baixa complexidade psíquica. Essa baixa complexidade significa a existência de um *ego* frágil, fixado em princípios rudimentares, inconscientemente pressionado pelo temor e pela luta instintiva

de sobrevivência. Os arquétipos se expressavam em pouquíssimas imagens correspondentes. A vida humana era a vida instintiva. Algo inconsciente a movia. A função religiosa poderia então ser o fator motivador e impulsionador de sua busca por um significado e pela compreensão de si mesmo.

O que leva inicialmente uma pessoa (o ser humano mais primitivo, aquele do tempo das cavernas) ao sagrado? Um instinto típico? Culpa? Morte? Medo? Jung afirmava a existência de uma função religiosa na *psiquê*, que age como um instinto, uma tendência inata, o que situa a questão da vivência religiosa como uma obrigatoriedade. Não é uma escolha, pois se trata de uma tendência psíquica a ser atualizada sob pressão do inconsciente. A evolução do espírito implica na passagem da atualização da vida inconsciente para a consciente. A forma de atualização ditada pela consciência é fator representativo da evolução do espírito. Não se trata de um processo de racionalização de algum segredo, mas de conexão consciente e profunda com a divindade. A experiência religiosa transcendente, que emociona e toca em profundidade o que existe de mais sagrado no indivíduo, é intransferível, independe da consciência racional, mesmo tendo de ser por ela compreendida.

A religião deve ser compreensiva à multiplicidade de manifestações, pois estas não só revelam a diversidade do inconsciente humano como também salientam a relatividade das assertivas e dogmas pregados.

Cada religião se depara com o desafio de explicar seu Deus, que é intolerante ao Deus da outra; sua fé, que condena a da outra; o destino futuro de seus adeptos, que renegam o da outra; suas práticas ritualísticas, que ridicularizam as da outra. Beira a incoerência, se não se tra-

tasse de algo que representa a complexidade da *psiquê* religiosa.

A solução harmoniosa e coerente do problema religioso é a constituição da Religião Pessoal. As religiões formais devem enxergar a diversidade religiosa como algo inevitável, por conta da função religiosa inerente à *psiquê* humana. A Religião Pessoal não exclui a importância da religião formal, que deveria levar o ser humano àquela. O futuro das religiões é conduzir seus adeptos à Religião Pessoal. A Religião Pessoal não é a união de todas as religiões, mas algo que decorre do exercício de cada uma delas. Portanto, é algo conseqüente e fruto da vivência coerente e séria do sagrado na vida cotidiana.

A razão básica pela qual existe a função religiosa é a imperativa busca pelo *Si-Mesmo*. Essa busca proporcionará, ao ser humano, a habilidade para lidar com questões misteriosas que atraem o *ego* desde sua geração divina. Religião diz respeito à totalidade da vida, à morte, ao espiritual e ao transcendente. O ser humano está sempre atrás de algo indefinível, que as religiões chamam de Deus, como se buscasse a si mesmo, sua essência, sua alma. Parece haver uma garantia íntima ou certeza de que encontrará esse Algo.

A chamada busca religiosa é decorrente de uma função psíquica primitiva e natural, originariamente constituída *a priori*. Ela é que direciona o indivíduo para o motivo da vida. É o norte da vida espiritual. Ela é responsável pela cultura, pelas religiões, pelas artes e pelos grandes desafios humanos.

A religião não é apenas algo decorrente do arquétipo paterno nem alternativa para sublimação da energia sexual. Sua linguagem é cheia de símbolos e imagens transcendentais. Aponta para a continuidade da consciên-

cia, para o além do aquém. A repressão da função religiosa ou sua exclusiva realização para glorificação divina torna-a pequena e de reduzida utilidade.

As religiões trazem, em seus dogmas, representações de conteúdos obscuros e ocultos que jazem nas profundezas do inconsciente, ali misteriosamente instalados. Seu sentido é encontrar a individualidade, a singularidade de todo ser humano. Não devem ser apenas fenômenos a serem vividos dominicalmente ou para entretenimento de sacerdotes. A existência de uma função psíquica atesta, por si só, a seriedade de seus propósitos.

A partir da segunda metade da vida, a atitude religiosa de uma pessoa se configura como uma resposta ao significado mais profundo de sua existência. O encontro com uma Religião Pessoal torna-se a solução mais adequada ao dilema de seu significado. A Religião Pessoal é uma experiência viva, conscientemente assumida em resposta às exigências da função que a gerou. Ela é a espiritualidade da pessoa.

A religião deve, antes de apresentar a *face de Deus*, como pretendem algumas, conectar o consciente ao inconsciente. No inconsciente está o *numinoso*, o misterioso e estremecedor produto da divindade. Oculto, pela impossibilidade de estar na consciência em face de sua poderosa força. É a *experiência de contato com o numinoso* que faz surgir a religião. A religião é um movimento coletivo, cujo surgimento não pertence a individualidade nem nasce pelo querer de alguém. É produto da coletividade, como um fenômeno de massa, que corresponde a algo que se processa na *psiquê* de cada pessoa. Os rituais religiosos são formas inferiores de contato com o divino. O contato direto é fulminante. A Religião Pessoal amadurece o *ego* para o contato necessário e maduro com o divino.

A função religiosa pode e deve ser estimulada. O trabalho consiste em depurar os princípios apresentados pelas religiões, buscando perceber seus significados ocultos; retirar das normas religiosas o que pode ser identificado pela consciência como sendo acessório; conhecer e se envolver em experiências relacionadas ao sagrado, desenvolvendo percepções eliciadoras de idéias transcendentais. A função religiosa deve ser constantemente atualizada em experiências de contato com o *numinoso*, espiritual ou sagrado. A experiência religiosa é um sentimento íntimo e intransferível. A espiritualidade vivenciada atualiza, renova e revitaliza a religião.

Deve-se descobrir o que de fato é sagrado para si mesmo, pois isso é uma representação da imagem arquetípica correspondente, gerada pela função religiosa. O sagrado é o *Si-Mesmo* em cada ser humano. As imagens religiosas, os rituais tradicionais e as lições regularmente apresentadas pelas religiões formais nem sempre conseguem evocar o sentimento de conexão profunda com a divindade ou com o *Si-Mesmo*. Cada pessoa deve redescobrir o que lhe toca a alma.

Os cultos e adorações a certos ícones atuais são manifestações inconscientes da função religiosa. A modernidade tem apresentado novos modelos no lugar de antigas figuras sacras, o que quer dizer que as imagens arquetípicas têm sido projetadas em novos moldes, em busca de outros significados. No mundo de hoje, a função religiosa da *psiquê* exige novas formas de atualização. Não é mais possível, diante dos avanços científicos e da nova consciência, sustentar-se uma idéia religiosa dogmática. O dogma aliena e paralisa o processo de aquisição do saber. É preferível acreditar provisoriamente no mistério. O mistério leva o ser humano à Religião Pessoal, bem como à espiritualidade.

A religião é uma autêntica manifestação da *psiquê* coletiva, que deseja ser conhecida. É algo que se impõe e que precisa de respostas. Sua atualização é responsável pelo desenvolvimento da espiritualidade no ser humano. A espiritualidade se conquista e se apresenta naturalmente nas experiências religiosas. Quando a religião não conduz ao desenvolvimento da espiritualidade, não cumpre sua função.

A marca de Deus é um componente estrutural *a priori* da *psiquê*, equivalente ao *Si-Mesmo*, isto é, à individualidade. A função religiosa da *psiquê* contém e é impulsionada por esses dois elementos, que, num certo sentido, se confundem. O *Si-Mesmo* é o equivalente humano de Deus.

Todos estão em busca do *Si-Mesmo*. Chamam-no de Deus, pois o identificam mais com o *ego* do que com o *Si-Mesmo*. A busca religiosa é uma etapa, consignada como encontro com o divino, que visa o conhecimento de si mesmo. É a forma mais agradável e consistente de se chegar à essência de si mesmo. Se Deus não tivesse posto, no inconsciente do ser humano, a idéia de que deveria buscá-lo, dificilmente ele procuraria primeiro conhecer-se. Buscar Deus é uma estratégia Dele mesmo, para que o ser humano se conheça. O ser humano acredita que, seguindo preceitos religiosos, estará com Deus. No entanto, quando sentir que isso está próximo, descobrirá que está começando a se conhecer.

Tudo quanto se teorizar sobre o que as religiões buscam, e afirmam que se pode encontrar após a morte, pode ser tomado como suposição. Como se trata de representação dos conteúdos psíquicos inconscientes, não passam de material simbólico, portanto, passível de compreensão de acordo com o estado da consciência. Sobre

tudo que pertence à dimensão espiritual, só se pode falar de forma simbólica. A *psiquê* religiosa sacraliza objetos quando eles remetem o *ego* a uma instância desconhecida e de difícil explicação. Locais, fenômenos da natureza, objetos etc., são deificados pela *psiquê* religiosa.





Deus

*A*lém de qualquer consideração de ordem metafísica ou teológica, Deus é uma necessidade psicológica. É um princípio constitutivo da estrutura psíquica humana, cujo nome foi adotado em consonância à existência real de um ente transcendente. Por outro lado, do ponto de vista psicológico, por conta da moral religiosa, sem Deus não há transgressão. Esta surge devido à ignorância e possibilidade de se exercer o livre-arbítrio. Sem a transgressão não se progride. A relação entre Deus e transgressão é muito tênue, o que pode ser percebido no mito de Adão e Eva quando se se depara com a presença da serpente no paraíso, sem que tenha sido o ser humano quem a colocara ali.

A que Deus as religiões se reportam? Particularmente escrevo sobre um conceito, sobre uma determinada idéia, mas não sobre o ser que elas pretendem afirmar. Seria pretensão demais querer falar do não-humano. Querer alcançar isso pode alienar as consciências mais lúcidas. Não se trata de discutir a respeito da natureza de Deus, mas da idéia de Deus construída em minha consciência, já que no inconsciente esta só é possível indiretamente. Conceituar Deus não é o mesmo que compreender sua existência.

Deus, tal qual se postula, não está dentro nem fora, muito menos entre, pois são palavras que expressam situ-



ações ou aspectos dimensionais da *psiquê*. Qualquer descrição espaço-temporal se torna pobre. Melhor seria, para uma compreensão de Deus, referir-se ao sentimento, cuja descrição em palavras é meramente figurativo, e não o que verdadeiramente se sente. Mais adequado do que descrever ou conceituar Deus é senti-lo.

Quando o ser humano experimenta uma angústia inexplicável, um “aperto no coração” ou uma saudade de algo indefinível, muito provavelmente se trata da falta do sentimento de Deus. É um convite de Deus para ser notado. Por motivos imponderáveis, a pessoa se distanciou de uma essência que a convida ao encontro. Esse distanciamento, muito embora sentido, não é de fato uma separação. Não é possível separar o que não se conecta na dimensão física. Deus fez a criatura humana, que busca incessantemente encontrá-lo, para que ela se conheça e o realize. Não seria mais adequado que ele se revelasse sem rodeios? Que saísse do inconsciente para a consciência? Melhor seria que se apresentasse desde o ato da criação. Talvez assim seja. Talvez não o tenhamos procurado “onde” ele de fato se encontra. Por isso, Deus é uma realidade inacessível a mim. Mas, há algo que constantemente teimo em lhe atribuir, que percebo pertencer a mim mesmo e que devo considerar um fator individual – o poder. Sua principal característica é querer assumir um lugar eterno de poder sobre mim mesmo. A favor desse poder é que se erguem as tradições religiosas, retirando-o do ser humano.

O Deus descrito, cultuado e buscado pelas religiões é um *complexo* primitivo a ser dissolvido e atualizado. Em torno de seu nome, o ser humano agregou seus medos, conflitos, anseios e perspectivas, tornando-o objeto representativo do que não é nem pode ser vivido.

Divindades (Deus, Allah, Vishnu, Krishna, Afrodite, Exu, Omolu etc.) são potencialidades psíquicas, poderosas estruturas sustentadoras da mente humana. Sua permanência na consciência não só inibe a solução dos conflitos em seu entorno como também a manifestação real da divindade. Tendo ou não esse propósito, o Deus do Judaísmo e do Cristianismo se tornou ameaçador e não foi capaz de levar seus adeptos à felicidade.

O ser humano não se justifica como uma unidade sem seu criador. Tudo o que nele há não é produto exclusivo de si mesmo, e ele não tem autonomia sobre o que lhe é inconsciente. Há algo nele, de que ele tenta se apossar, que não lhe pertence legitimamente. Esse movimento é a vida.

A busca da Unidade ou a idéia de um Deus único, que é a tentativa do encontro com a própria individualidade, reflete a face múltipla do Criador. Uma religião única depõe contra a chamada inteligência divina. A vida é muito diversa para caber uma única idéia a respeito de qualquer coisa. Paradoxalmente, um Deus Salvador e responsável pelo ser humano o põe sempre em perigo. Tudo de bom que se afirma sobre Deus contribui para que se radicalize a existência de um grande e poderoso mal. Melhor será sair do maniqueísmo da consciência para uma percepção de totalidade e multiplicidade sobre o Criador da Vida.

O culto interior ou a liberdade interna do entendimento a respeito de Deus e de religião é algo inexprimível. O culto externo ou a adoção de uma religião é sua mera e simplória representação. Por muito tempo, a consciência estará envolvida naquela percepção dicotômica, dissociada da totalidade divina.

Uma das soluções é passar da adoração para a devoção. A primeira se assemelha à contemplação, e a segunda deve ser aqui entendida como comunhão ou

integração. Trata-se de um novo relacionamento com o que quer que seja Deus. Uma outra, é a adoção da Religião Pessoal, cujo Deus tem características diferentes daquelas descritas pelas religiões formais. O Deus das religiões formais precisa de um novo manto, de uma nova luz sobre a humanidade para despejar sua claridade nas consciências. O novo manto é cultivar o sentimento íntimo de conexão com Deus, através da relação com outra pessoa. As disputas hegemônicas protagonizadas pelas religiões formais dificultam aquele sentimento. Conexões humanas de disputas são desperdícios íntimos de energia criativa. A Religião Pessoal poderá abrigar o novo manto.

Quanto maior o número de atributos e qualificações superlativas humanas dadas a Deus, maior a sombra no inconsciente humano, o que pode soar como uma desqualificação ou negação do significado humano de Deus. Na realidade, é uma tentativa de aproximar o que seja Deus de algo que o ser humano intui e sente sem precisar de uma descrição lógica.

Se, por um lado, o culto a Deus promove a redução do caos na mente humana, por outro, impede no ser humano sua autonomia e a apreensão do saber. Sua autodeterminação acontecerá após o equilíbrio interno, quando já tenha alcançado o domínio sobre si mesmo. Quanto maior o poder de Deus, menor a autonomia e a autodeterminação para senti-lo em si mesmo.

Há que se construir uma íntima ligação com a *causa maggiore* na essência de si mesmo. Trata-se de uma conexão de natureza não-linear, sutil e não dirigida. Por isso o risco de uma inflação *egóica* ou da assunção de um *complexo* é muito grande. Quando a conexão entre criatura e Criador se estabelece de forma harmônica e equilibrada, os rituais se tornam mais conscientes.

A consciência de um Deus único representa, de um lado, um avanço no processo de conscientização da própria individualidade; por outro lado, representa um sistema de auto-defesa contra a força da multiplicidade das representações do sagrado. A idéia de um Deus único é lógica e, ao mesmo tempo, contraditória, pois representa uma negação da unidade de cada ser humano. Um Deus único que fez singularidades e é único não fez uma única coisa, mas a multiplicidade delas.

Dois questionamentos simples, mas embaraçosos, atribuídos a Einstein e a Jung, pela impossibilidade de respostas precisas e isentas do espírito sectário, merecem destaque. O primeiro, o que fez Deus após ter criado o universo; o segundo, por que Deus preferiu estar no inconsciente ao invés de se por na consciência humana. Esses questionamentos decorrem da lógica humana em buscar uma causalidade linear para o Universo e da idéia da obscuridade de Deus.

Deus inicialmente “se apresenta” como uma imagem primordial, propositadamente oculta no inconsciente do ser humano, surgindo gradativamente na sua consciência, entre outros formatos, como uma idéia *numinosa* e transcendente. Posteriormente, quando sob o domínio de elementos civilizatórios, quando a lógica causal vier a se implantar em sua mente, o ser humano admitirá a idéia de Deus como Causa Primeira. Aquela imagem, tanto quanto a idéia que o ser humano fez e faz de Deus, menos ainda pelo formato adotado, nem de longe se aproxima daquilo que de fato é a Fonte Geradora da Vida. Apresentar novos e velhos formatos, refundir antigas formas de concepção ou opor-se a outras tem sido a maneira mais comum do ser humano apresentar a idéia que ele tem de Deus.

O escuro e infinitamente pequeno lugar em que o ser humano se põe, à procura da potente luz na qual acredita se encontre aquela Fonte Geradora, o distancia cada vez mais da condição precípua para atingi-la. Tal condição é a percepção de si mesmo como sendo a própria Fonte Geradora se realizando.

Longe dos holofotes da consciência, jaz um imenso mundo inconsciente no qual o espírito habita. Naquele mundo, Deus se mostrou como uma imagem suficientemente potente, qual um arquétipo, para impulsionar o ser humano a buscar-se, acreditando encontrá-lo. Deus, pela lógica humana, criou uma série de contradições que necessitam de compreensão e de integração para o necessário desenvolvimento espiritual do ser humano.

A forma como o ser humano lida com a divindade ou com o poder que supõe ser responsável por sua criação decorre apenas da relação que ele tem com a idéia de Deus, e não com o próprio. Isso é mais evidente nos cultos primitivos, em alguns dos quais, os elementos da natureza eram considerados o próprio Deus. Para o primitivo, não o simbolizavam, pois acreditavam estar lidando com o próprio Deus. Isso também ocorre na atualidade, pois nada garante ao crente que seu entendimento sobre Deus de fato é real. Independentemente de ser real ou não, de lidar com Deus ou com uma idéia pessoal dele, é essa idéia que se torna norteadora da busca de um sentido e de um significado para a vida. Essa idéia parece ser fundamental à existência humana, porque é maior do que qualquer outra que possa vir de sua mente consciente.

Quando o ser humano atribui qualidades, evidentemente humanas, a Deus, ele admite, sem o querer, a existência de opostos. Um Deus justo promoverá justiça e injustiça; um Deus de amor promoverá amorosidade e

Adenáuer Novaes

ódio; um Deus bom promoverá bem e mal; um Deus poderoso promoverá poder e fragilidade; um Deus inteligente promoverá sabedoria e ignorância. As qualidades humanas atribuídas a Deus devem ser entendidas como metáforas simbólicas a respeito do que seja a divindade em relação ao humano. O que Deus de fato é não pertence à razão humana.

A Teoria da Relatividade e a Teoria Quântica enfatizam a relação entre observador e objeto observado. Sempre que o objeto é observado, sofre algum tipo de modificação. Transpondo isso para a percepção de Deus, pode-se afirmar que uma melhor observação deve alterar essa concepção. A Teoria Quântica provoca a religião. O Deus das religiões, agora melhor observado, modifica-se no interior da *psiquê* humana. Sempre que o ser humano se modificar, semelhante movimento ocorrerá com o Deus em que ele acredita. A Religião Pessoal não exclui o ser humano disso, pois certamente o levará a uma concepção a respeito de Deus muito mais próxima de sua verdadeira essência.



Representações do Inconsciente

As representações do inconsciente através dos rituais religiosos são tentativas de reduzir a tensão provocada pela busca do significado da existência e pelo encontro com a singularidade do *Si-Mesmo*. A gama variada de rituais religiosos em todas as culturas e em todas as épocas atesta que o fator desencadeador possui uma natureza complexa, múltipla e diferente da que a consciência imagina. A não-acessibilidade imediata da consciência a esse fator representa um imenso abismo a ser transposto pelo *ego*. A consciência, mesmo sendo uma aquisição recente na evolução humana, não permite a presença imediata das aquisições nas experiências do passado. Ela as enterra, deixando, nos subterrâneos de sua estrutura, milênios de história com todas as experiências que formam sua própria natureza. Resta tornar-se veículo de representação do que se encontra sob seus pés. Seu movimento, suas aspirações e seu presente se devem ao dinamismo que se agita em suas entranhas.

Coletivamente, nos subterrâneos do inconsciente humano, persiste a tendência de cada indivíduo a movimentar-se em meio à ignorância sobre o *Si-Mesmo*. As representações são as pistas para a compreensão do que se esconde teimosamente no interior de cada ser humano. Paradoxalmente, por mais consciente que seja de si mes-

mo, ele não se auto-explica. Carregará sempre sua própria ignorância. Por mais sábio que seja, não alcança diretamente quem ele próprio é. Sua arrogância esbarra na dificuldade em aceitar a ignorância como parte estrutural de seu ser.

Em várias tribos indígenas, encontram-se os chamados rituais de iniciação, que visam introduzir o neófito no mundo adulto ou em contato com o sagrado. Nada mais são do que representações de processos psicológicos visando à autotransformação. São dinamismos psíquicos que se atualizam nos rituais. Suas manifestações atendem aos anseios arquetípicos do espírito imortal. Os rituais ligados à fertilidade do solo para uma melhor colheita em tempos de escassez são atualizações do arquétipo da deusa Mãe-Terra (fertilidade, capacidade criadora etc.), que foi parcialmente esquecida pela predominância seguinte do arquétipo do Deus-Pai (civilização, logos, ciência etc.).

Ao longo da história da Humanidade, como hoje ainda acontece em algumas culturas, o arquétipo que mobiliza o ser humano para a realização de rituais esteve representado em vários cultos. Foram projeções inicialmente coletivas, que depois, com o aparecimento da ciência, se modificaram, aproximando-se da consciência e perdendo seu poder transcendente. Segue-se uma relação resumida das principais projeções do referido arquétipo.

1. Projeção do arquétipo em fenômenos da natureza (raios, trovão, chuva, rios etc.). A consciência ainda preenchida exclusivamente pelo inexplicável, pelos fenômenos que se apresentavam de forma destrutiva ao corpo físico, isto é, àquilo que é extensão de seu próprio ser, colocava-os como superiores e geradores de tudo que era sentido. O que era ameaçador tornava-se divino. Aí

nascia o medo de Deus e o embrião da idéia de um ser Todo Poderoso.

2. Da Natureza, próxima e ameaçadora, àquela distante e incomensurável, o ser humano passou a projetar o *Si-Mesmo* nos objetos celestes (sol, lua, estrelas, planetas, cometas, fenômenos astronômicos etc.). O olhar para as estrelas simboliza a razão humana em contraposição ao animal, que se volta para a terra onde encontra seu alimento. O sol, representando ou sendo considerado o próprio Deus, ou símbolo do *Si-Mesmo*, está presente em várias culturas.

3. Do imponderável e distante para o palpável e conhecido, o ser humano passou a projetar o arquétipo em objetos materiais (montanhas, amuletos, pedras, totens, ervas, árvores etc.) ou animais (urso, elefante, cobra, entre outros). Os objetos ou animais escolhidos eram tidos como possuidores de poderes mágicos, numa clara projeção do poder inconsciente do *Si-Mesmo*. Adorá-los poderia permitir a absorção de tais poderes.

4. Quando o *ego* se apresentou mais maduro, o arquétipo pôde se projetar em seres humanos dotados de poderes sobrenaturais (líderes místicos, pajés, médiuns etc.). Essa forma de projeção permitiu uma maior consciência dos valores disseminados pelas religiões. Seres humanos visíveis, não apenas o inconsciente, passaram a ensinar, divulgar e dirigir a consciência para a compreensão do sagrado.

5. Quando o *ego* se apresentou inflacionado e o medo ainda dominava as consciências, a projeção do arquétipo transportou-se para figuras humanas dotadas de cargos ou de poder estatal (reis, imperadores, senhores feudais, coronéis etc.), que eram entronizados como se divinos fossem, numa demonstração clara da flexibilidade de representações inerentes ao arquétipo.

6. Esgotando-se as projeções no que era conhecido ou passível de verificação direta, a representação externa do arquétipo passou a ocorrer em entidades sobrenaturais (santos, espíritos protetores, divindades domésticas etc.). Não alcançando o divino, a *psiquê* humana aceitou algo que se aproximasse do inconsciente. São intermediários entre o ser humano e Deus, que passaram a ter os mesmos atributos e poderes da divindade.

7. Ainda vinculado pelo dinamismo inconsciente, a projeção do arquétipo passou a acontecer em deuses míticos (Zeus, Hera, Apolo, Atena, Afrodite, Oxalá etc.). A *psiquê* humana, sem alcançar de fato a consciência do *Si-Mesmo*, passa a projetar seus atributos nas representações de processos inconscientes.

Pode-se dizer que não há sociedade sem rituais. Não me refiro apenas aos rituais chamados de religiosos, pois muitos comportamentos humanos repetitivos são representações da função religiosa da *psiquê*. Por exemplo, o hábito de se banhar no mar, presente sobretudo nos países tropicais, possui correspondência ao ritual de purificação de algumas religiões, numa espécie de batismo. Os antigos faziam rituais com sacrifícios e oferendas visando manter sob controle as forças sobrenaturais dominantes em seu inconsciente, oriundas da *psiquê* religiosa.

Os rituais atualizam e dão movimento à energia psíquica pertinente. Hoje, requerem consciência, senso de propósito e sentimento de conectividade. Não devem se tornar meros movimentos repetitivos e afastados de um sentido transcendente. Devem mobilizar a energia psíquica, que jaz no inconsciente, a serviço do processo de autoconhecimento. Experiências criativas, tentativas de visualizar diferentes percepções da realidade, conspi-

rações íntimas para ocorrência de certos fenômenos comuns da vida cotidiana, planos que culminam em benefícios coletivos, eventuais contemplações da *Imago Dei* de alguém, sentir-se plenamente conectado ao Criador sem qualquer demonstração externa, são tentativas de transcender em meio à vida cotidiana.

As religiões, na sociedade moderna, distanciaram-se da Natureza, dos deuses tribais, das oferendas, aproximando-se cada vez mais do *Si-Mesmo*. No meio do caminho, elas se encontraram com a mediunidade nas pessoas comuns. Não mais nos santos nem nos deuses, mas nas pessoas como um atributo coletivo. Os rituais estão contando com presenças espirituais fora dos templos religiosos, numa desmistificação do sagrado associado a um lugar. O ser humano tornou-se seu próprio templo, aproximando-se cada vez mais do *Si-Mesmo*.



Religião como norma coletiva

Por detrás das normas sociais, instituídas legal e formalmente, há uma consciência superior que norteia as ações humanas como se fosse uma constante idéia diretora da vida psíquica. Paira, principalmente no inconsciente humano, um sistema religioso balizador e condutor da *psiquê*, levando-a até um ponto ideal. Ao mesmo tempo em que oferece garantias coletivas de um futuro ideal, estreita a criatividade natural e propõe uma divindade limitadora de qualquer expansão fora de seus princípios.

O sentimento religioso é um fenômeno transcendente que ocorre no interior da *psiquê* humana e que se revela em um formato irracional, ilógico e aceitável *a priori*. A descrição do fenômeno religioso, como hierofania, acontece com o colorido humano. Tudo que ocorre, nesse particular, tem a participação da consciência e, antes de tudo, do inconsciente humano. Mesmo considerando que são manifestações que se originam no inconsciente, seu reconhecimento passa pela consciência, adotando um formato racionalmente acessível.

A utilização da religião tem buscado disciplinar, orientar e conduzir a *psiquê* humana para um ordenamento, em princípio, transcendente. Conseqüentemente, o *ego* absorve esse molde como norma de conduta ou comportamento social aceitável e idealizado.



A religião conduz a mente humana em uma certa ordem e a um destino que parecem ser os melhores e os mais seguros para o indivíduo. Contraditoriamente, ela aponta para a individualidade com normas coletivas, muitas vezes cristalizando a própria mente em formas e clichês mentais de difícil mudança.

As religiões conduzem ou caminham para um ou mais dos seguintes processos:

- **Esoterismo** (para iniciados) – Penetra em questões que visam desvendar o que pertence à tradição religiosa e que se encontra oculto. Esse caminho se destina a poucos estudiosos e dedicados sinceros. Em geral, leva os indivíduos à estagnação e ao apego à letra de livros sagrados.

- **Praticidade** – Oferece modos de conduta que facilitam a vida prática sem ferir princípios e normas religiosas. A necessária transcendência é conscientemente adiada. Visa facilitar a vida cotidiana dos adeptos, pretendendo torná-los felizes e exemplos dignos de imitação.

- **Espiritualização** – Visa orientar seus adeptos a alcançar um estágio de transcendência, valorizando a vida no Além em detrimento da vida material. Prioriza o aperfeiçoamento moral, concitando as pessoas à aquisição de virtudes que as aproximem do divino.

- **Santificação** – Propõe a negação da vida material em favor da beatitude e da vida monástica. A vida mundana é condenada e o ser humano comum é impuro e pecador por natureza. Por esse motivo, o mais importante trabalho de todos é livrar-se do mal e das tentações.

- **Devoção** – Conclama as pessoas a se unirem em torno de uma fé ou de uma crença em um Deus protetor que lhes trará paz e harmonia. Pretende mostrar um caminho de suprema ventura a partir de certas práticas

ascéticas. Seus adeptos vivem no mundo, mas proclamam um outro melhor; voltam-se para seus próprios muros, mantendo uma hierarquia interna.

- **Racionalização** – Tenta explicar tudo, valorizando a razão e a ciência. Nega a necessidade de rituais e de realização fora de seus princípios. Seus adeptos são espiritualistas, mas não se afastam da vida comum. Propõe a realização pessoal em detrimento da coletiva. É mais tolerante às crenças alheias.

- **Ritualização** – Serve para a cristalização de dogmas e princípios. Oferece um mundo à parte, no qual a divindade ocupa um papel relevante como suprema autoridade, dispensadora de proteções e garantia de imortalidade. Assemelha-se a crenças tribais, colocando-se como de origem divina. É mantenedora de crenças arcaicas e extemporâneas.

As religiões formam um sistema de defesa individual e coletivo, contribuindo para a manutenção de um determinado grupo social. Além de valorizar a transcendência e a espiritualidade, a religião é um sistema cultural de grande importância para a formação da consciência coletiva.

Difícil sair do abrigo de uma religião. É reconfortante sentir-se pertencente a uma comunidade espiritual. A norma religiosa coletiva se transforma na principal estrutura psíquica de proteção e garantia de uma ordem que evitaria um possível caos no mundo. A norma coletiva passa a ser a única possibilidade da existência de um campo no qual tudo se cria e se busca. O divino pregado e instituído pela religião torna-se o máximo, tomando o lugar do universo criativo, natural e acessível a todos.

Ao invés de um processo natural, pessoal, de encontro com o máximo de si mesmo, restou ao ser humano

uma idéia refreadora. Sua desdita encontra alívio e solução na esperança redentora da religião, que passou a ter outro nome, uma espécie de sinônimo – esperança. Esperança é um outro nome que se dá à religião; é o caminho que a *psiquê* encontrou para legitimar sua imortalidade.

Nos escaninhos mais profundos da *psiquê* humana, no inconsciente, subjaz uma sutil certeza – a realidade material é o reverso de algo muito precioso. Esse algo ora é percebido como a individualidade, ora como o próprio Deus. A realidade é um conduto para as realizações do espírito, uma espécie de “estação redutora” de algo potencialmente maior. Esperar que a norma religiosa conduza a esse algo será tão tedioso e doloroso quanto o acorrentamento de Prometeu.

Embora convidativa, pois emula um ideal de pessoa, a religião mobiliza forças internas condutoras da busca pelo significado da vida. Torna-se, porém, limitadora do universo possível à *psiquê* em face de suas normas rígidas e excessivamente humanas. É exatamente essa influência humana que reduz o alcance da religião, porquanto a necessidade de contenção da própria *psiquê* limita a transcendência necessária à evolução.

Os livros sagrados (Vedas, Torá, Bíblia, Alcorão, I Ching etc.) refletem a religiosidade coletiva das diversas sociedades, mas não alcançam a totalidade do arquétipo religioso na *psiquê*. São patrimônios da inteligência humana, livros que encerram verdadeiros tesouros para a alma, mas se perdem no labirinto de normas e princípios ainda muito humanos. Não que devam ser alterados. Um livro considerado sagrado perpetua ensinamentos, não devendo ser modificado com o tempo. Seu conteúdo é que deve ser sempre contextualizado a cada época e de acordo com a cultura daquele que o lê. As religiões, atra-

vés de seus livros, atualizam o divino no humano enquanto veiculam mensagens subliminares com os paradigmas das leis de Deus.

O arquétipo é uma estrutura psíquica que leva o ser humano a uma forma coletiva de ser e viver. Serve como forma inicial ante a ignorância natural do ser humano. As experiências vividas, influenciadas pelos arquétipos, devem levar o ser humano a fazer escolhas individuais, não mais premido pelo inconsciente. O arquétipo religioso leva à religião coletiva, que deverá conduzir o ser humano à Religião Pessoal. Ele aprende com a norma coletiva para depois constituir sua norma pessoal, superior e mais adequada que a primeira.

Os líderes e fundadores das religiões estabelecem o que consideram uma nova forma de lidar com o sagrado. Instituem a norma coletiva. Com o tempo e o alcance popular, tornam-se algo coletivo, miscigenam-se com crenças e cultos populares, e se aproximam de algo pertencente à dimensão coletiva da *psiquê*. A religião se coletiviza para depois se dividir, fragmentando-se ao encontro da Religião Pessoal. É o que ocorre com o sincretismo religioso, que demonstra o fenômeno comum da existência de uma dimensão coletiva na *psiquê*.

A passagem da norma coletiva da religião formal para a constituição de uma ética pessoal superior pode ser percebida na formação das Organizações Não-Governamentais (ONGs). Elas se constituem substituindo, em seus deveres, o Estado, propondo-se a uma ética superior, livres de interesses menores. De alguma forma, elas também ocupam um lugar aparentemente exclusivo das religiões.

A religião formal se mostra como norma coletiva, necessária para o desenvolvimento da humanidade. Quan-

do percebida como fator de busca pessoal, dá um passo importante para a constituição da Religião Pessoal.

Em matéria de religião, tudo que é misterioso atrai a mente ainda incipiente em relação ao sentido e ao significado da vida. Essa atração deverá levar o ser humano ao que existe de mais profundo e maravilhoso na alma humana.



Espiritismo e religião

Arigor, o Espiritismo não deveria ser considerado uma religião. Não pelo fato de seu fundador, Allan Kardec, não tê-lo caracterizado explicitamente como tal, mas, principalmente, por ele ter adotado uma religião já constituída como referencial. Em seus escritos, não há uma proposta de revisão do Cristianismo, nem ele se propôs a ser um reformador religioso. O Espiritismo não surgiu para reformular ou consertar o Cristianismo. Sua proposta é tratar das relações do mundo material com o espiritual e de revelar as leis do mundo dos espíritos.

O Cristianismo foi a religião em que o Espiritismo se amparou, adequando-se, durante sua história e traslado para o Brasil, a uma legitimação social mais ampla. Sem isso, isto é, sem se apresentar como uma religião, poderia não haver possibilidade de nele se projetarem as imagens arquetípicas exigidas pela *psiquê* religiosa. Tornar-se uma religião configura-se como uma estratégia para uma melhor assimilação de seus princípios. Por outro lado, se considerado como religião cristã, como assim denominou Allan Kardec²⁵ ao afirmar sua bandeira, o Espiritismo seria, então, mais uma das dissidências que ocorreram no Cristianismo. Dificilmente, porém, se aceitaria essa

²⁵ *O Livro dos Médiuns*, 52ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985, item 350.

tese, pois os adeptos do Espiritismo não seguem orientações papais nem realizam rituais presentes na grande maioria dos atos litúrgicos das igrejas cristãs.

O Cristianismo primitivo se dividiu em Católico Romano e em Ortodoxo. Após essa divisão surgiu o Protestantismo do Católico Romano. Em seguida, a Igreja Anglicana. No Protestantismo, surgiram muitas dissidências, que podem ser percebidas pelo crescimento do número de religiões pentecostais, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil. A divisão do Cristianismo em várias escolas, ou religiões, (Católica Romana, Ortodoxa, Protestante, Luterana, Metodista, Anglicana, Adventista, Pentecostal etc.) parece ocorrer por força da necessidade de ampliação da consciência divina no ser humano.

O Espiritismo cristão surgiu principalmente entre aqueles que professavam o Cristianismo Católico Romano, o que não significa ter havido uma dissidência religiosa. De fato, houve a assimilação de novos conteúdos, de natureza mediúnica e relativos à reencarnação. O Cristianismo, em seus valores morais, não difere, no Espiritismo, daquele apresentado no Catolicismo nem nas demais religiões cristãs.

A escolha do Cristianismo como veículo para disseminação do Espiritismo tem sido eficaz na propagação de conceitos básicos a respeito da vida espiritual. Assim, em contato com uma religião, a coletividade humana pode ser melhor e mais eficazmente conduzida a entender uma nova idéia.

Em face do avanço do conhecimento científico em detrimento do saber empírico, o que reduziu o conhecimento religioso apenas a uma fé, o Espiritismo tornou-se a opção mais adequada à transcendência espiritual.

Independentemente da veracidade dos princípios espíritas, sua adoção aos princípios religiosos judaico-cristãos, adaptando-os à cultura brasileira, deixa muitas lacunas ou vazios ao adepto esclarecido. Por exemplo, exclui as propostas das religiões orientais, não restando ao adepto a possibilidade de aderir a uma religião universalista ou holística. Os princípios espíritas não se restringem a questões de fé ou a virtudes a serem adquiridas pelos adeptos, pois visam, sobretudo, o esclarecimento a respeito das questões de natureza espiritual. O espiritual aqui referido independe das correlações religiosas que possam ser feitas.

O Espiritismo brasileiro se transformou numa religião sincrética com fortes traços oriundos do Cristianismo Católico. O sincretismo incorporou também conceitos orientais, aceitos por grande parte dos brasileiros. Um deles é a noção de carma, associada à idéia de causalidade absoluta, que, como uma lei de ação e reação, engessa a criatividade e a inteligência humana. Em alguma dimensão, ou circunstância, pode ocorrer sua existência, mesmo assim, outras possibilidades podem determinar sua não ocorrência. O carma não é absoluto. O ato humano não pode ser aceito como irrevogável.

A religião cultuada no Espiritismo contém os seguintes princípios:

- existência de Deus como Criador de tudo que existe;
- existência, individualidade e imortalidade do Espírito, independente do corpo físico;
- os espíritos desencarnados habitam o mundo espiritual, pré-existente ao mundo material;
- o homem é constituído de uma tríade – Espírito, Perispírito e Corpo Físico;

- os espíritos evoluem visando a perfeição moral;
- a reencarnação é o meio pelo qual os espíritos retornam a um novo corpo para processarem sua evolução espiritual;
- no Universo há diferentes mundos habitados por espíritos de variados graus de evolução;
- os espíritos se comunicam com os encarnados pela mediunidade, havendo influência mútua;
- a moral cristã é a moral espírita;
- a maior das virtudes é a prática da Caridade;
- incentivo ao amor ao próximo, à tolerância, à paciência e à humildade, combatendo o egoísmo e o orgulho;
- revelação das leis do mundo espiritual.

Espiritismo e Cristianismo são inseparáveis. Entretanto, é preciso afirmar o que de fato o Espiritismo acrescenta ao Cristianismo e o que apresenta independente dele. A confluência dos dois se situa no campo da moral. Nenhuma das religiões oriundas das divisões no Cristianismo exercita a mediunidade tal como é estudada e praticada no Espiritismo. Tampouco a descrição do mundo espiritual feita pelo Espiritismo é comum a qualquer outra religião.

A maior frequência aos centros espíritas ocorre nas chamadas reuniões doutrinárias, em que as pessoas recebem os ensinamentos espíritas. Essas reuniões correspondem às reuniões de culto semanal nas outras religiões, e têm sido a maneira mais eficaz de se divulgar o Espiritismo.

Ser espírita não é simplesmente ser cristão. O Espiritismo incorpora, em seus princípios, alguns conceitos do Cristianismo, o que, muito embora situe o Espiritismo como religião cristã, não delimita o alcance de sua dou-

trina nem esgota seu saber. Ser espírita não implica numa atitude exclusivamente religiosa. Embora cristão, o espírita vive sua fé de maneira pessoal. Quando muito, adota uma outra interpretação das parábolas do Cristianismo. O Espiritismo não adota os rituais do Cristianismo Católico e do Ortodoxo nem se concentra exclusivamente na fé em Cristo, como no Protestantismo.

O Cristianismo se apresenta como uma representação do mito do salvador e do redentor. A força do Cristianismo, presente nos acontecimentos que marcaram sua história, reside na aproximação das classes menos favorecidas e na apresentação de princípios muito próximos da essência divina em cada ser humano. Nesse aspecto, o Judaísmo fez o trabalho de base.

Na história do Cristianismo viram-se sacrifícios, divulgação ampla, adoção indiscriminada, consolidação dos dogmas, perseguições, divisões, relação de poder com o Estado, centralização, perda de adeptos e sincretismo. Pode-se dizer que o Cristianismo foi tentando se amoldar, ao longo da história da humanidade, ao desenvolvimento do ser humano e da sociedade em que ele vive. Algum sucesso obteve, pois seu grande número de adeptos e sua longa vida atestam isso.

O Espiritismo migrou da França para o Brasil, adaptando-se à cultura brasileira. Tem tido pouca modificação desde sua implantação, ocorrida no final do Século XIX. No início do Século XX, em seu seio, por questões relacionadas a divergências quanto à prática mediúnica, surgiu a Umbanda, proporcionando o nascimento de uma outra religião. Por conta da prática mediúnica, o Espiritismo, a Umbanda e o Candomblé, este último de origem africana, têm sido confundidos e sofrem preconceitos por parte das demais religiões cristãs. O número de adeptos

que migram do Catolicismo para essas religiões tem aumentado muito, sobretudo nas classes mais favorecidas materialmente.

Uma das forças atrativas de uma religião é sua capacidade de oferecer elementos para projeção do *Self*. A maioria dos carismáticos líderes religiosos conseguia essa função pelo que falavam, pelo comportamento tendente ao mítico e mágico e pelo que transpareciam. O Cristo é uma das representações do *Self* mais conhecidas. Jesus conseguiu fazer com que as pessoas nele projetassem o próprio *Self*. Jesus pode ter sido incompreendido e até considerado contovetido, mas ele encarnou a representação do *Self* coletivo. Em matéria de religião, principalmente a Cristã, quanto mais as pessoas se distanciam dos fatos, mais se aproximam do mito. Ao longo da história, Jesus foi se tornando o Cristo. No Espiritismo, o *Self* é também projetado em Jesus.

Em relação ao modo como o Cristianismo passou a ser vivido, pode-se observar uma certa tendência ao ascetismo, prática que não era dos doze apóstolos, muito menos de Jesus. A personalidade do apóstolo Paulo pode ter feito a diferença. Sua vida monástica pode ter influenciado a conduta e as normas do Cristianismo. No Espiritismo brasileiro, há uma certa tendência de seus adeptos em propagar uma vida quase monástica, por influência do Cristianismo. Felizmente o êxito tem sido pequeno.

Mesmo que não se encontre assumidamente em Allan Kardec o registro de que o Espiritismo é uma religião, ele se tornou de fato uma religião. No Brasil, os dispositivos legais garantem tal afirmação. Sua prática, seus postulados e sua conexão com o Cristianismo atestam isso.

O Espiritismo não deixa de ser uma religião diferente, pois não se observam altares, culto a imagens,

Adenáuer Novaes

liturgias, votos de castidade ou de pobreza, paramentos nem hierarquias de comando em seus templos ou organizações. Sua religião se fundamenta na busca constante pelo aperfeiçoamento moral dos adeptos e por sua constante busca pela unidade com Deus.

A discussão que existe entre alguns adeptos do Espiritismo sobre sua identidade religiosa, tentando negá-la, é inócua, pois não se trata de uma designação da consciência. Naturalmente, o contato com o espiritual assume um caráter religioso. As propostas espíritas são comuns à grande maioria das religiões. A prática espírita tem sido executada no seio da grande maioria das religiões. Não há como fugir da tendência arquetípica, pois os elementos projetivos estão presentes.

O caráter mediúnico, a crença e a pregação consistente sobre a reencarnação, o forte apelo à caridade pessoal, além do trabalho de combate às obsessões espirituais, fazem do Espiritismo uma religião diferente e encantadoramente atraente.



Arquétipo paterno

O ser humano não foi criado com a condição inata de determinar instantaneamente seus limites. Ao longo de sua evolução, duramente, ele tem aprendido a estabelecer seus próprios limites. Teve de entender que não podia tudo nem devia abusar de seus potenciais vitais. Teve de construir uma moral a partir do resultante de suas experiências, vividas com sacrifícios e renúncias.

Os processos geradores de limites têm um centro direcionador comum – o arquétipo paterno. Aquele que conduz o *ego* dentro de certos limites, estabelecendo a necessidade de escolhas, mostrando o sim e o não, o certo e o errado, o adequado e o não adequado.

Um dos instrumentos atualizadores desse arquétipo é a religião. Sua utilidade está a serviço do amadurecimento do espírito, no que diz respeito também à aquisição da noção de limites. Os abusos cometidos em nome da religião decorrem da natureza desse arquétipo, o que justifica as grandes religiões nascerem em decorrência de ensinamentos trazidos por homens. O caráter masculino, paterno e refreador, está presente em toda religião.

A exclusão do feminino nas origens e desenvolvimento dos paradigmas das religiões reflete o predomínio do arquétipo paterno. As religiões exercem controle, como o pai sobre seus filhos, o que talvez decorra da intensa



Adenáuer Novaes

força gerada no contato com o sagrado, que necessita da devida educação. A exclusão do feminino enviesou a religião do indivíduo enquanto homem e enquanto mulher, estereotipando condutas e estabelecendo hierarquias. Por ter sido escolhida como representação do pecado, a mulher, como símbolo do feminino, foi reprimida e estigmatizada.

Pela possibilidade de aplicação de uma sanção moral, sugerida pelas religiões, a pressão se exerce nas consciências humanas, limitando sua natural condição de liberdade. Como nem sempre prevalece o que diz a consciência, pois a natureza do inconsciente, anterior e reprimida, é a de se realizar para que a vida aconteça, ocorrem as transgressões. Inevitavelmente advém a culpa.

Religião e culpa

Difícil dissociar uma da outra. É um desafio de todo ser humano, a caminho da constituição da Religião Pessoal, viver sua religiosidade sem culpa. Isto requer coragem e senso de propósito. Sem medo e sem receio de castigo algum, pois quem fez a criatura só a puniria se fosse mau educador.

Religião sem culpa, sem pecado e sem castigo é praticamente impossível. Salvo se seus paradigmas preconizassem que toda transgressão merece reconsideração e escolha compartilhada do processo educativo necessário ao aprendizado. Mesmo assim, toda experiência educativa a ser vivida deve ser acompanhada de elementos favorecedores de auto-compreensão.

Com a Religião Pessoal, o ser humano caminha para a eliminação total da culpa. Aquele que se realizou, ou se encontra a caminho, não possui culpa de qualquer natureza. A culpa é um poderoso mecanismo de desequilíbrio

psíquico, requerendo processos de redenção pela dor. A ignorância dos adeptos, o medo de estar fora do abrigo oferecido pela religião, o temor de um destino aversivo após a morte, a forte tradição religiosa, o receio de encarar o desconhecido são fatores responsáveis pelo excesso de culpa que campeia na consciência da criatura humana.

Religiões que sacralizam livros, dificultando seu acesso aos adeptos, que pregam exclusividade no contato com Deus, que disseminam o medo de um futuro de sofrimento para o pecador são obstáculos à libertação das consciências. Desvincular-se de religiões opressoras torna-se fundamental para a adoção da Religião Pessoal.

O discurso dos líderes religiosos, geralmente carregado de admoestações sobre os perigos do ser humano se aventurar para fora dos cânones por eles pregados, dessa forma, atesta o método para instalar a culpa nos adeptos. A religião que deveria libertar, aprisiona pelo medo e pela culpa.

Quando o olhar dos líderes das religiões na direção de seus adeptos estiver impregnado pelo amor semelhante àquele que o Deus, tão citado em suas pregações, tinha para com suas criaturas, não haverá espaço para advertências de caráter intimidador. Tais admoestações são feitas como se oferecessem salvação mediante barganha, barateando aquilo que deveria ser considerado sagrado, em troca da permanência do expectador, crente fervoroso do imaginário de seus líderes.

Não há religião que satisfaça, quando seus líderes fogem do dever de conduzir seus liderados ao caminho da felicidade e da alegria de serem chamados de filhos de Deus. Religião não é tribunal nem tem jurisdição sobre as consciências humanas para lhes impingir qualquer destino futuro.

Religião e transgressão

Transgressão e norma são elementos que se aproximam muito. Uma vive em função da outra. Não é por acaso que se tornam comuns os escândalos envolvendo líderes religiosos. Vêm à público apenas aqueles que são descobertos, em meio a uma quantidade não disponível de transgressões intra-muros. Isso não é de se estranhar, pois os líderes são também adeptos de suas próprias pregações. Por se reprimirem mais do que os outros, estão mais sujeitos a transgredir.

Vivem sob uma culpa maior por conta da aceitação da vocação religiosa, que lhes impõe regras a serem cumpridas sob pena de resvalarem para o destino nefasto pregado em suas próprias admoestações. O rompimento com a norma ou preceito religioso torna-se uma instigante tentação, quase uma compulsão psicológica a martelar a consciência. Todo desejo proibido que não é vivido, ou compreendido, ou convertido conscientemente, torna-se um convite a ser realizado de forma inconsciente, com prejuízo ao desenvolvimento da personalidade. Quando a repressão ocorre, instala-se a neurose. O indivíduo adocece por conta de sua recusa a viver algo que nasce de sua ânsia pela vida.

A transgressão não significa necessariamente a realização do ilícito ou do pecaminoso, pois nem sempre o que é lícito é moral, ou o que é ilícito é imoral. Trata-se de aferir o que estaria de acordo com uma moral superior e que deveria ser vivido. É uma espécie de rompimento com uma pieguice e inocência pueril, proporcionada pela aceitação de uma religião exclusivamente protetora e intimidadora.

As normas religiosas geralmente se estabeleceram em torno do dogma, que funciona como uma barreira à

descoberta dos significados ocultos relacionados com os fenômenos *numinosos*. Os dogmas tratam de colocar âncoras psicológicas de apoio ao que não pode ser assimilado pela consciência.

A religião arquetípica deverá dar lugar à Religião Pessoal. A amorosidade deverá prevalecer sobre a hegemonia do arquétipo paterno. A religião do amor deverá imperar sobre toda sanção.



Ando a procura de uma religião...

Quero uma religião que não me proíba, mas que me eduque; que não me incrimine, mas que me ofereça soluções; que não me reprima, mas que me ensine a encontrar melhores formas de expressão; que não me condene, mas que ofereça um adequado senso de justiça; que não me inferiorize, mas que me aproxime do Criador da Vida.

Quero uma religião que me deixe sorrir nas manhãs de domingo, permitindo que minha prece seja o olhar para a natureza.

Quero uma religião que, nos dias mais escuros do meu viver, dela não me lembre quando sentir medo e nela não me abrigue feito criança em consolações pueris.

Quero uma religião que me incentive a oferecer rosas aos doentes e a levar alegria aos enterros, e a só chorar quando souber que a dor foi compreendida e que o morto vive e está bem.

Quero uma religião que me oriente a reverenciar a inocência e a aplaudir de pé os que respeitam a sabedoria dos mais velhos.

Quero uma religião que possa encontrá-la com quem estiver, por onde for, também no coração dos que ferem e gritam achando ter razão.



Quero uma religião que abrigue aqueles que se arriscam em viver e abençoe os que se perdem nos labirintos escuros da própria ignorância.

Quero uma religião que possa senti-la na compaixão, seja com a abundância dos perdulários ou com a miséria dos aparentemente incapazes, sem que me falte a necessária solidariedade.

Quero uma religião que me faça sentir irmão de quem me contraria ou me rouba a esperança, também dos que me reverenciam inocentemente.

Quero uma religião que retire a venda de minha cegueira, sem me tirar a ignorância completa, educando-me para a continuidade do aprendizado.

Quero uma religião que não exclua nem estigmatize nenhuma criatura, nem crie castas de eleitos ou de salvos pela adoção de princípios lógicos.

Quero uma religião cujo cântico e cuja liturgia incluam a voz da alma e o pulsar dos corações, para que um dia, quando não mais precisar de nada, eu encontre a mim mesmo.



Ego e Espírito

O eu não é o senhor da personalidade, muito embora como centro da consciência ocupe temporariamente aquele lugar. À semelhança do “ponto eletrônico”, utilizado pelos apresentadores de televisão, que serve para comunicação entre eles e o diretor do programa, o *ego* assimila os conteúdos do inconsciente e do que vem da individualidade do Espírito.

A idéia da existência de um Eu Superior apenas estabelece uma hierarquia absoluta, na qual um deles se torna obediente ao outro, mesmo que pareça autônomo. Não há nada que garanta a existência dessa autonomia, o que, se assim fosse, conferiria um caráter de gênese aleatória ao *ego*.

Há, além de uma relação de interdependência entre o *ego* e o Espírito, pois este é representado por aquele, uma causalidade deste para com o primeiro. O Espírito gera o *ego*, que lhe serve de identidade consciente. O *ego* é uma função, entre outras definições, que representa a parte consciente do Espírito no aparelho psíquico e adquire outra configuração após a morte do corpo físico. As experiências vividas pelo *ego* são assimiladas e filtradas pelo aparelho psíquico, alcançando o Espírito. Este apreende aquilo que resulta das experiências e que serve de constituição para a consolidação das leis de Deus.



Um *ego* frágil, inseguro, que não tenha vivido experiências promotoras do amadurecimento e da conexão profunda com o *Si-Mesmo*, tende a abrigar-se sob poderosas defesas internas e externas. A adoção de uma religião ou crença é a primeira e primordial dessas defesas, ainda na infância, sob influências dos pais e do meio social. Na fase infantil a ancoragem se estabelece nas figuras parentais. Na adolescência se transfere para os grupos sociais de referência.

O amadurecimento do *ego* não se dá apenas pela adoção de princípios religiosos, mas principalmente pela coragem de viver a vida enfrentando os desafios que ela apresenta, consolidando em si mesmo o aprendizado. Essa consolidação deve conter a consciência de sua própria capacidade e a aquisição da liberdade de escolha do próprio destino. Quanto mais livre a consciência e quanto mais amadurecido o *ego*, profundamente conectado à essência do *Si-Mesmo*, mais se poderá admitir uma Religião Pessoal. É preciso se despir de todo medo, de todo o receio de Deus e de todas as honras para se iniciar o processo de construção da Religião Pessoal. Sem isso, será um arremedo de individuação ou de evolução da personalidade.

Um *ego* maduro deverá aprender a enfrentar todas as possibilidades arquetípicas que se apresentem em sua existência, compreendendo que uma *psiquê* racional, uma *psiquê* religiosa, uma *psiquê* política, uma *psiquê* masculina/feminina etc., são faces presentes em uma mesma individualidade. Não há hierarquia na origem e na atualização delas. Vivê-las, atualizando a própria vida, é algo a que ninguém poderá se furtar. São convites naturais da Vida.

Por detrás dos estados psíquicos, encontra-se o Espírito, ou a individualidade no que lhe é singular. Os de-

Adenáuer Novaes

safios da vida não são apenas aqueles que se mostram externamente, mas também as configurações psíquicas que, invariavelmente, surgem como cenários internos a serem atualizados. A atitude religiosa deve acontecer no uso da totalidade das funções psíquicas, qualquer que seja a *psiquê* que esteja sendo atualizada.

A religião formal permanece vinculada ao *ego*, dosando-lhe o grau de profundidade de suas reflexões, nem sempre permitindo sua aproximação ao *Si-Mesmo*. A Religião Pessoal, inevitavelmente, o obrigará a alcançar o Espírito, sob pena de novamente mascarar sua evolução.



Religião e política

O mundo, ou melhor, a humanidade, é um organismo vivo, com conexões em várias dimensões. Conexões comerciais, educacionais, elétricas, eletrônicas, viárias, aeronáuticas, virtuais, afetivas, religiosas, políticas, entre outras, que ligam as pessoas instantaneamente, formando uma grande rede.

Política, além de ser a arte de governar é também a ação do indivíduo visando a resultados ótimos para a sociedade. Mínimas tentativas de intervenção social constituem ações políticas. Nesse sentido, a ação de uma pessoa investida de um caráter religioso ou em nome de uma religião é também uma ação política. Um ato religioso visando à melhoria da sociedade é um ato político. Nesse mesmo sentido, a ação política que vise ao desenvolvimento espiritual das pessoas é, em si, uma atitude religiosa. Atitude política e atitude religiosa se confundem na prática da Religião Pessoal, pois nesta não há espaço para a ação egocêntrica.

A educação política de uma pessoa se inicia muito cedo. Pais e educadores, e o próprio meio social no qual a pessoa é criada, contribuem para a formação política de forma sutil e interna. Já dizia Aristóteles que “o homem é um animal político”. Portanto, a política é parte integrante da personalidade da pessoa. Todos agem consoante uma



ideologia. O mesmo se dá em matéria religiosa. Todos são influenciados pela religião e influenciam, recorrendo a valores nela adquiridos, quer se identifiquem ou não como adeptos de alguma delas.

As primeiras experiências da criança que a levaram à percepção de uma sociedade dividida em classes (ricos e pobres, pretos e brancos, cultos e não cultos, nacionais e estrangeiros etc.) e que a fizeram se perceber integrante de alguma, tornam-se marcantes para uma escolha política futura. O mesmo ocorre no que se refere à religião da classe dominante. Os valores pertencentes àquela classe serão importantes para a definição dos próprios valores, contra ou a favor daqueles. A atitude política do futuro adulto certamente sofrerá a influência da projeção escolhida na infância. Da mesma forma, as primeiras experiências ligadas ao sagrado e ao religioso provocam projeções e atitudes pertinentes. Pais que ensinam religião aos seus filhos quando crianças, irão, de maneira quase determinante, direcionar a atitude religiosa no futuro. A doutrinação dos filhos deve ser gradativamente substituída pela educação de princípios gerais pertencentes à essência de todas as religiões. Isso facilitará a futura constituição da Religião Pessoal.

Por outro lado, política e poder sempre estiveram próximos da religião. Governantes se aproximaram da religião com o intuito de dominar; líderes religiosos assumiram o poder utilizando-se de seus carismas. Religião e Política nunca se separaram, pois têm processos comuns e, às vezes, o mesmo objetivo – a condução das massas.

Diferentemente da religião formal, a Religião Pessoal não se relaciona ao poder, pois sua ação política tem objetivos específicos, métodos e ações muito claras. Sua

participação política, mesmo quando em mandato, tem um caráter estritamente espiritual.

A religião formal quando toma o lugar de um governo laico, normatizando, interferindo em todas as dimensões da vida cotidiana, torna-se apenas um poder civil. Quando o Estado exclui a religião da participação na disseminação de valores, torna-se frio e estagnante. A união dos dois, favorecendo a constituição da Religião Pessoal, possibilitará a aquisição da felicidade das pessoas.



Oração da Religião Pessoal

*C*riador da Vida.

Auxilia-me a encontrar em mim mesmo sua essência, que me identifica como criatura singular.

Percebendo quanta dor e miséria enfrenta a criatura humana, ajuda-me a contribuir para a erradicação do que a atormenta.

Diante de tanta violência e desagregação que assolam nossa sociedade, possibilita-me ser um elemento de união e fraternidade entre os seres humanos.

Quando vejo o sofrimento e o desespero que grassam no seio de inúmeras comunidades, deixa-me ser um que socorre e asserena as almas aflitas.

Ante aqueles que agridem e usurpam os direitos dos outros, faz-me capaz de restabelecer a justiça e o equilíbrio com amorosidade nas mentes dos que assim procedem.

Vendo a discriminação e o fanatismo que se instalam nos agrupamentos humanos, concede-me a condição de ser humilde, testemunhando o valor da simplicidade.

Assistindo à prevalência de pessoas más e inconstantes sobre ingênuos, permite-me a condição de pessoa comum que exalta o amor entre as criaturas, intermediando conflitos.

Enfim, orienta-me para enxergar em mim mesmo aquilo que vejo no outro e que condeno, tornando-me aquilo para o qual fui designado.

Ensina-me, sobretudo, a amar em todos os atos.



Invocação

Senhor da Vida!

Para onde estamos indo, nós criaturas humanas?
Aonde eu mesmo chegarei com o que busco?

Sei que minhas convicções a teu respeito têm me melhorado e à própria humanidade, levando as pessoas a uma condição melhor. Sei, entretanto, que muito ainda precisa ser feito. Mesmo considerando a grande diversidade religiosa, e percebendo as divergências consideráveis existentes, sua importância não pode ser desprezada.

Ainda é pouco o que faço? Mas angustia-me a espera de que todos melhorem para que eu mesmo mereça algo melhor. E aqueles que já alcançaram, em seu saber, em seu coração, a semente do amor, que já se ocupam naturalmente em auxiliar os demais, devem ficar à espera de todos?

Da-lhes algo mais. Ofereça-lhes, enquanto assim agem, um encontro especial que reservas para aqueles que ti conhecem, respeitam e colaboram contigo. Mesmo não sendo um modelo de bondade e de perfeição, não me canso de perdoar, de auxiliar e de amar meus semelhantes. Assim faço por mim e pelo próximo, percebendo ainda, dentro de mim mesmo, o mal que tanto procuro eliminar. Mas, quero ir mais além enquanto assim ajo.

Com essa proposta, não me sinto alguém orgulhoso, acima dos limites admitidos à minha condição de espírito imperfeito. Quero apenas uma luz, um conselho, uma orientação maior, para que não me fixe no caminho, enquanto a estrada me pede para continuar.

Não me deixes acreditar que já alcancei a finalidade da vida ou, ao contrário, que me situo apenas como servo fiel. Ainda que me veja como seguidor fidedigno

Adenáuer Novaes

de teus ensinamentos, destitui-me de qualquer idéia de superioridade ou de merecimento exclusivo.

Lança-me novos desafios, enquanto ultrapasso os que me competem vencer. Enquanto venço a mim mesmo e ajudo a meu próximo, deixa-me percebê-lo melhor. Ajuda-me na construção da minha Religião Pessoal para que eu e tu mesmo nos encontremos onde e como previstes.

Sou o que busco ser e quero estar onde é possível alcançar, pelos teus desígnios.

Diálogo íntimo

Deus, ser supremo que me criou,

Divina força que me gerou,

Olha-me e vê como me sinto. Ciente de tudo que me tens revelado direta e indiretamente, ciente de tudo o que significa tua criação.

Em minha mente, espelho do teu ser, tudo indica tua presença, tua criação e teu ser. Sou o que quiseste que eu fosse.

Tudo faço visando realizar o que queres que me torne. Vivo consciente de que estou imerso em teu ser.

Que queres de mim? Que devo fazer em face de teu ser?

Não me incomodo com as dores, provas e sofrimentos a mim impostos. Comove-me, e me movimento no auxílio, quando lido com a dor e o sofrimento do outro. Às vezes, pergunto-me até onde vais com isso tudo, principalmente quando percebo que o sofrimento do outro nem eu mesmo suportaria.

Faz-me senti-lo em cada ato que realizo.

Acorda-me para a compreensão de minha própria essência.



Realiza-te em mim, tornando-me consciente de tua presença em minha individualidade.

Alimenta em mim a construção de minha auto-determinação.

Contribui para uma maior empatia em minhas relações com os outros, reconhecendo-te neles.

Sê comigo um só.

Sentindo Deus em si mesmo

Perceber-se, identificar-se e apropriar-se constantemente da íntima conexão com aquilo que o constituiu.

Persistir em querer aproximar as polaridades Eu x Deus, percebendo um fluxo contínuo na unidade Eu-Deus.

Mesmo exercendo as atividades cotidianas, manter a consciência do eu, permanecer naquela íntima conexão.

Ouvir a Grande Voz que ressoa nos íntimos pensamentos. A individualidade que se é vibra constantemente, representando-se no *ego*.

Em tudo que se fizer e em qualquer coisa que se pensar, Deus se faz acontecer.

Lembretes

Enfrentar os desafios da vida com determinação, coragem e discernimento; mesmo assim, saber os momentos em que se deve recuar ou abandonar algum objetivo. A vida ensina as mesmas coisas em diferentes experiências. Uma outra direção, bem como uma outra estratégia, pode ser a medida adequada a ser tomada.

Já que nem sempre se poderá evitá-la, descobrir as verdadeiras razões da raiva quando ela ocorrer. Procurar não represá-la definitivamente, buscando direcioná-la a alguma atividade produtiva e coerente com a própria personalidade. Fazer da raiva uma aliada, visando a capacidade de realização e o crescimento pessoal.



Adenáuer Novaes

Procurar compreender as razões últimas dos próprios segredos, pois eles revelam certas fragilidades inconscientes na personalidade. Sempre que possível, compartilhar os segredos pessoais com alguém. Evitar comentar os segredos alheios que se venha conhecer.

A paciência está diretamente relacionada à sabedoria. A hora de intervir e agir em determinados momentos deve estar a serviço de propósitos maiores que contribuam para a própria evolução e a do outro.

A senha da vida é o amor, que resulta no surgimento do amor no outro. No íntimo de cada ser existe uma eterna e inesgotável fonte de amor e de força propulsora para todas as realizações da vida. Pôr conscientemente essa fonte em movimento constante.

A Religião Pessoal é o passaporte para a transcendência a qualquer dimensão, sobretudo para aquela em que o ser humano põe o seu futuro.



Glossário ²⁶

Ânima. O aspecto feminino interior do homem. Representa o somatório das experiências do homem com mulheres (mãe, irmã, amiga, esposa, amante etc.). É a imagem feminina “perseguida” pelo homem. Sua projeção inicial estabelece-se primeiramente na mãe e, depois, sobre outras mulheres. É uma espécie de *imago* materna que acompanha e influencia o homem por toda sua vida. O homem tende a, inconscientemente, comparar toda mulher, que se apresente a ele, com sua *ânima*. Jung considerava importante o confronto com a *ânima/ânimus* para o desenvolvimento do ser humano.

Ânimus. O aspecto masculino interior de toda mulher. Representa o somatório das experiências da mulher com homens (pai, irmão, esposo, amigo, amante etc.). É a imagem masculina “perseguida” pela mulher. Jung dizia que “Como a *anima* corresponde ao Eros materno, o *animus* corresponde ao Logos paterno.”²⁷ “O *animus* é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, e mais ainda, é um ser criativo e engendrador, não na forma da criação

²⁶ Adaptado do livro *Mito Pessoal e Destino Humano*, do autor.

²⁷ Jung, C. G. *Obras Completas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982. v. IX/2, par. 29, p. 12.



masculina.”²⁸ Da mesma forma que com a *ânima*, é desejável a integração parcial do *ânimus* a fim de auxiliar o indivíduo a lidar com a complexidade das relações interpessoais, assim como consigo mesmo.

Arquétipo. Estruturas virtuais, primordiais da *psiquê*, responsáveis por padrões e tendências de comportamentos comuns. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. São universais, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem. Pode-se percebê-los pelos *complexos* que todos têm, pelas imagens arquetípicas que geram, assim como pelas tendências culturais coletivas.

Complexo. Conteúdos psíquicos carregados de afetividade, agrupados pelo tom emocional comum. São “temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes”, e que “reagem mais rapidamente aos estímulos externos”. “São manifestações vitais da *psiquê*, feixes de forças contendo potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona.”²⁹ São unidades vivas dentro da *psiquê* inconsciente e que gozam de relativa autonomia. Eles se formam no inconsciente, de forma involuntária e a partir das várias experiências da vida. Por vezes se é dirigido pelos *complexos*. Eles não são elementos patológicos, salvo quan-

²⁸ Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981. v. VII, par. 336, p. 198.

²⁹ Silveira, Nise. *Jung Vida e Obra*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994. p. 37

do atraem para si excessiva quantidade de *energia psíquica*, manifestando-se como conflito perturbador da personalidade. Os *complexos* têm a facilidade de alterar o estado de espírito, sem que se aperceba de sua presença constelada na consciência. À semelhança de um campo magnético, não são passíveis de ser observados diretamente, mas por meio da aglutinação de conteúdos que lhes constituem. No âmago de um *complexo*, sempre se encontra um núcleo arquetípico. Os *complexos* são elementos presentes nas obsessões espirituais.

Ego. O sujeito da ação consciente. Num certo sentido, é o primeiro *complexo* a se formar na consciência, sendo seu centro. Estrutura-se a partir do inconsciente e é, muitas vezes, confundido com o centro organizador e diretor do aparelho psíquico, o *Self*. Conhecer a si mesmo não é conhecer o eu ou *ego*, que só conhece seus próprios conteúdos, mas, também, conhecer aquele centro organizador. O processo de desenvolvimento da personalidade, a *individuação*, consiste em diferenciar o *ego* de suas estruturas arquetípicas auxiliares. O *ego*, o *Self* (centro organizador da *psiquê*) e o *ego* onírico (o eu dos sonhos) são instâncias psíquicas diferentes. O *ego* se baseia no *arquétipo* do *Si-Mesmo*, sendo, de certa forma, seu agente no mundo da consciência.

Energia psíquica. A energia vital que impulsiona o ser humano em seu *processo de individuação*. Através dela, existente na *psiquê* de cada ser humano, vivem-se as experiências necessárias para o desenvolvimento da personalidade. É a energia que promove a vida e faz com que ela aconteça. Palavras como desejo, impulso, vontade e instinto estão diretamente relacionadas ao conceito de *energia psíquica*.

Extroversão. Movimento promovido pela *energia psíquica* na direção do objeto externo. O sujeito é mobilizado pelo objeto externo, atribuindo-lhe um valor maior do que o que ele tem. Na extroversão, o indivíduo está alienado de si em função do objeto e de toda a subjetividade que o compõe. Na extroversão, o indivíduo se volta para fora, em direção a seu desejo, subordinando-se às solicitações oriundas do objeto.

Função transcendente. Função psíquica que permite a geração de um símbolo entre conteúdos inconscientes e conscientes, pela confrontação de opostos. Essa função permite que os conteúdos do inconsciente possam vir à consciência na forma de símbolos e fantasias.

Imago Dei. Engrama psíquico representado pelas imagens sagradas de Deus. Tudo que, para o ser humano, representa Deus, é gerado pela *Imago Dei* presente em seu psiquismo. Todos os adjetivos, figuras, representações simbólicas, sentimentos e concepções lógicas ou subjetivas a respeito de Deus são originários da marca impressa no psiquismo humano, denominada *Imago Dei*.

Individuação. Um dos conceitos centrais da Psicologia Analítica de Jung. É o processo de desenvolvimento da personalidade pela diferenciação psicológica do eu. É um processo no qual o *ego* visa tornar-se diferenciado da coletividade, embora nela vivendo, ampliando suas relações. Para se alcançar a *individuação* é necessário evitar as tendências coletivas inconscientes. A *individuação* respeita as normas coletivas e o individualismo as combate. O contrário à *individuação* é ceder às tendências egocêntricas e narcisistas ou à identificação com pa-

péis coletivos. A *individuação* leva à realização do *Self*, e não simplesmente à satisfação do *ego*. É um processo dinâmico que passa pela compreensão da finitude da existência material, objetiva, face à inevitabilidade da morte física.

Introversão. Movimento da *energia psíquica* na direção de conteúdos internos da *psiquê*. É uma espécie de regressão da libido no psiquismo humano. Na introversão, a pessoa dá mais valor ao seu próprio mundo subjetivo, dando pouca atenção à realidade, isto é, o objeto tem pouco valor em relação ao sujeito.

Persona. *Complexo funcional* que permite ao *ego* apresentar-se e adaptar-se a situações externas ligadas à convivência. O termo *persona* deriva das máscaras que os atores gregos usavam para os diversos papéis ou personalidades que interpretavam. É o aspecto ideal do eu que se apresenta ao mundo e que se forma pela necessidade de adaptação e convivência pessoal. É o que se pensa que é. Muitas vezes a *persona* é influenciada pela *psiquê* coletiva, confundindo as ações como se fossem individuais. Ela representa um pacto entre o indivíduo e a sociedade, sendo um conjunto de personalidades ou uma multiplicidade de pessoas numa só. A identificação do *ego* com a *persona* provoca o afastamento da identidade pessoal, isto é, corre-se o risco de não se saber quem realmente se é. Todos são, ao mesmo tempo, seres individuais e coletivos, pois, além de terem uma natureza singular também têm atitudes que os confundem com a coletividade.

Personalidade. Atitude externa de uma pessoa, em determinado ambiente, que envolve seu caráter, seus prin-

cípios, valores, sentimentos e demais aspectos acessórios, característicos da individualidade. Na personalidade de um indivíduo, estão incluídos seus processos conscientes e inconscientes, bem como tudo que envolve sua vida de relações. A personalidade de uma pessoa inclui sua individualidade, isto é, o Espírito que ela é. A personalidade não é a individualidade. Enquanto esta evolui, desenvolvendo-se ao encontro do *Si-Mesmo*, aquela é mutável a cada nova existência.

Psiquê. O mesmo que aparelho psíquico. Representa a totalidade das funções psíquicas e todos os processos que envolvem o deslocamento de energia a serviço do processo de *individualização*. Engloba não só os processos conscientes e inconscientes como também aqueles que fogem ao domínio imediato da realidade. Nele se encontram os opostos que anseiam em se completar. Jung dizia que a *psiquê* é o princípio e o fim de todo conhecimento, é o objeto e o sujeito da ciência. São quatro os níveis da *psiquê*: consciência pessoal, inconsciente pessoal, consciência coletiva e Inconsciente Coletivo.

Self. *Arquétipo* da totalidade, isto é, tendência existente no inconsciente de todo ser humano à busca do máximo de si mesmo e de encontro com Deus. É o centro organizador da *psiquê*. É o centro do aparelho psíquico, englobando o consciente e o inconsciente. Como *arquétipo*, se apresenta nos sonhos, mitos e contos de fadas como uma personalidade superior, como um rei, um salvador ou um redentor. É uma dimensão da qual o *ego* evolui e se constitui. O *Self* é o *arquétipo* central da ordem, da organização. São numerosos os símbolos oníricos do *Self*, a maioria deles aparecendo como figura central no sonho.

Si-Mesmo.³⁰ A individualidade humana, completamente desvestida dos aspectos coletivos inerentes à personalidade. É o Espírito, enquanto essência, princípio inteligente individualizado. O *Si-Mesmo* se realiza através do *ego*, isto é, na consciência, atualizando o *arquétipo* do *Self*. O *Si-Mesmo* é a essência do ser humano, princípio divino que se manifesta através da personalidade.

Sincronicidade. Conceito usado por Jung para designar dois ou mais eventos que parecem ter uma correlação, sem que se encontre um nexos causal entre eles. É um princípio de conexões *acausais*. Na ocorrência de fenômenos sincronísticos, o tempo e o espaço são reduzidos a vetores secundários, não quantificáveis. Tais eventos são chamados de fenômenos da *coincidência significativa*. Jung dizia que os fenômenos da *sincronicidade* “mostram que o não-psíquico pode se comportar como o psíquico, e vice-versa, sem a presença de um nexos causal entre eles”.³¹ Os eventos ligados aos fenômenos da percepção extra-sensorial são considerados por Jung como sendo da *sincronicidade*.

Sombra. Representa o que não se sabe ou se nega a respeito de si mesmo. A *sombra* é o *arquétipo* que representa os aspectos obscuros da personalidade e desconhecidos da consciência e que estão mais acessíveis ao *ego*. Normalmente tem-se resistência em reconhecer e integrar a própria *sombra*, o que leva o indivíduo, inconscientemente, às projeções. Essa integração é geralmente feita com relativo esforço moral. A *sombra* representa o

³⁰ Para Jung, *Self* é o *si-mesmo* (selbst).

³¹ Jung, C. G. *Obras Completas*. 2ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991. v. VIII, par. 418, p. 220.

Adenáuer Novaes

que se considera mal, e o que o ser humano não se dá conta de que lhe pertence, fazendo parte dele tanto quanto o bem. A *sombra* contém o bem e o mal desconhecidos ou negados no ser humano, ou que não foram conscientizados. Portanto, é acertado dizer-se que a *sombra* contém também qualidades boas. Ela dá lugar à *persona* por uma necessidade de adaptação social. Sua exposição torna o indivíduo inadequado e inviabiliza sua convivência harmônica. Nos sonhos, a *sombra* costuma aparecer como personagens do mesmo sexo do sonhador, muitas vezes em atitudes aversivas ou como alguém conhecido e antipatizado por ele. Tem-se uma tendência a projetar as características pessoais da *sombra* nos outros, considerando-os moralmente inferiores. Reconhecer a própria *sombra* é um grande passo no processo de *individuação*. A *sombra* se opõe ao *ego* e ambos se relacionam num regime mútuo de compensação.

Supra-arquetípico. Tendências divinas a que todo ser humano está sujeito, além daquelas internas, direcionadas pelos *arquetipos*. É aquilo que obedece a leis universais, por enquanto, sem qualquer possibilidade de manipulação pelo humano. O *supra-arquetípico* é aquilo que limita o ser humano, impossibilitando-o de fazer ou ser diferente. O *supra-arquetípico* é o Divino que a tudo permeia.